

SEROES.



Summario

MAGAZINE

PAG.

A PINTURA DE MALHOA (20 <i>illustrações</i>) por RAMALHO ORTIGÃO	257
CASTELLO DO NORTE DE PORTUGAL (13 <i>illustrações</i>) por MANOEL MONTEIRO.....	274
BENITA — Romance Africano. (4 <i>illustrações e 1 vinheta</i>) por H RIDER HAGGARD	282
EXPOSIÇÃO DE BELLAS-ARTES, NO RIO DE JANEIRO (7 <i>illustrações</i>)	294
EFFEITOS DE LUZ (2 <i>illustrações, photographias de um poeta</i>).....	297
O VESTIDO DA JAPONEZA (8 <i>illustrações</i>) por WENCESLAU DE MORAES	298
O TIO FEIRA (2 <i>illustrações</i>) por MARGARIDA DE SEQUEIRA.....	302
A FLORESTA — Versos. (2 <i>illustrações</i>) por JOÃO DE BARROS	305
A MUSICA DOS VENDILHÕES (39 <i>illustrações e 2 vinhetas</i>) por ADRIANO MERÊA.....	307
THOMASO CANIZZARO (3 <i>illustrações</i>)	315
COSTUMES DE MACEIÓ (3 <i>illustrações</i>) por L. LAVENÈRE.....	318
NA SEMANA SANTA — O CONCURSO DOS DEVOTOS (<i>Photographia</i> de LIMA.....)	320
SE A MOCIDADE SOUBESSE... — Conclusão. (3 <i>illustrações e 1 vinheta</i>) por AGNES E EGERTON Castle	321
HISTORIA DE UM VEADO (6 <i>illustrações</i>)	330
LENDAS AÇORIANAS — A SENHORA DO PRANTO (2 <i>illustrações e 1 vinheta</i>) por RAPOZO DE OLIVEIRA.....	333
OS SERÕES DOS BÉBÉS — A PERA VINGATIVA. (7 <i>illustrações</i>) por ZELIO.....	336
CHUVADAS DE MAIO (1 <i>illustração</i>).....	338
O LEQUE (<i>Versos</i>) por ALCANTARA CARREIRA.....	338
SECÇÃO DE XADREZ (15 <i>diagrammas</i>) por BALDAQUE DA SILVA.....	339
ACTUALIDADES (21 <i>illustrações</i>).....	340
CONCURSO PHOTOGRAPHICO DOS SERÕES (<i>Estrada de Odivellas</i>) Photographia do Sr. ALFREDO F. DE LEMOS	317

OS SERÕES DAS SENHORAS (27 *illustrações*)

CHRONICA GERAL DE MODAS. pag. 169	UM LIVRO MARAVILHOSO pag. 176
TOILETTES MODERNAS..... » 169	IDEAES DE BELLEZA » 176
CHAPEUS ELEGANTES » 170	LAVORES FEMININOS..... » 177
MODAS PARA CRIANÇAS..... » 171	PORTE JOURNAL..... » 177
Os NOSSOS FIGURINOS..... » 172	ALMOFADA BORDADA E ARREMATADA
CHAPEUS DA ESTAÇÃO..... » 173	COM RENDA..... » 177
A CARICATURA DA MODA..... » 174	MOVEIS QUE VALEM FORTUNAS..... » 177
JOIAS QUE MORREM » 174	CARACTER DAS SOBRANCEIHAS » 178
A NOSSA FOLHA DE MOLDES. » 175	ALVITRE DE MENDIGO..... » 178
DOIS ELEGANTES FIGURINOS » 175	PELOS ALTOS — IDYLLIOS REGIOS » 179
CORPO DE VESTIDO PARA COMMUNHÃO. » 175	CONSULTORIO DE LUIZA » 180
CABEÇÃO COM APPLICAÇÕES DE LACET » 175	NOTAS DAS DONAS DE CASA » 182
CINTO PARA VESTIDO..... » 176	CONTRASTES..... » 184

A MUSICA DOS SERÕES

PETITE MAZURKA DE SALON

Por JULIO NEUPARTH..... 4 paginas

Correspondencia dos SERÕES

COLLABORAÇÃO ESPONTANEA

Continua a affluir á redacção dos *Serões* grande copia de subsidios de diversa indole — artigos de informação e litterarios, poesias, photographias, etc. — que muito e muito cordalmente agradecemos.

Cumpre-nos todavia, mais uma vez, e bem a nosso pezar, resistir á natural impaciencia dos autores que desejam vêr em breve prazo publicadas as suas producções. A ordem da publicação obedece a varias circumstancias, que é muito difficil explanar minuciosamente, mas entre as quaes avultam a actualidade palpitante dos assumptos, a facilidade da illustração, a extensão dos artigos, conveniencias a que tem muitas vezes de ceder o passo a ordem chronologia. A propria collaboração encomendada é muitas vezes prejudicada por essas diferentes exigencias, a que tem de sujeitar-se a publicação d'esta ordem.

Eis a resposta que mais uma vez damos a frequentes reclamações e pedidos que nos dirigem, e cuja falta de satisfação não significa menos apreço pelos amaveis collaboradores dos *Serões*.

Isto não evita que insistamos pela remessa de artigos que estejam na indole da nossa revista, especialmente todos os que digam respeito a localidades, monumentos, episodios historicos, obras de arte, etc. referentes a Portugal, Brazil e colonias portuguezas. Artigos ha, convem notar isto, a que circumstancias occasionaes ou qualquer das conveniencias apontadas poderão dar cabimento immediato, e que portanto não serão prejudicados pela ordem de inscripção, á qual nunca poderemos obedecer rigorosamente.

A PINTURA DE MALHÔA

N'este admiravel artigo, devido á penna brilhantissima de um mestre em critica de arte, Ramalho Ortigão, inserimos photogravuras de um grande numero de quadros do notavel pintor portuguez. A escassez de espaço não nos permittiu multiplicarmos ainda essa illus-

tração, a que a fecundidade de Malhõa poderia dar proporções consideraveis. Mas occorrenos lembrar que na 1.^a serie dos *Serões*, vol. II, pag. 302, se acha raproduzido o quadro *A volta da romaria*, o qual por esse motivo não reproduzimos de novo.

QUEBRA-CABEÇAS

Esta secção não terminou, como suppõem alguns dos nossos prezados leitores. Esperamos que um acrescimo de interesse nos leve a continual-a e nos compense dos embaraços produzidos pela falta de espaço. Por agora preenchemol a com uma parte importante, a dos problemas do xadrez, que um dos mais habeis xadrezistas portuguezes, o capitão de fragata Baldaque da Silva, se prestou amavelmente a dirigir.

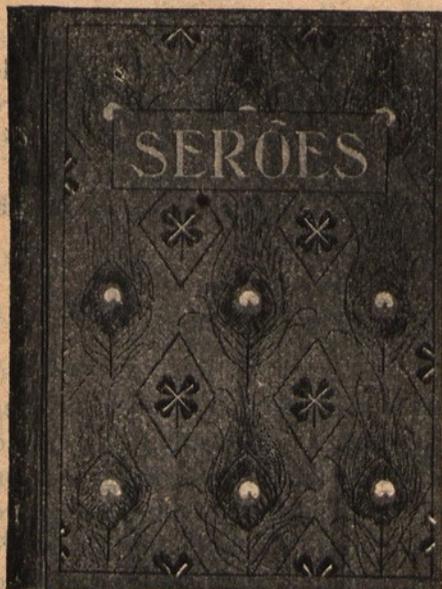
Quanto ás charadas, de que alguns correspondentes nos rogam a publicação, repetimos o que já mais de uma vez dissemos tanto n'estas paginas como no cabeçalho da respectiva secção. Teem cabimento, juntamente com problemas de diversa indole, todas as que se recommendem pela novidade ou curiosidade do engenho. Mas não poderemos ceder e espaço, que nos é precioso, a simples producções charadisticas, elaboradas segundo o ramerrão de ha cincoenta annos a esta parte, sem despertarem uma faisca de interesse intellectual ou sem se recommendarem pela sua feição litteraria,

SERÕES DAS SENHORAS

Algumas assignantes nos teem pedido firmas e monogrammas. Encontra-os-hão na nossa folha de moldes, correspondente a este numero, e entre elles os que nos foram designados especialmente por cartas.

Temos tambem recebido pedidos de moldes especiaes, a alguns dos quaes temos directamente satisfeito. Mas, como é avultado e trahaloso esse expediente, muitas vezes nos reservaremos a satisfazel-os com a publicação. na folha de moldes, dos que particularmente nos são requisitados.

As capas e encadernação dos "SERÕES,,



Os 6 primeiros numeros dos **SERÕES**, (parte propriamente do magazine) formam o 1.º vol. da 2.ª série — para a qual fizemos desenhar capas d'encadernação especial a preto e ouro — ao preço de 300 réis. «Os Serões das Senhoras» e a «Musica dos Serões» só formarão volumes no fim do anno, 12 numeros e para elles faremos tambem pastas especiaes.

Os nossos estimados assignantes das terras da provincia onde não haja encadernador podem enviar-nos os 6 numeros para encadernar — juntamente com a importancia do custo da capa 300 réis, empaste 100 réis e porte 100, ou seja réis 500, — e dentro de 4 dias receberão o volume encadernado.

O maço dos 6 numeros a enviar-nos deve ser muito bem embrulhado em papel consistente e atado com cordel forte, para que os numeros não sofram com a viagem. O pacote assim feito deve estampilhar-se com 80 réis de sellos — e ser dirigido a

FERREIRA & OLIVEIRA L.^{DA}

Rua do Ouro 132 a 138 — LISBOA

indicando o endereço e o nome do remetente.

O 1.º semestre encadernado da 2.ª série dos «**SERÕES**» forma um bello volume de 600 paginas, com mais de 600 gravuras, ao preço de Rs. 1.º600; — e se já os numeros avulso dos «**SERÕES**» se evidenciam pelo cuidado e quasi luxo da parte material e reduzido preço — o volume completo mais mostra que os «**SERÕES**» são a publicação relativamente mais barata que se tem feito em lingua portugueza.

GRANDE DEPOSITO

— DE —

Moveis de ferro e colchoaria

— DE —

JOSÉ A. DE C. GODINHO

54, Praça dos Restauradores, 56

— LISBOA —

A BRAZILEIRA

Casa especial de café do Brazil

A. TELLES & C.^ª

Rua Garrett, 120 (Chiado) e Rua Sá da Bandeira, 71 — PORTO

Telephone n.º 1:438

Café especial de minas geraes

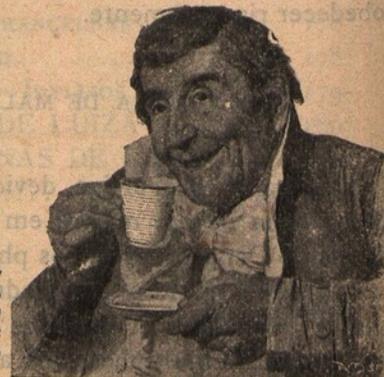
BRAZIL

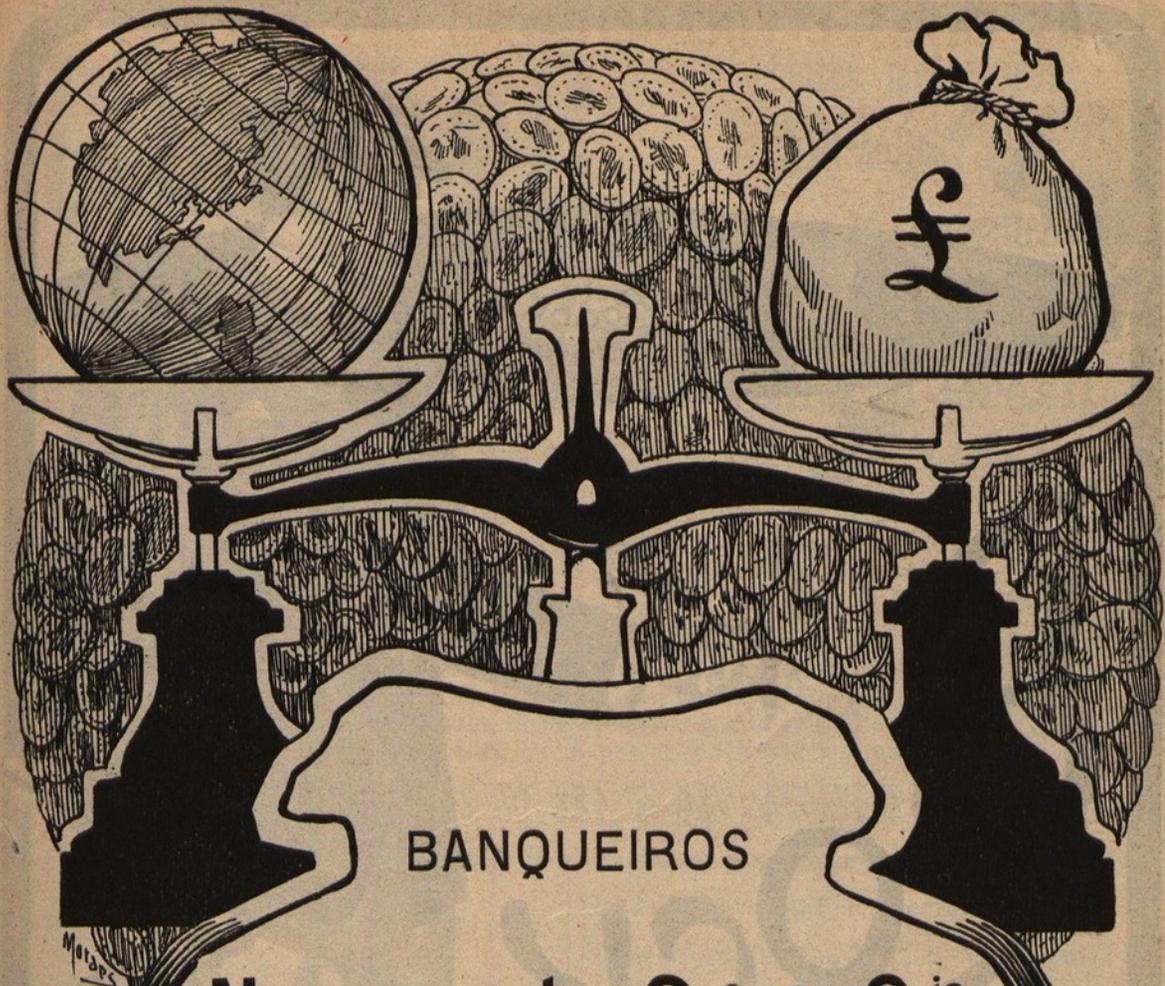
Torrado ou moido kilo 720

Todo o comprador tem direito a beber uma chavena de café gratuitamente

Depositos em Lisboa

Conservaria Pomona de Lisboa, rua da Prata, 111 a 113; Confeitaria Pires, rua da Palma, 68, 72; Pastellaria Raymundo, praça dos Restauradores, 22; Jacintho Nunes Quintas, rua Paschoal de Mello, 27; Casa Progresso de Bemfica, rua Direita de Bemfica, 212 e 212-B; Pastellaria Taboense, rua de D. Pedro V, 55. e em todas as succursaes da Companhia de Panificação Lisbonense.





BANQUEIROS

Nunes de Sá & C.^{ia}

SACAM sobre:

- 430 Agencias em Portugal e Ilhas.
- 854 " " Hespanha.
- 36.145 " " Italia, Syria, França, Inglaterra, Montevidéo,
Buenos Ayres e demais praças no Estrangeiro.

EMITTEM cheques de qualquer quantia para pagamento de encomendas postaes e fazem remessa de dinheiro por telegrammas para todos os paizes.

As letras e cheques entregam-se immediatamente

RUA 1.º DE MARÇO, 17
RIO DE JANEIRO



A vintage advertisement for Pook cigars. The central illustration shows a man in a dark suit, light trousers, and a hat, walking and smoking a cigar. He is carrying a large, dark cigar case over his shoulder, which has a circular label with the word "Pook" on it. The background is a light, textured grey. The entire scene is framed by a dark, rounded border.

Pook

CASA
CLAUSEN

RIO DE JANEIRO

P. Marinho Sr.

MORAP

GUINLE & C.

Engenheiros mechanicos,
hydraulicos
electricistas e empreiteiros

IMPORTADORES DE MACHINAS E MANUFACTURAS NORTE-AMERICANAS

Rua do Ouvidor, 64 B—Rio de Janeiro-Brasil

OFFICINAS E DEPOSITOS: 13, Rua Nova do Ouvidor, 13 e 89, Rua de S. Leopoldo, 89

FILIAES: Rua Direita n.º 7, S. PAULO

Rua dos Andradas n.ºs 349 e 349 A, PORTO ALEGRE — **Agencia:** Rua da Bahia, BELLO HORIZONTE e Rua Conselheiro Saraiva, 34, BAHIA

Telephone n.º 385

Endereço postal: Rio, Caixa 954 Endereço postal: S. Paulo, Caixa «Q» — Endereço postal: Porto Alegre, Caixa 64 — Bahia, Caixa 164

Endereço teleg. Rio, S. Paulo, Porto Alegre e Bahia «FUSE» — Codigos A. I., A. B. C., Liebers Especial e Western Union

UNICOS REPRESENTANTES NO BRASIL DAS SEGUINTE FIRMAS:

General Electric Co. Aparelhos electricos para força e luz.

Pelton Water Wheel Co. Rodas de aguas turbinas, etc.

Mercedes Daimler. Automoveis.

Babcock & Wilcox Co. Caldeiras a vapor.

J. G. Brill Co. Trucks para carros e vagoes.

The Chloride Electrical Storage Company Ltd. Accumuladores electricos.

A. L. Ide & Sons. Machinas a vapor "Ideal"

Chicago Pneumatic Tool Company. Machinas e ferramentas de ar comprimido.

Cleveland Twist Drill Co. Brocas americanas.

L. S. Starrett Co. Ferramentas finas.

John A. Roebling's Sons Co. Cabos e fios para transmissao de energia electrica.

Billiken Brothers. Construcções de ferro, aço, pontes, etc.

J. A. Fay & Egan Co. Machinas para trabalhar em madeira.

Lozier Motor Co. Motores e lanchas a gazolina.

American Locomotive Co. Locomotivas.

Cincinnati Tool Co. Ferramentas.

Goodell-Pratt Co. Ferramentas finas.

Globe-Wernicke Co. Mobilia de escritorio.

Worthington Pumping Engine Co. Bomba a vapor.

Mietz & Weiss. Motores a gaz e kerozene.

Otis Elevator Co. Elevadores electricos.

The Gutta Percha and Rubber Mfg Co. Artefactos de borracha.

Sherwin-Williams Co. Tintas pr paradas e vernizes.

Swan & Finch Co. Lubrificantes.

International Paper Co. Papel para impressao.

Hall Signal Co. Signaes para estrada de ferro.

Standard Varnish Works. VERNIZES.

Hammond Typewriter Co. Machinas de escrever.

Victor Talking Machine Co. Gramophones e accessorios.

Eastman Kodak Company. Apparelhos photographicos.

A EQUITATIVA

PAO
DE
ASSUCAR

DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL

Sociedade de Seguros
Mutuos sobre a vida
terrestres-maritimos

SÉDE SOCIAL

AVENIDA CENTRAL, 125 (Rio de Janeiro)

FILIAL EM PORTUGAL

LARGO DE CAMÕES, 11, 1.º

LISBOA

Serão attendidos todos os pedidos de tabellas
de premio, prospectos e outras informações, que
sejam dirigidas á séde ou á filial.

Ottoni. Silva & Cia

RUA PRIMEIRO DE MARÇO

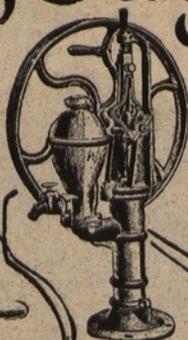
13 e 15

TELEPHONE 912.

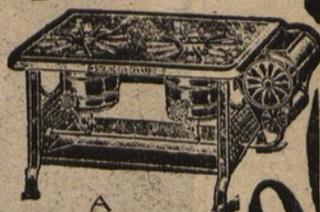
RIO DE JANEIRO



MOINHO
PARA CAFÉ



BOMBAS



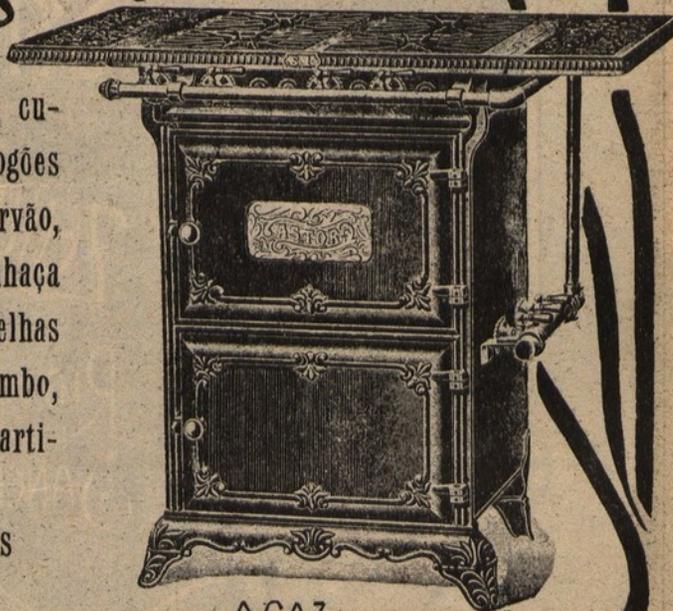
A
PETROLEO.



A LENHA



MACHINA
PARA
CARNE.



A GAZ

Importação de ferragens, cutelarias, louças de ferro, fogões a gaz, alcool, kerozene e carvão, tintas, vernizes, oleos de linhaça e para machinas, cimento, telhas zincadas, arame farpado, chumbo, carrinhos de mão e outros artigos para construcções.

UTENSILIOS PARA COSINHAS

Obtem-se MAIS GRACA,
MAIS BELLEZA,
bebendo sómente
"SALUTARIS"
Depositarios:
ZENHA RAMOS & CIA
RIO DE JANEIRO.

Amorim 98

Detailed description: This is a vintage advertisement for 'SALUTARIS' tonic. The central image shows a woman with dark, curly hair, wearing a dark, off-the-shoulder dress with a light-colored, intricate pattern. She is smiling and holding a large, dark rectangular sign. The sign contains the text: 'Obtem-se MAIS GRACA, MAIS BELLEZA, bebendo sómente "/>

RENASCENÇA

REVISTA MENSAL DE LETRAS, SCIENCIAS E ARTES

Editores-proprietarias E. BEVILACQUA & C.

Rua do Ouvidor, 151 — RIO DE JANEIRO

Publicada sob a direcção de

RODRIGO OCTAVIO e HENRIQUE BERNARDELLI

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURAS PARA O ANNO DE 1906

Estrangeiro.....	20\$000	Registro.....	5\$000
Rio de Janeiro e Estados	18\$000	»	3\$000
Centro Commercial	15\$000		
Numero avulso: Capital 1\$500. Estados 1\$700. Numero atrasado 3\$000			

PREÇOS PARA PORTUGAL

Assignatura annual	6\$000
» com registro.....	8\$000
Numero avulso.....	\$600

Os editores não respondem pelo extravio devido ao correio, havendo todo o cuidado na expedição da Revista. Para evitar os extravios, lembramos ao Senhores assignantes, ao reformarem suas assignaturas, authorisarem-nos o registro mediante o augmento em assignatura, da importancia de Rs. 3\$000 para o interior e Rs. 5\$000 para o exterior.

O assignante que, no correr da sua assignatura mudar de endereço, queira fazer acompanhar seu aviso da importancia de Rs. \$500.

AO LEITOR. As reclamações, assignaturas, collaboração e tudo quanto diga respeito á nossa Revista, queiram endereçar sempre e simplesmente

Á Administração da Revista RENASCENÇA

Rua do Ouvidor, 151 — RIO DE JANEIRO

IMPORTANTE

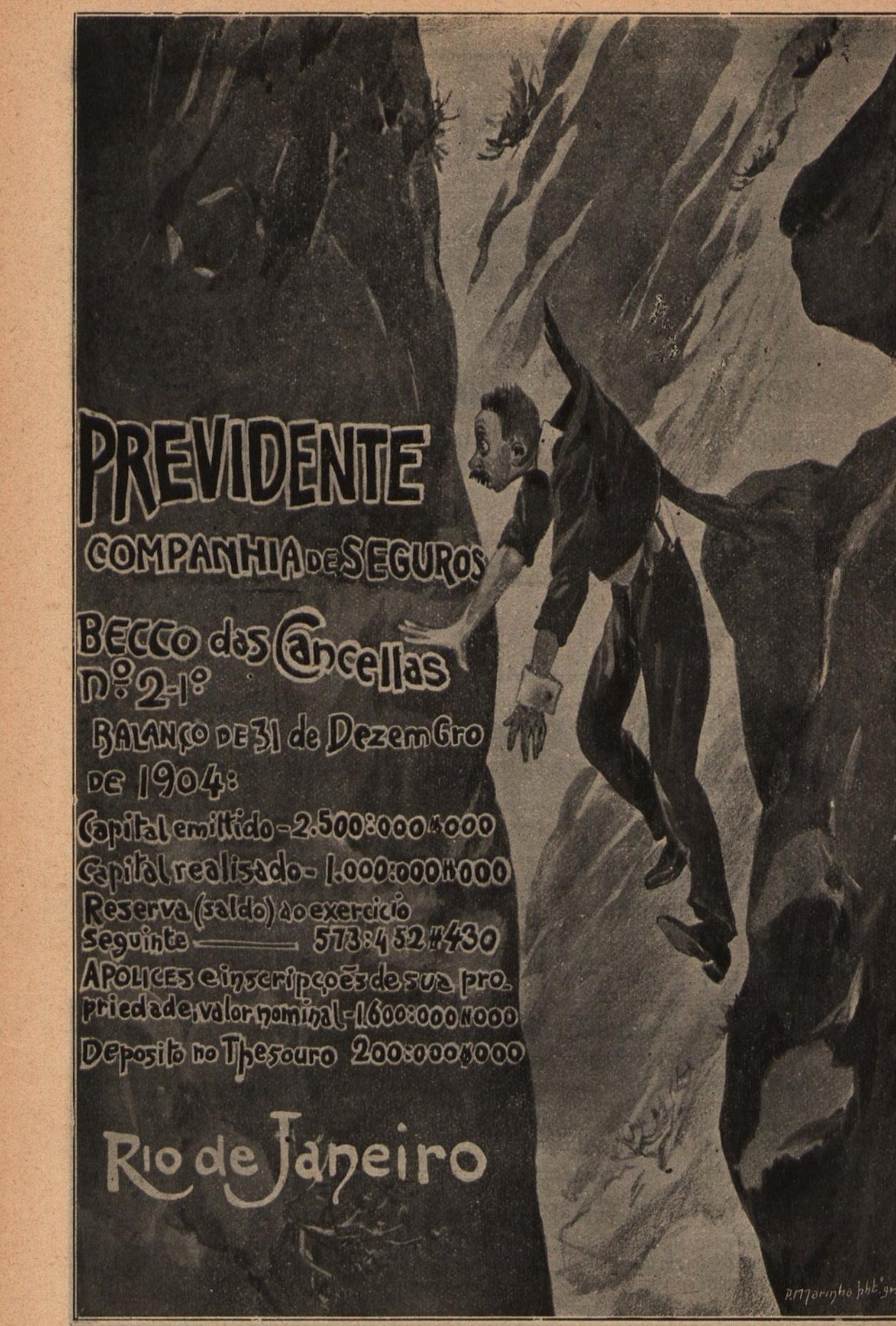
OS SENHORES ASSIGNANTES QUEIRAM INDICAR OS NUMEROS DAS SUAS ASSIGNATURAS

Na Administração da **Renascença** — Rua do Ouvidor, 151 — compra-se o n.º 2, da Revista a Rs. 5\$000 o exemplar em perfeito estado de conservação.

Vende-se a collecção do 2.º, 3.º e 4.º volume a Rs. 22\$000 o volume, e Rs. 40\$000 a collecção do 2.º anno que termina com o presente numero.

Vantagens aos assignantes da RENASCENÇA

Os Senhores assignantes da RENASCENÇA até a importancia de suas assignaturas, á vista do recibo, terão o abatimento de 70% em musicas da nossa edição, compradas de uma só vez.



PREVIDENTE
COMPANHIA DE SEGUROS

BECCO das Cancellas
Nº 2-1º

BALANÇO DE 31 de Dezembro
DE 1904:

Capital emitido - 2.500:000\$000

Capital realizado - 1.000:000\$000

Reserva (saldo) do exercício
Seguinte ————— 573:452\$430

APOLICES e inscrições de sua pro-
priedade, valor nominal - 1.600:000\$000

Deposito no Tesouro 200:000\$000

Rio de Janeiro

CASA CLARK

O mais importante estabelecimento de calçados finos, Perneiras, Capas de borracha, Meias e artigos para Tennis e Foot-Ball.

UNICO DEPOSITO

do afamado **calçado CLARK** considerado como o melhor em todo o Brazil tendo conquistado sempre o primeiro lugar em todos os mercados.

O calçado CLARK além de ser extraordinariamente commodo elegante e duravel é o unico que resiste a toda e qualquer humidade.

As recentes novidades em calçados finos para homens, senhoras e creanças encontram-se na CASA CLARK

67-B Rua do Ouvidor
RIO DE JANEIRO



SEM RIVAL para a limpeza e conservação dos dentes.

DEPOSITO

Rua Nova do Almada, 81 e Rua do Carmo, 83

LISBOA

Javol

USAE-O hoje, amanhã e sempre * * Limpae a cabeça * Refrescae a cabeça * Perfumae a cabeça com 

Javol

Chamamos a atenção para as condições dos annuncios, que inserimos na capa dos Serões.

FABRICANTES DA ACREDITADA **ÁGUA INGLEZA DE GRANADO**



GRANADO

& C.^A

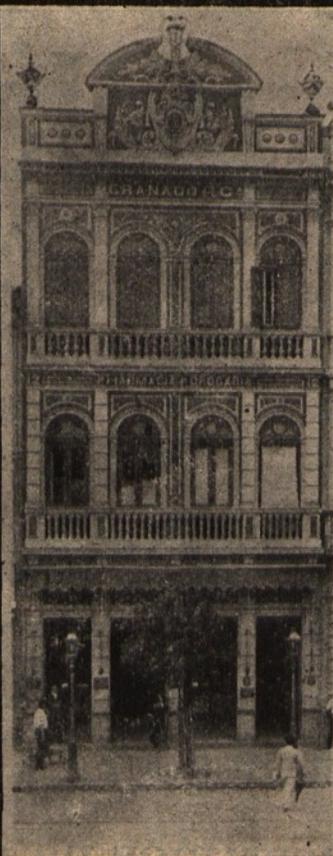
Pharmaceuticos

Droguistas

Fabricantes

RUA 1.º DE MARÇO, 12

Caixa do correio, 1252
End. Teleg. «GRANADO»



Grande
Laboratorio
Chimico
e Pharmaceutico

A VAPOR

Rua Valle do Rio Branco, 27

Fornecem-se preços correntes

RIO DE JANEIRO

B. gr.

OFFICINA
PHOTOMECANICA
 S.^o AMARO & LISBOA
 ESCRITORIO. ✱
 C.^o DO FERREGIAL. 6-1.^o ✱
 Photolithographia
 e Photogravura.
 THOMAZ BORDALLO PINHEIRO

JAVOL

Usae-o hoje, amanhã e sempre

☞ ☞ Limpae a cabeça ☞ ☞

Refrescae a cabeça. Perfumae

a cabeça ☞ ☞

com  **JAVOL**



AGUA CASTELLO



Minero-gazosa, litbinada natural

DE

— MOURA —

Refrigera os sãos e cura os doentes

A melhor, a mais pura e a mais barata das aguas de meza do Paiz.

Agradabilissima ao paladar, tomada simples ou misturada com cognac, leite, wiskey, vinho, etc. — premiada na Exposição de S. Luiz e no Palacio Crystal do Porto.

ESCRITORIO E DEPOSITO

123, RUA DA CONCEIÇÃO

Telephone 880

Empreza das Aguas de MOURA ASSIS & C.^a

LISBOA

Veja-se na capa dos Serões, os preços e condições dos annuncios.

SERÕES

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS:

- Aurora** — Revista mensal de critica social e literatura — Num. 8-9 Anno 1 — Summario — Leis positivas e leis tendencias, *P. Robin* — Sobre a vida e o gozo de viver, *F. Armand* — O principio de organisação, *H. Malatesta* — Mas alguém desmanchou a festa, *L. Marsolleau* — Lingua internacional, *C. Papillon* — O problema da immigração, *N. Vasco* — As prisões, *P. Cropotkine* — Volta ao mundo em 30 dias, *Lucifer* — Folheando a imprensa, *H. Dagan* — El Hombre y la Tierra — Bibliographia, *G. A. Frontini* — Registo d'entrada — Notas e avisos.
- A Critica Litteraria** — Publicação mensal primeira e unica no genero nos Estados Unidos.
- A Vinha Portuguesa** — Revista mensal de viticultura, de agricultura geral. — Dedicado aos progressos agricolas, e principalmente viticolas, do paiz.
- O Instituto** — Revista scientifica e litteraria — Volume 53.º, n.º 3, março de 1906.
- Boletim da Associação do Magisterio Secundario Official** — Anno II — Março e Abril de 1906 — Fasciculo X. Summario — De sobre aviso — O caso do Lyceu de Braga — Analyses Bibliographicas — Os novos Lyceus de Lisboa e Porto — Os nossos mortos — Varia — Legislação — Bibliographia.
- O Comentario** — Revista mensal, publicada no Rio de Janeiro para divulgação de todos os acontecimentos que interessem á historia da Civilisação no Brazil — n.º 12 — serie III — Abril de 1906.
- Guia da cidade do Rio de Janeiro** — Por *Paulo Pessoa*, engenheiro civil — Publicado no Rio de Janeiro pelo 3.º Congresso Scientifico Latino-Americano.
- Illustração Theatral** — n.º 2 — 1 Abril de 1906. — Summario — Emilia d'Oliveira — De raspão — Os teus beijos — Novo barytono portuguez — Paga dobrada — Zigs-Zags — Chronica lyrica — Descantes — Pagina internacional — Qual é a actriz portugueza mais bonita — *Concurso*.
- A Instrucção do Povo** — Publicação mensal da Associação de Escolas Moveis pelo Methodo de João de Deus — Anno I n.º 8 e 9.
- La Lecture** — Revista de ciencias y de artes — Año VI — Abril de 1906 — Num. 64.
- Lyrios Roxos** — Primeiros versos — *Affonso Schmidt* — Com retrato do autor — Uma carta ás leitoras — Summario — Portico, Lyrio Rubro, Flor do Circo, Semelhança, Canção d'um triste N'um leque, Cavalleiro da noite, Sarau, Lyrio, A voz do sino, Cigarra, Versos á Maria, Si. ., Quando passas, Branca de Neve. Eil-a!, N'um album, Nevrose azul, Romantismo, Canção d'alma, Meia noite, Sorriso, Profissão de fé.
- Os Annaes** — Revista Brasileira n.º 77 — Anno III — 12 de Abril de 1906 — Semanario de Litteratura, Arte, Sciencia e Industria.
- Portugal Agrícola** — Dedicado aos interesses, fomento, progresso e defeza da iavoura na metropole e nas colonias — 17.º anno n.º 8 — 15 de Abril de 1906.
- Renascença** — Anno III, n.º 25 — Março de 1906 — Revista mensal illustrada — Editores proprietarios *E. Belivacque & C.ª* — Rio de Janeiro — Summario — Uma lenda litteraria, *José Verissimo*; *Haeckel*, *Thiago Guimarães*; Ignotos, *Dr. José Goes e Sequeira*; *Biblis*, *Carlos da Maia*; O Fogo, *Coelho Netto*; O Pharol, *Victor Silva*; Bristo, *Rodrigo Octavio*; O corsario, *B. Parapiacaba*; Alta Equitação, *Dr. Pires d'Almeida*; O livro da morte, *Cunha Mendes*; O Gil, *Domingos Ribeiro Pinho*; O que me disse a musa, *Mario Alencar*; O Pescador e as Sereias, *Coelho Netto*; Lyrica Ero-Archaico, *Dr. Pires d'Almeida*; Chronica Musical, *Iwan d'Hunac-Elorhard Brand*.
- Revista de Manica e Sofala** — Publicação mensal illustrada — 3.ª serie — Maio de 1906 — n.º 27.
- Revista de Minas** — Commercio, industria e lavoura — n.º 1 — Março 15 de 1906 — Proprietario *Raul Mendes* — Bello Horizonte.
- Revista Portuguesa** — Colonial e Maritima — n.º 100, 9.º anno — 20-1-1906 vol. 170 — *Ferin & C.ª* — Lisboa — Summario — Porto de Lourenço Marques, A Educação Naval em Inglaterra. Reorganisação das Esquadras Inglezas, Sul de Angola, Notas Navaes, Revista Ultramarino — Livros e publicações periodicas recebidas, Informações commerciaes.
- Revue d'Italie** — Directeur: *H. Mereu* — Sommaire — Un dernier mot sur la conférence, *Un Ancien Diplomate*; Rabelais á Reme (Suite et fin), *Aurelio Stoppolani*; Les correspondants du Peintre Fabre, *Léon G. Pelissier*; L'exposition de Milan, *R. di San' Ambrogio*; Cans de Rome, *Italo*; Chronique des lettres et de arts, *M. d'Albola*; Notes économiques, Bibliographie, *La Finance et la Bauose*.
- Sociedade dos Architectos Portuguezes** — Anno I — Anuario de 1905 — Summario — Trabalhos associativos, Biographias, Interesses geraes de classe, Assumptos technicos, Legislação, Varia.
- Sol** — «*Fléva Ribeiro*» — Edição de *A. M. Teixeira*, Lisboa — POESIAS — Summario — Symphonia de luar, Alvorada, Meio-dia, Eclipse, Poente.
- União Velocipedica Portuguesa** — Boletim official — n.º 12, 2.º anno — Março de 1906.

Fornecedores de S. M. El-Rei e Depositarios das publicações do Estado

ULTIMAS PUBLICAÇÕES:

João Chagas — Bom Humor, 1 vol.	
D. João de Castro — Jornadas do Minho, 1 vol.	
Jonathan Swift — Viagens de Gulliver, 1 vol. illustrado	300
Teixeira Botelho — O homem Primitivo, 1 vol. enc... ..	300
Lopes d'Azevedo — Historia dos Eclipses, 1 vol. enc.....	300
Cervantes — D. Quichote, 3 vol. cada br. 200, enc... ..	300
Adelino d'Abreu — Serra da Estrella, 1 vol. br. 800, enc.....	1\$000
Francis Chassereau Coombe — The Tourist's and Visitors Illustrated Pocket Guide to Lisbon Cintra, and Cascaes, 1 vol.....	300
Egas Moniz — Vida Sexual (physiologia), 1 vol. br. 1\$000, enc.....	1\$250
» — Vida Sexual (pathologia), 1 vol. br. 1\$000, enc..... (esgotado)	1\$250
Henrique de Vasconcellos — Flirts, 1 vol. br. 500, enc.....	700
Anthero de Figueiredo — Recordações e Viagens, 1 vol. br. 600, enc.	800
Maximiliano d'Azevedo — Em casa do filho, 1 vol.....	200
Henrique Lopes de Mendonça — Nó cego, 1 vol.....	300
Antonio Correia d'Oliveira — Parábolas, 1 vol. enc	700
» — Ara, poema, 1 vol. enc... ..	600
» — Auto de Junho	100
Theophilo Braga — Tricentenario da Publicação do Don Quichote, 1 vol. br.....	200
Antonio de Soveral — Libambos, 1 vol. br	500
A. Cruz de Rocha Peixoto — Os. conflictos Internacionaes ao principiar o se- culo xx, 1 vol. br	800
Maria P. Figueirinha — Contos para as creanças, 1 vol. enc.....	800
Raul Brandão — A Farça, 1 vol. br.	600
Arnaldo da Fonseca — Mulher amada, 1 vol. br.....	500
Candido Figueiredo — Lições praticas da lingua portugueza, 3 vol br. 2\$100, enc. 2\$700	
José Syder — O Jogo das Damas, 1 vol. br. 500, enc.....	650
Marcellino Mesquita — Almas Doentes, 1 vol br.....	400
Alfredo Keil — Collecção e Museus de Arte em Lisboa, 1 vol. br.....	200
Queiroz Ribeiro — Caminho do Céu, 1 vol. enc.....	800
Conego Anaquim — O Genio Portuguez aos pés de Maria, 1 vol. br.....	600
Gonçalves de Sousa — A seccagem da fructa, 1 vol. br.....	300
Alexandre Malheiro — Chronicas do Bihé, edição de luxo, 1 vol.....	1\$200
Augusto Louza — Na Suissa, 1 vol. br.....	500
Freire de Campos — Guia Pratico do creador e amator de cavallos, 1 vol. br....	600
Visconde de Villarinho de S. Romão — O Minho e as suas culturas, 1 vol. br... 2\$000	
José Joaquim d'Almeida — Coisas d'Africa, 1 vol. br.....	400
J. Mattos Braamcamp — O Tiro de caça, 1 vol. br.....	400
Augusto Fuschini — A architectura religiosa na edade media, 1 vol. br....	1\$500
Joaquim Madureira — Impressões de theatro, 1 vol. br. 1\$000, enc.....	1\$200

NO PRÉLO

- Emilio Garcia** — Os que furam, 1 vol. (comedia).
Alexandre de Sousa Figueiredo — Manual de Arboricultura, 1 vol. (2.^a edição).
Pedro Dória Nazareth — Primeiros soccorros a doentes, 1 vol. illustrado.
Lord Bulwer Lynton — Os ultimos días de Pompeia, 2 vol. illustrados.
C. Pina Machado — Alma Errante, Poema dramatico.

"OBRAS PRIMAS"

Com este titulo iniciámos uma bibliotheca dos melhores livros de todas as litteraturas antigas e modernas

O nosso plano — Desejamos pôr ao alcance de todos, ricos e pobres, em edições cuidadas e baratas, as joias mais bellas das litteraturas estrangeiras.

Iremos successivamente publicando obras de: Cervantes, Shakespeare, Molière, Goëthe, Shiller, Dickens, La Fontaine, Gorki, Wells, Rod, Prévost, Ibsen, Maupassant, Peredas, Galdós, Ibañez, D'Annunzio, etc., etc., etc

De cada auctor serão escrupulosamente escolhidas as **Obras primas**, e traduzidas por escriptores de reconhecido merito, obedecendo sempre a um plano unico — de utilidade educativa e honesto recreio; — de maneira que a nossa Bibliotheca virá a formar uma série das obras mais notaveis que o genio litterario tem produzido atravez dos seculos, e tornar-se-ha indispensavel a todos os espiritos cultos.

Cada volume será procedido d'um breve estudo sobre a vida do auctor e as condições que influenciaram a criação da sua obra, e da acção que exerceu no seu meio.

A Parte Material — Cada volume terá 300 a 400 paginas, cuidadosamente impressas em bom papel, sahindo um volume por mez,

A maioria dos volumes será illustrada com o retrato do auctor e com reproduções de gravuras das melhores edições já feitas de cada obra, ou com desenhos originaes d'artistas portuguezes; e, se o favor do publico nos auxiliar, iremos sempre introduzindo melhoramentos.

Assignaturas — Para facilitarmos, sobre tudo aos nossos clientes da provincia, a aquisição regular dos volumes da nossa Bibliotheca, fazemos um serviço de assignaturas por series de **5 e 10 volumes**.

O Preço — Cada volume custará:

===== Avulso em todo o paiz =====

Em brochura.....	200 rs.
Encadernado a panno, com forros especiaes.....	300 rs.

===== Por assignatura =====

Serie de 5 volumes (brochados).....	900 rs
» » » » (encadernados).....	1\$400 »
Serie de 10 volumes (brochados).....	1\$800 »
» » » » (encadernados).....	2\$700 »

Para tomar a assignatura basta enviar-nos um postal dizendo:

— Assigno as «**Obras Primas**» por (cinco ou dez volumes, encadernados ou brochados) — escrevendo bem claramente o nome e direcção do correio.

Ao recebermos este postal enviaremos immediatamente os volumes publicados contra cobrança da serie pedida.

Já publicado:

D. Quichote de la Mancha, por Miguel de Cervantes Saavedra — 3 grossos volumes, illustrados

Viagens de Gulliver, por Jonathan Swift — 1 volume.

Em publicação:

Os Ultimos Dias de Pompeia, por Lord Bulwer Sytten.

Pedidos á **LIVRARIA FERREIRA & OLIVEIRA, Lim.^{da}**

132, Rua do Ouro, 138 — Lisboa



Estudo para o quadro
Barbeiro na aldeia

JOSÉ MALHÔA



OS OLEIROS

A Pintura de Malhã



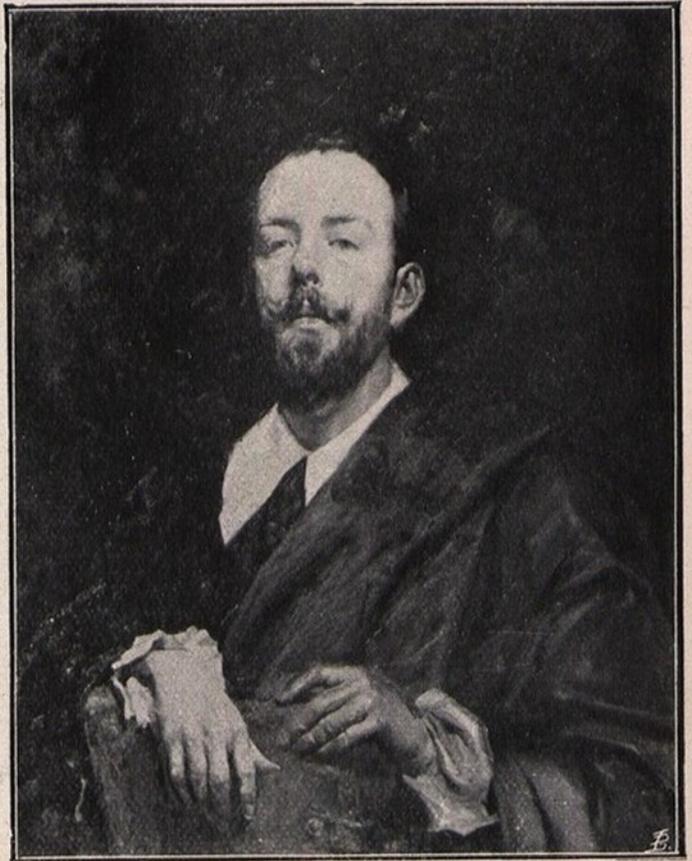
CABO de visitar a oficina de José Malhã, incluída na linda casa artística, de que elle é morador e o proprietário feliz, em uma das mais desafogadas e luminosas avenidas da nova Lisbõa.

O predio, engenhosamente concebido e delineado para abrigar n'um recinto meigo a intimidade carinhosa da familia e da arte, destaca-se das edificações adjacentes, conciliando-se todavia modestamente com a luz, com o espaço, com a paisagem e com a urbanisação ambiente.

Ao centro da fachada, um grande

arco envidraçado, por onde amplamente penetra a luz do atelier; a um lado, em ligeira curva, a breve escada de pedra alpendrada, que conduz á portinha da entrada; em frente, fechado por uma gradaria de ferro forjado, o pequeno jardim arrelvado, rescendente, florido de geranios e de violetas, offerece a esta vivenda, d'artista arranjado, uma accessibilidade jovial e discreta, que fica bem ao espirito do dono e á civilisação esthetica da cidade, trazendo á lembrança, ainda que sob a attenuação do meridiano local, as risonhas habitações de Claude Monet em França, de Leys na Belgica, de Querol ou de Sorolla em Madrid.

Interiormente, no primeiro plano do edificio, succedem-se, independentes, recolhidos, com o modesto conforto, e a ordem bem pregadinha de um *béguinage* flamengo, os apartamentos intimos da familia: o salãosinho conversador; a amigavel casa de jantar festivamente illuminada pelos tons d'ambar, de rubi e de turqueza da vidraça em luneta, de paizagem polychromica; a casa de banho em nikel resplendente; a pequena cosinha de faiança branca engrinaldada em friso pela bateria de aluminium. E, ascendendo a um lado, em frente da porta de entrada, como um envolvente festão de carpete vermelha riscada de varetas de cobre polido, a escada que sobe á vasta officina do artista, corrida a



RETRATO DO SR. D. ANTONIO ALVITO

VELHA FIANDO
(Premiado na exposição de Madrid)

toda a largura do andar superior.

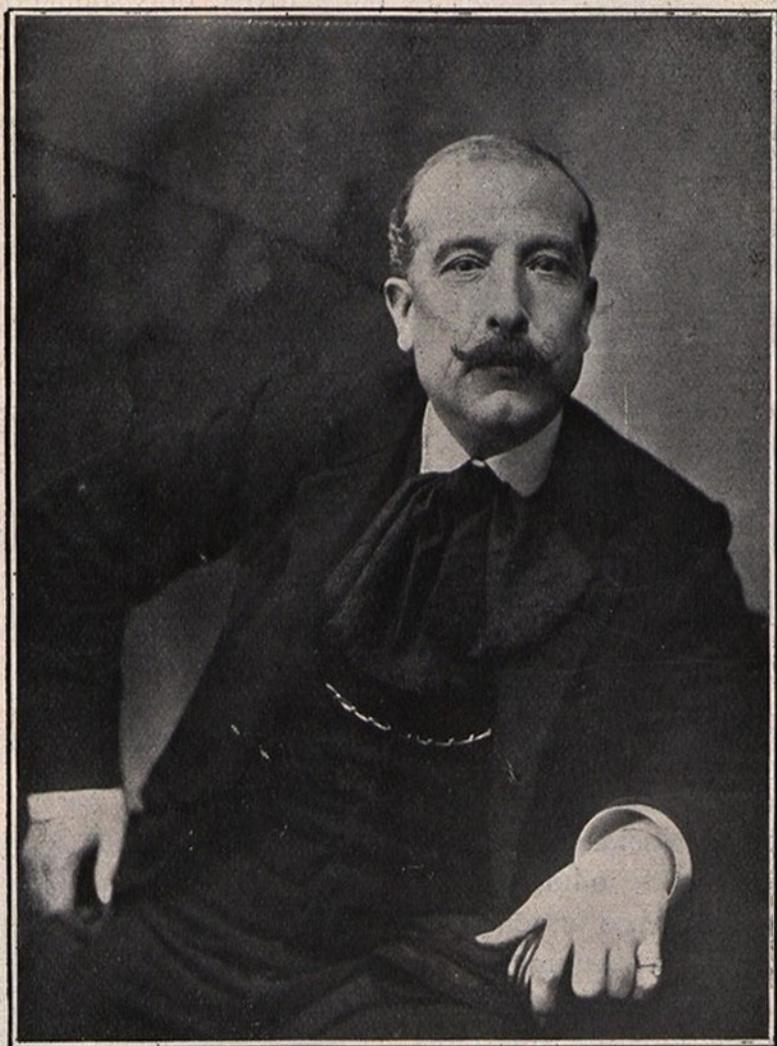
Aqui me appareceram reunidos, devidamente emoldurados, prontos para a embalagem do transporte, mais de cem quadros e cerca de outros tantos desenhos, que Malhõa destina á exposiçãõ que vae brevemente effectuar no Rio de Janeiro.

A area d'esta consideravel produçãõ é bastante variada e extensa para que d'ella se possam deduzir os *caracteres essenciaes* do pintor que a concebeu. A serie abrange quase todos os generos: o retrato, a pintura historica, a pintura mural, a pintura de genero e a paizagem.

Os retratos grandes e os episodios historicos destinados á decoraçãõ official de alguns edificios publicos figura-se-me constituirem

desenvolvimentos accessorios da aptidão d'este pintor. Tambem na Hollanda Berchem, Wouwerman, Metsu e Paulo Potter se metteram em tão volumosas composições como as de Rembrandt, de Franz Hals e de Van der Helst; mas são os seus minusculos qua-

É o seu modo de conceber a paizagem perante a contemplação da terra portuguesa, de seleccionar os assumptos, de submeter a técnica á exteriorisação de determinados effeitos psychologicos por meio de correlativas combinações de linhas, de luz e de côr, que



O PINTOR JOSÉ MALHÕA

(Photographia de Arnaldo da Fonseca)

drinhos que os immortalisam, e é como *petits-maitres* na pintura que elles são verdadeiramente grandes na gloria.

O vasto campo em que fundamentalmente se exerce a acuidade visual de Malhõa, a vibratibilidade do seu sentimento, a fecundidade da sua veia, a bella irradiação do seu talento, é a paizagem.

especialisa a sua obra e a distingue da dos seus mais illustres predecessores na interpretação plastica da vida rural da nossa terra e do nosso pòvo — Silva Porto e Arthur Loureiro.

Os dois eminentes artistas a que me refiro (um d'elles, Loureiro, ainda felizmente vivo e em plena força de trabalho) terão, creio eu, de ser considerados



O REGEDOR

na historia da arte do nosso tempo como os iniciadores e primeiros mestres da paizagem em Portugal. Intimas analogias os relacionam um com o outro. São ambos do Porto, da terra verde e montanhosa, das empinadas e musgosas azinhagas, dos campos de milho quadriculados pelas videiras de enforcado, dos pinheiraes, das azenhas, das águas murmurantes, das translucidas neblinas e das lindas raparigas de olhos azues e tranças louras. Ambos essencialmente minhotos, inclusos, sentimentaes e nostalgicos. Ambos conjuntamente educados em França, pintando em Fontainebleau com os impressionistas do tempo, na convivencia dos grandes mestres, de Barbison, Corot, Daubigny, Troyon, Diaz, Millet. Emfim ambos mais ou menos achacados do peito, pertencendo como taes á categoria d'aquelles predestinados *doentes de infinito* no agiologio da arte, em que Manclair comprehende por symptomas communs de nostalgia poetica, de nervosidade exacerbada, de ternura febril,

de insaciabilidade ideal e de melancolia mystica, certos privilegiados temperamentos como o de Wateau na pintura, o de Verlaine na poesia, o de Mozart, de Chopin e de Schubert na musica.

Loureiro e Silva Porto são sempre, atravez das suas mais hilariantes symphonias de côr, dois delicados, dois contemplativos, dois sonhadores.

De uma vez, no atelier de Silva Porto, achando-nos em frente de uma tela em que o artista virgulava por glacis uma afinação de tons numa paizagem sombria, tristonha, quase dolorida, representando um desolado trecho de charneca, ao sol posto, num céu glauco e duro, uma senhora perguntou-lhe:

— Porque escolheu um ponto tão deshabitado, tão triste, e, sinceramente, tão feio?

Silva Porto, de paleta e pinceis na mão esquerda, dentro da sua grande blusa de linho, o rôsto afoagueado, os olhos baixos, torcendo o bico da barba, respondeu na sua velada voz, enrouquecida, mas concludente:

— Escolhi este ponto feio porque o acho lindo.



RETRATO DO SR. D. ANTONIO ALVITO

Nunca Malhõa concordaria com semelhante criterio d'opção. Repugnante as melancolias crepusculares, as harmonias das sombras, os extaticos silencios da natureza immobilisada, o vago somnambulismo das coisas parecendo quererem ouvir no ar a aza do anjo invisivel que passa, a campina enluctada, a contra-luz, tão predilecta de Millet, os nocturnos elegiacos, as symphonias em branco ou os caprichos em negro de Whistler. O que invade, o que alicia, o que arrebatava o seu carnal temperamento, à Jordaens, à Teniers, à Van Ostade, à Goya, à Claude Monet, são as positivas, esplendentes e radiantes exterioridades do mundo. É particularmente a vida dos campos, farta, simples, lidada e festiva, toda de fóra, a que hypnoticamente o atrae, como o trapo cõr de sangue, desfraldado ao sol, em labareda, atrae o touro sôlto.

Chamei-lhe um paizagista, e elle o é por certo; como porem, pelo seu instincto de sympathia e de sociabilidade, o que mais o interessa na natureza é o homem, oprime-o a solidão, precisa de chamar gente, de tocar a busina ou de tanger o sino de socorro para que se complete a expressão do sitio pela concomitante physionomia do habitante. Assim, não podendo ser descritivo sem ser tambem anecdotico, elle é conjuntamente e cumulativamente tanto um pintor de paizagem como um pintor de genero.



APOTHEOSE DE BEETHOVEN

Salão de musica do sr. Lambertini

O campo da Extremadura portugueza, tão especialmente suave e pingue, levemente outeirado, de uma grande egualdade de temperatura, longamente alfombrado, ora de verde ora de louro por ondeantes cearas como nas Lezirias, profusamente matisado d'hortas, de pomares, de vinhas e de olivares, opulento de produções celebres como o azeite de Santarem, os vinhos famosos de Bucellas, de Torres, de Collares, de Carcavellos, do Lavradio, o mel, os lacticinios e as frutas proverbias do termo d'Alcobaça e das varzeas collarejas, este privilegiado campo, abundante e prospero, onde a mais humilde cabana tem todas as telhas e todos os vidros que lhe são dados, onde quase

não ha pobreza, e onde todo o trabalho parece sorrir como nas eclogas de Diogo Bernardes ou de Sá de Miranda, ninguém mais intimamente do que Malhõa o conhece, ninguém mais profundamente o ama, nos seus aspectos pittorescos, nas suas tradições, nas suas culturas e nesses usos e costumes provinciaes dos quaes disse Henri Martin, quando veio cá, que o estudo do presente é aqui tão curioso como o de uma idade antiga.

A obra paizagistica de Malhõa, sufficientemente representada nesta exposição, forma no seu conjuncto, um fiel traslado da nossa vida rural, lembrando pela similaridade do seu intuito a epopéa lapidar de Constantin Meunier consagrada á glorificação do trabalho industrial da Belgica.

Atravez de algumas dezenas de variadas composições desfilam nos quadros deste pintor quasi todas as fazes da vida dos campos e das casas rusticas do coração de Portugal: — a lavra, a sementeira, a monda, a ceifa, a debulha, a empa, a poda, a vindima, a pisa, a trasfega, a faina da eira e do lagar, os grandes acontecimentos domesticos, o baptisado, a boda, o mortorio, a matança do pôrco, a prova do azeite e do vinho novo, a extrema-uncção, a intriga eleitoral; e, acima de tudo, a vigilia e a festa do orago da freguezia, o sermão, a missa cantada, a romaria, o arraial, o repique dos sinos, o estreandar dos foguetes e dos morteiros, a feira do gado, as barracas de comes-e-bebes, a philarmonica, o bombo e a caixa de rufo, as merendas na herva ou debaixo das azinheiras, o chiar do peixe frito, o revolver das saladas, o desatar dos ôdres e o espumar do vinho nos picheis, a guitarrada gemebunda, o suspirado solo do fado, os

titeres, os descantes, os bailaricos; emfim, a procissão, entre os efluvios do incenso, com o seu pendão enfunado á frente, os mesarios de opa encarnada, o juiz com a sua vara, o andor bambaleante da Senhora, e ao fundo, sob o pallio, nas mãos tremulas do velho parochó, envolto no seu veo d'hombrós sobre a capa d'asperges, a custodia com a sagrada formula, circumdada de esmeraldas e rubis, por entre a multidão ajoelhada no chão tapetado de alecrim, de rosmaninho e de funcho; e, cobrindo tudo, a infinita cupola do ceu azul, por toda a parte esburacado pelos artificios pyrotechnicos, sarjado pelas canas dos foguetes, estralejado



ESTUDO PARA O QUADRO

«APOTHEOSE DE BEETHOVEN»



O AZEITE NOVO

pela explosão das bombas, cuspinhado de errantes borrões de fumo.

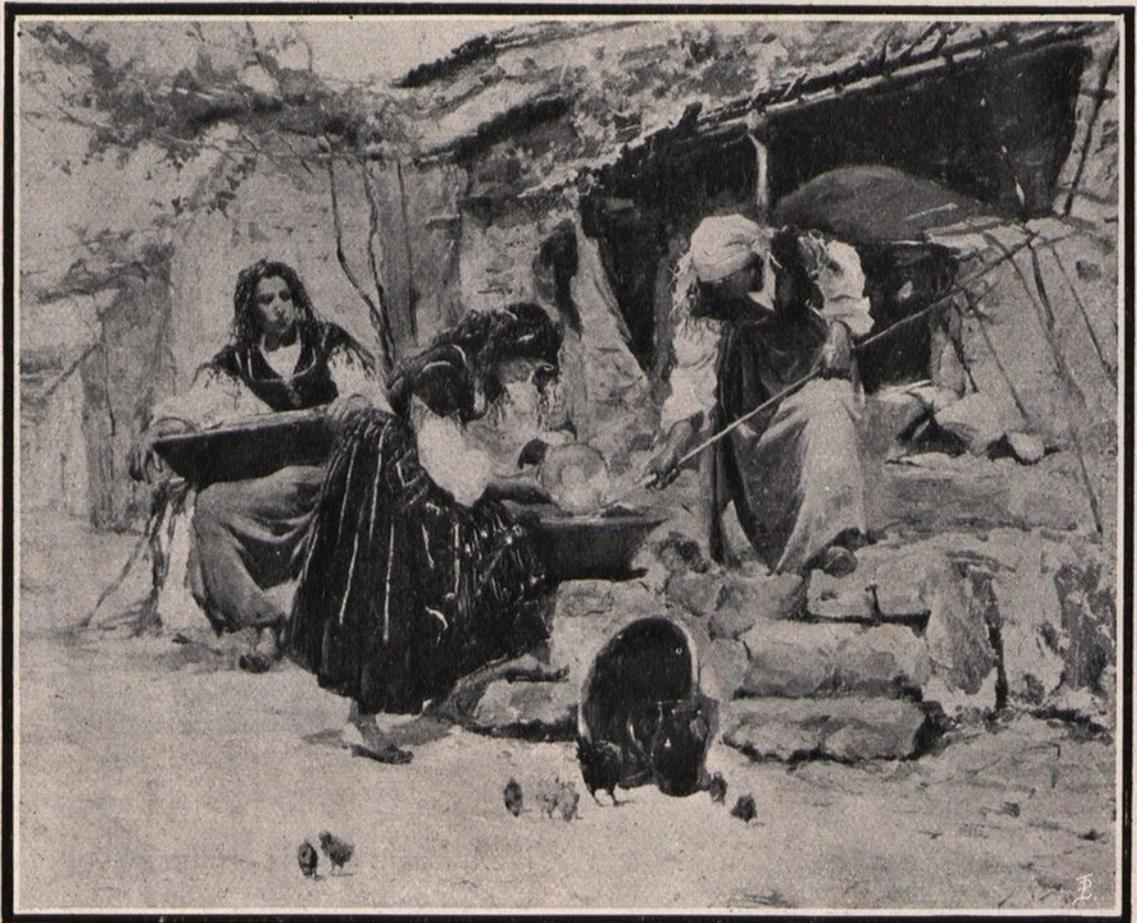
Percebe-se bem na obra de Malhõa que serão estes os dias grandes da sua vida. Ao esperal-os, pensando nelles,

lhe luzirá d'alegria o ôlho avido, e, uma vez chegada a festa, é indubitavel que elle amanhecerá no adro com as primeiras queijadeiras do arraial; que presenciará a inicial cambalhota ainda



ESTUDO PARA O TECTO DO GABINETE REAL,
NA ESCOLA MEDICA DE LISBOA

somnolenta dos sinos para o repique da alvorada; verá descarregar a primeira carreta dos melões; ajudará a desenhar e a armar o arco de murta em frente do cruzeiro; verá subirem para o côro os timbales e o rabeção da musica; verá chegar o prégador, o fogueteiro e a caleche com a familia do fidalgo; felicitará depois das suas variações o cornetim da philarmonica; ajudará de tenôr aos motetos da missa; irá d'opa a um dos ceriaes ou a uma vara do pallio; e, só de noite, sob o sete-estrello, pela estrada silenciosa e branca de luar, elle voltará para casa com a memoria e o album d'algibeira



NO FORNO



BARBEIRO NA ALDEIA



ESTUDO PARA O QUADRO «A CÓRAR A ROUPA»

pejados de esfusiantes croquis, repisado de ruído, deslumbrado de luz e de côr, em companhia dos ultimos feirantes e dos ultimos romeiros, retardatarios, claudicantes, de cabeças entrapadas por effeito dos percalços traumaticos da bebida ou do amôr.

Na composição technica de toda esta serie de alegres, maliciosas ou commovidas anedotas, nenhum esoterismo de processo, nenhum duplo sentido, nenhuma casuistica, nenhuma ambiguidade. Desta zona da obra de Malhòa se pode dizer o que pouco mais ou menos dizia Burger de certos hollandezes da mesma indole: sabe-se claramente de que se trata, em que logar do paiz

e em que estação do anno se está, que dia é, e quantas horas são.

O processo chamado *do natural* está aqui comprehendido á letra e observado á risca. Vê-se que do trabalho de Malhòa se excluiu, como deveria excluir-se de toda a creação artistica, o modelo pago a tanto por hora para consecutivamente representar aos olhos do pintor, mais tarde aos do publico ingenuo, o porte, a figura e o gesto de um principe, de um burguez ou de um mesteiral, ou seja Cezar passando o Rubicon, Socrates bebendo a cicuta ou o Filho Prodigio guardando os seus batorinhos. O modelo assim comprehendido é o mais inverosimil dos fingimentos, encobrando uma falsificação tão condemnavel na arte como é no commercio a do vinho sem vinho ou a do leite sem leite. Malhòa satisfaz rigorosamente a clausula de Violet-le-Duc, que não considera desenhista senão aquelle que sabe desenhar com a vista, e tem na memoria as formas, assim como o escriptor tem os vocabulos dos objectos que vê. Os seus personagens são extrahidos, ou de memoria ou por series de rapidos apontamentos graphics — de que dão testemunho os innumeraveis desenhos dos seus albuns e das suas pastas, — do vivo da acção que a sua pintura se destina a reproduzir. Esses desenhos são notaveis de facilidade, de precisão e de elegancia, assignalando o auctor como um dos mais completos discipulos de Simões de Almeida, o insigne mestre, que a Escola de Bellas-Artes de Lisboa, na lapide commemorativa que um dia houver de consagrar-lhe, poderá justamente qualificar acrescentando ao seu modesto nome este simples desenvolvimento — *aquelle que nesta casa fundou a sciencia do desenho.*

Destes recursos de technica e deste methodo de composição resulta a feição culminante, especialmente caracteristica na obra d'este pintor — a eloquencia da sua mimica, tão assignalada, por exemplo, nos quadros intitulos *O azeite novo*, a *Chegada do Zé Pereira*, *O Barbeiro*, *A volta da Romaria*.....

effeito de involuntario confronto, a côr de alguns quadros de Malhõa me parece hyperesthesica no seu registo de tonalidades, na sua instrumentação dos valores, no brilho symphonico das suas juxtaposições e dos seus contrastes chromaticos.

É possivel que a minha impressão



A CÓRAR A ROUPA

No patim da escada que leva ao atelier na casa do artista, pende do muro, creio que como aviso previo, como bitola ou como regra preambular, uma bella reprodução phototypica do incomparavel quadro de Rembrandt *Os syndicos dos mercadores de pano*. D'esta chamada retrospectiva da minha memoria ocular para um typo de pintura em que tão fundamente se embeberam os meus olhos no museu de Amsterdam, resultou talvez que, por um

tivesse sido outra se eu tivesse pensado na *Ronda da noite* em vez de somente me lembrar dos *Syndicos*.

Bem capcioso elemento o da côr na pintura! A *Ronda*, por exemplo, dá-nos o effeito de toda a escala do spectro solar. Os *Syndicos* são um simples acorde de quatro notas, com os seus sustenidos e os seus bemoes, em castanho e bistre. Ha um anno vi em casa de Sorolla dois quadros de curioso contraste. Um delles representava um laranjal de



COEGAS

Valencia coberto de fruto e envolvido em sol. O outro era o retrato do pintor Beruete, em tamanho natural, corpo inteiro, todo vestido de preto. Este homem, de lucto pesado, sentado numa poltrona, segurando um chapéu de feltro preto nas mãos calçadas em luvas pretas, pareceu-me tão intensamente colorido como o laranjal faiscante de verde e de amarelo sobre um fundo de anil.

Este effeito provem do poder da luz, unico inilludível, soberano dominador de toda a composição pictórica. Diferentemente do que se dá na physica, em que a luz e a côr são phenomenos associados, um resultante do outro, na pintura elles são consequencias distintas de combinações diversas. Por isso o bravo e desditoso Monticelli, o mais portentoso colorista da moderna pintura franceza, dizia, nessa lingua composita

e synesthesica, a cuja bastardia se não pode deixar de recorrer na critica d'arte, que na pintura o desenho, a perspectiva e a côr são como na opera o côro, o acompanhamento, o enredo e o maquinismo; *a luz é o tenór*. Para os polyphonistas da musicalidade e da dramalogia lyrica moderna a frase de Monticelli, um tanto antiquada e rossinesca, poderá parecer ambigua. Creio que o que elle quiz exprimir é que na gamma da paleta a luz é o *dó sustenido*, do peito. Tudo mais são gradações de esforço e de insufficiencia organica. A luz é a meta dos coloristas. O trage dos homens do campo nas provincias do sul de Portugal, trage com tão amoroso escrupulo estudado por Malhóa, restringe a pista da meta a que me refiro á mais sobria relacionação de tons quase monochromaticos.

Ainda ha pouco o grande pintor John Sargent, de viagem em Portugal, me dizia: — O homem do povo no Alemtejo e na Extremadura portugueza é, no ponto de vista da pintura, o homem mais lindamente vestido do mundo. Com a cara rapada, a tez morena e córada, de calça e jaqueta de um espesso castanho amelado, a camisa do mais bello branco, a cinta negra, e o chapéu negro mate, de aba arregaçada por um debrum de veludo, todos me parecem trajados por um figurino pintado por Velasquez.

Caberá a Malhõa como colorista corroborar demonstrativamente a tão justa observação de Sargent.

É de notar que a tão especial tonalidade, pardo alambreada, que apresentam vistos ao sol os extremenhos e os alemtejanos a que Sargent se refere, é como que o filtro dominante em que muitas vezes se embebe o pincel de Columbano. D'essa tão especial e subtil noção, consciente ou inconsciente na intenção do artista, provem o quase indifinivel encanto, o sortilegio de côr, que em alguns dos melhores retratos d'este artista nos captiva e subjugua.

Malhõa é moço e dispõe da mais rara força d'applicação e de trabalho. Pinta sorrindo e cantando, quotidianamente, de sol a sol, e pinta com a mesma espontaneidade e o mesmo doce fluxo de seiva com que as plantas dão flor. Expoz seis ou sete vezes no *salon* em

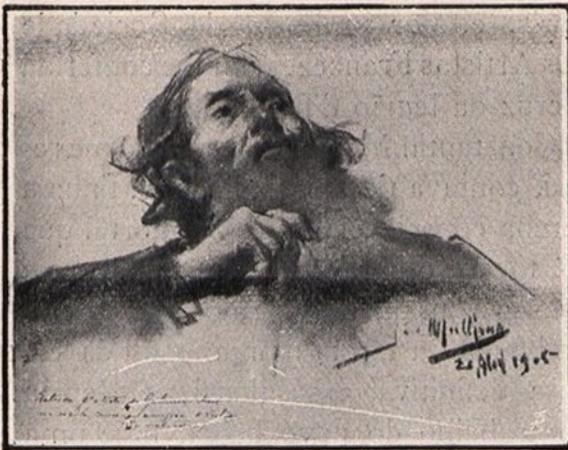
Paris, e, por proposta da Sociedade dos Artistas Francezes, foi lhe conferida a cruz da legião d'honra.

Constantin Meunier, a quem já me referi, contava 69 annos d'idade, tinha a serena consciencia da lesão mortal que lhe tocara o coração, e era já illustre e consagrado, quando corajosamente emprehendeu a tarefa monumental da sua obra definitiva, essa glorificação epica do trabalho do povo belga, hoje uma das mais altas expressões do genio contemporaneo. Malhoa tem deante de si todo o tempo, e não o desaproveitará de certo, para proseguir e levar até á apothose final os seus fastos da vida do campo na sua terra.



ESTUDOS PARA O QUADRO «COEGAS»

Esta simples circumstancia: ser, como elle, sinceramente, convictamente, enternecidamente *da sua terra*, é já uma condição fundamental do exito. A decadencia miseravel das manifestações da arte contemporanea deve-se principalmente á impersonalidade vergonho-



ESTUDO PARA O TECTO DO GABINETE REAL
NA ESCOLA MEDICA DE LISBOA

O tecto foi reproduzido no n.º 9 dos *Serões* no artigo sobre *O congresso de medicina em Lisboa*.

sa, á decapitante rasoura snobica das nossas penetrações cosmopolitas. Assim nas conclusões tão superiormente didacticas d'esse admiravel *congresso d'arte publica*, ultimamente pela terceira vez reunido em Liège com o concurso de todos os paizes civilisados, se insistiu particularmente neste principio: Renovar por toda a parte as tradições nacionaes e ethnologicas é assegurar o poderoso renascimento da capacidade humana, libertando-a do esterilisante cosmopolitismo que hoje tende nefastamente a regular todos os movimentos não só do espirito mas do coração das gerações novas.

Determinar fazer uma exposição d'arte no Rio de Janeiro, levando os seus quadros ao mercado brasileiro, é outro auspicioso indicio de sabia orientação. Pretender, pelo mais falso espirito convencional de casta, desaliar da questão de dinheiro a questão d'arte é penetrar no dominio da pura fantasia, pondo de parte toda a lição da historia. Sempre, invariavelmente, em todas as nações, atravez de toda a trajectoria da civilisação, os destinos da arte se filiaram nos destinos do commercio. Nos paizes com cuja civilisação mais estreitamente se relaciona a civilisação portugueza,

durante a idade media e a renascença, na Borgonha, em Flandres, na Italia, na Allemanha, o commercio foi sempre adeante, creando a riqueza, fundando a cultura, permutando mercadorias e ideias, e difundindo dinheiro. Os artistas seguiram logicamente os mercadores. E sempre as grandes epocas da arte coincidiram com as grandes epocas da riqueza publica.

Filippe o Bom, sob cujo governo a arte da pintura tocou pelos pinceis de Van Eyck e de Memling a meta da perfeição a que anteriormente não chegára nunca e que jamais se ultrapassou depois, é o primeiro potentado do seu tempo, o alto suserano feudal que todos os magnates de França e dos Paizes Baixos se comprasem em ter por chefe. Os que não são seus vassallos — diz Michelet — não querem igualmente deixar de submeter-se-lhe, considerando-o o supremo pontifice da honra, do pun-



ESTUDO PARA O QUADRO «A VOLTA DA ROMARIA»

donôr e da cavalleirosidade. Se o rei de França tem contra o duque a sua jurisdição, o duque tem sobre todos os grandes senhores uma acção consideravelmente mais poderosa e mais decisiva, a do tribunal de honra do Tosão de Ouro, de que elle é o arbitre. Ora todo o poder enorme de Philippe tem por base a portentosa riqueza dos seus burguezes e o admiravel trabalho dos seus mestiraes, a guilda e a halle. O proprio carneiro, que pelo seu velo dá o nome á ordem de mais prestigio e de mais força aristocratica que jamais existiu, o que é senão o symbolo, consagrado no polyptico de Gand, da riqueza flamenga proveniente do commercio da lã no mercado de Bruges?

A pintura portugueza, que no seculo XVI attingiu um limite de maestria nunca mais alcançada, deriva inicialmente da influencia de Flandres, travada não só pela alliança conjugal do duque de Borgonha com a excelsa filha de D. João I, irmã dos altos infantes de Portugal, no começo da gloriosa dynastia de Aviz, mas tambem pela preponderancia dos nossos descobrimentos sobre os destinos commerciaes do mundo. Essa pintura manteve-se durante perto de um seculo pela riqueza dos nossos negociantes, que juntamente com os de Hespanha vendiam em Anvers as especiarias da India, os diamantes e as pedras preciosas, as lãs então preferidas ás de Inglaterra, as uvas, as laranjas, as amendoas, os vinhos do Porto e do Xerez, e compravam para introduzir no reino gado, laticinios, peixe salgado, tecidos e objectos d'arte. Só o commercio das especiarias attingia a somma annual de 4 mil contos na Casa de Portugal em Anvers. Os nossos feitores habitavam sumptuosos palacios que os grandes artistas ornavam com a profu-



ESTUDO PARA O QUADRO «CHEGANDO Á CEIA»

são das suas obras. Pelo seu luxuoso teor de vida elles hombreavam com os famosos capitalistas do tempo, os Fuggers e os Medicis. Um d'elles, Manoel Cyrne, do Porto, não querendo que o cheiro da turfa molestasse o olfato dos seus convivas em dias de recepção, mandava queimar canella nos fornos da cosinha e em todas as chaminés da casa. Era por meio d'estes numerosos agentes de grosso commercio e de alta elegancia que D. Manuel encomendava esculpturas a Veit Stoss, D. João III mandava lavrar por Miguel Angelo uma estatua da Senhora da Misericordia e fazia cinselar por Benvenuto Cellini a sua espada, enquanto o infante D. Fernando tinha como intermediario Damião de Goes para a compra dos seus livros, das suas illuminuras e das suas tapessarias.

A arte, em summa — e parece-me util que esta singella noção entre no convencimento de toda a gente — é pe-

rante as transações sociaes um simples artigo de luxo,—luxo dispendiosissimo porque a joia d'arte é a unica em que o valor da materia prima é nulo. Tudo é feittio, e o seu preço é enorme. A arte custa ao estado em França vinte milhões de francos. Não custa menos á Inglaterra e á Allemanha. Um retrato por John Sargent paga-se por vinte contos. Um bom tapete persa custa em media quinze contos. Os herdeiros de um amigo de Chardin a quem o pintor pregara na parede da mais modesta casa de jantar no campo quatro peque-

nas telas, lembrança d'amisade considerada de nenhum valor, refugio de uma encommenda que lhe fizera a Dubarry, alcançaram recentemente uma fortuna vendendo a um milionario americano essas quatro naturezas mortas e durante cem annos esquecidas. Este luxo, defeso aos homens e aos paizes pobres, é obrigatorio para os paizes e para os homens ricos. É pelo gosto e pelo culto da arte que, em todas as sociedades e em todos os tempos, se desmaterialisa, se justifica e se enobrece a riqueza.

RAMALHO ORTIGÃO.

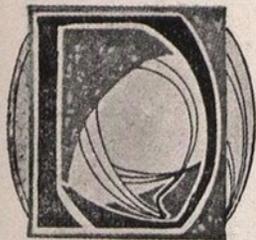


A PROCISSÃO

Castellos

do Norte de Portugal

De como se organisava a defeza territorial do paiz durante a Edade Média.



DEPOIS da conquista, povoamento e cultura da terra foi a sua defeza o que, largamente e com ancia, preocupou o espirito d'uma alta previdencia administrativa

dos nossos primeiros monarchas.

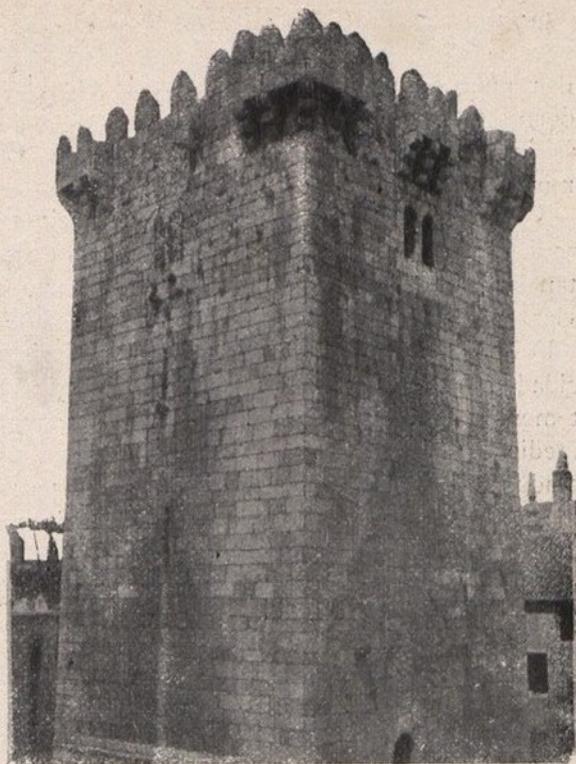
Visto que a instabilidade social da Idade Media o exigia, repetiu-se então, mas sem a enternecida e carinhosa poesia dos ritos que a religião inspirava no mundo antigo, a pratica de levantar, em volta de cada burgo formado, o cinto de muralhas defensivas. Estas couraças de cantaria, espessas e bem consolidadas, rasgavam-se d'onde a onde para permittir a comunicação com o exterior por meio das levadiças lançadas sobre o fosso de resguardo, e interrompiam-se aqui e alem nos cubellos que as reforçavam.

Dentro do perimetro assim vedado em que se abrigava uma cidade ou uma villa, havia ainda o reducto procurado, com tumulto e alvoroço, na hora amarga e extrema do perigo.

Por vezes não havia povoado, mas apenas um ponto de importancia estrategica a proteger. Então surgia estricktamente o castello, alcandorado e dominante, atalaiando o horizonte com os seus muros e torreões, cauta e sagazmente dispostos, n'um selvagem arreganho d'ameias, sob a imponencia arrogante da elevada torre de menagem.

Mas nem só povoações e logares de vigilancia cumpria assegurar n'esta epocha em que os vultos da nobreza, ordens monasticas e principaes dignidades do clero assumiam, sob todos os aspectos, tão extraordinaria preponderancia na vida publica da nação.

Defenderam-se pois mosteiros [como o de Leça do Balio, conventos como o de Travanca (Amarante) e casas nobres como a de Pene-



TORRE DE MENAGEM DE BRAGA

Cliché de João San Romão

gate, do 1.º quartel do seculo xiv, o Paço de Giella restaurado no seculo xvi (Arcos de Val de Vez) etc. etc.

Certo é que, atravez do paiz, já o sarraceno para o sul, como em Santarem, e antes o legionario, como em Braga, e o lusó romano, como em Castro Laboreiro, haviam cercado de muralhas protectoras os seus *habitats* com o maior interesse e attenção, sendo mais tarde porém reformados e modificados pelos dynastas affonsinos, que manifestaram assim o reconhecimento da mesma, senão mais intensa, necessidade que distantemente as motivara.

Mas acima d'este interesse restricto e assaz circumscripito, surgiu o do aggregado colectivo em cuja formação se puzera o mais apaixonado ardor e o mais porfiado empenho.

A terra commum, a terra patria, para cuja consolidação e integridade todos haviam contribuido com o mesmo esforço desinteressado, suscitando a communhão affectiva no ideal que fundamenta a vida d'um povo, não podia ficar aberta e exposta á plena mercê do desejo audaz e rapace de qualquer invasor.

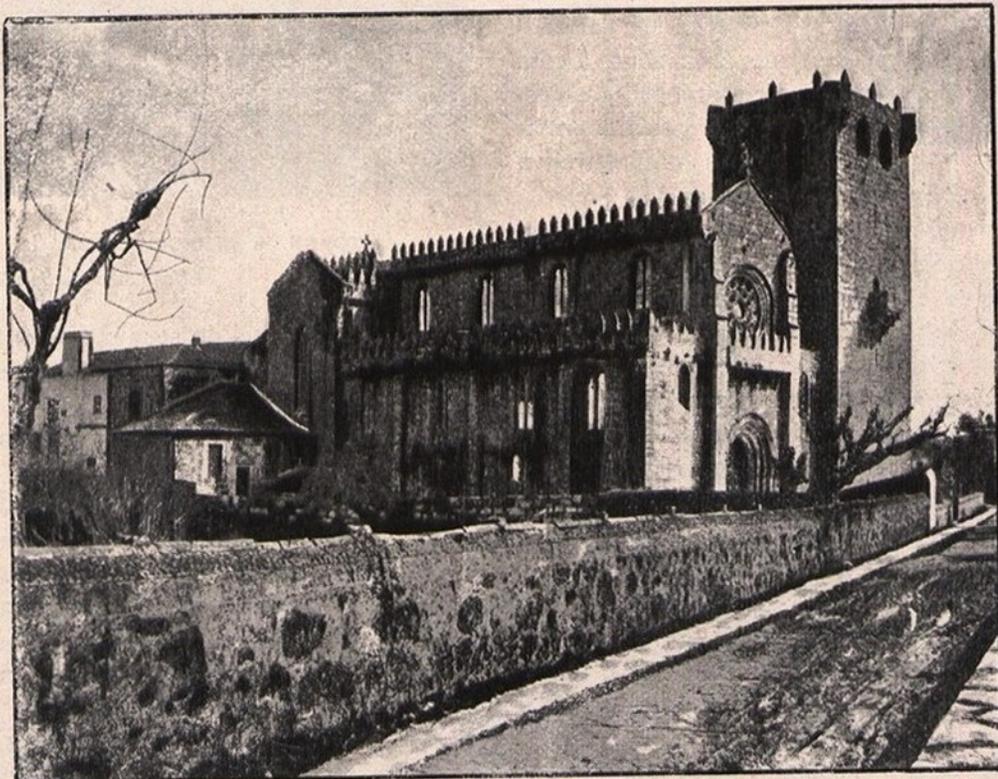
D'aqui derivou a pormenorizada solicitude, o constante cuidado com que se postaram rijas e altivas sentinellas de pedra ao longo da fronteira, não só onde houvesse povoados consideraveis como Bragança, Montalegre e Miranda, mas assignaladas posições estrategicas

de repulsa como Valença, Monsão, Melgaço, Lindoso e Castro, ou pontos de facil accessibilidade ás incursões do inimigo como Lapella e Caminha.

Ao correr do littoral não seria o receio tão radicado e oppressivo, salvo em nucleos de grande importancia commercial e industrial como Porto e Vianna do Castello.

Foi pois pela raia secca que com mais insistencia e tenacidade se cuidou de proteger o paiz e é ainda agora ahi que mais frequentemente se nos deparam as melhores sobrevivencias dos velhos baluartes medievos, aquelles monumentos depois dos religiosos, que mais vivamente traduzem e suggerem essa epocha cavalleirosa e lendaria.

Não lograram porem esses exemplares da nossa architectura militar o



MOSTEIRO DE LEÇA DO BAILIO



respeito e o acato das gerações, desde que os meios de guerra se volveram outros. Dado o rebate da sua inutilidade, começaram a ser ultrajados pela brutal ingratição dos homens, a cujos antepassados tão prestimosos haviam sido, pois que d'alma estreita e pusillanime os transformaram em calçadas, paredes e vivendas, ou os aluiram n'um passatempo da mais inaudita imbecilidade. As corporações administrativas, padecendo geralmente do morbo da ignorancia, teem consentido ou provocado taes sevicias. O poder central continua impassivel a taes affrontas da historia e da arte, quando não as patrocina, como succedeu ultimamente com a vetusta cidadella de Braga, que foi despojada d'um lanço da muralha e dos seus dois cubellos delimitantes, restando-lhe apenas a soberana torre de menagem de D. Diniz e não sem o ameaço do exterminio.

Aquelles especimens que a vesania da pilhagem ou da destruição poupou, estão desmazela-

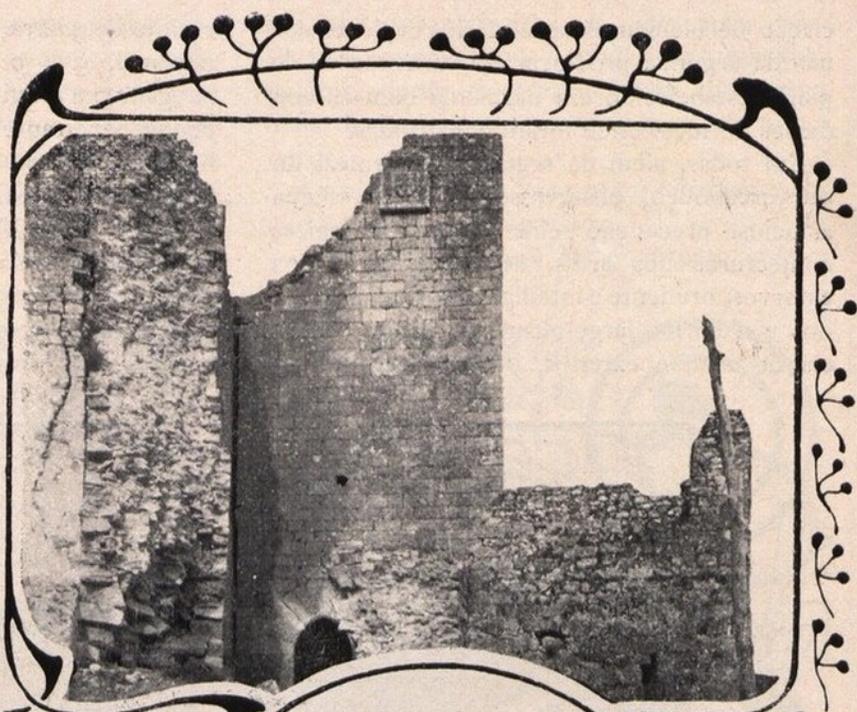
damente abandonados aos estragos do tempo e vão ruindo, lento e lento, sem que uma simphathia consciente e reparadora os ampare, com caricia, na sua majestosa decrepitude.

E tal é a derrocada em que se encontram quasi todos esses documentos d'outr'ora, — paginas grisalhas, envelhecidas e esphaceladas! — que, em certos, só a imaginação dos eruditos, avidos em desvendar o passado, será porventura susceptivel de os reconduzir á sua integralidade inicial. Todos imersos na desolação da ruina, a que a natureza tantas vezes dá o ar-

ranjo decorativo d'uma formosura surpreendente e bizarra, avolumando a saudosa commoção que as coisas d'outrora inspiram, com o encanto de scenario feito de tons macios e gastos seduzindo

RUINAS DO CASTELLO DE MIRANDA (LADO SUL)

Cliché de Rocha Peixoto



TORRE DE PENEGATE

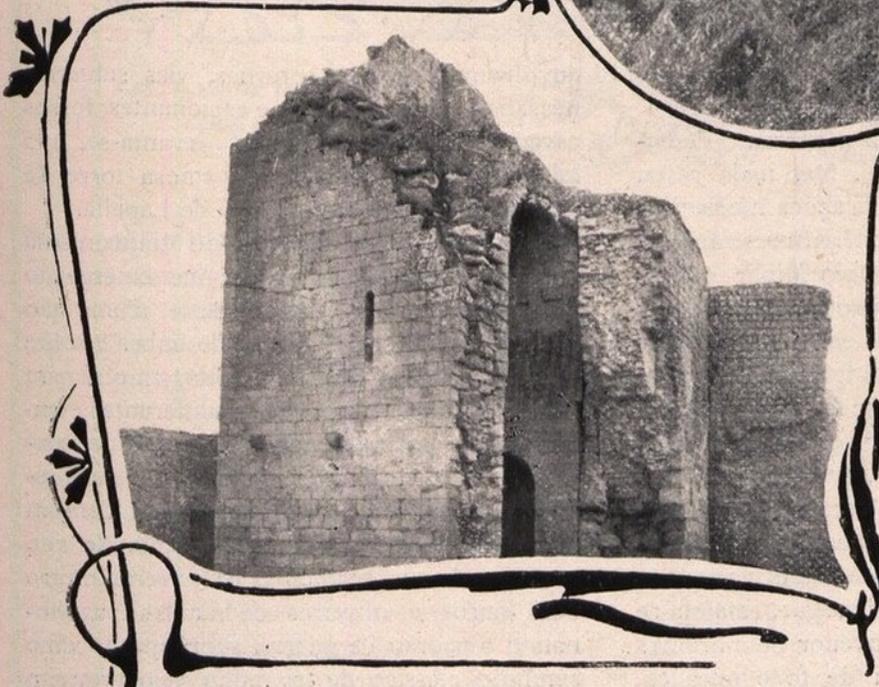
Cliché de J. San Romão

sempre os temperamentos artisticos com amor e delicia!

Estes assertos teem a sua plena confirmação com uma simples romagem ás venerandas fortalezas construidas nas linhas fronteiriças de Minho e Traz-os-Montes, que fundamentalmente obedecem ao mesmo typo architectonico, salvo a differen-

RUINAS DO CASTELLO DE MIRANDA (LADOS NORTE E POENTE)

Cliché de Rocha Peixoto



ciação de elementos secundarios evidenciadas nas da segunda provincia e a variabilidade de plano estabelecido em harmonia com as condições do local onde foram construidas.

Em todas, alem da segurança e firmeza do seu arcabouço, observa-se o intuito d'uma astuciosa precaução pelos vestigios ou logicas conjecturas dos ardis, dos obstaculos, dos estorvos, prudente e intelligentemente elaborados e d'um tão largo alcance contra a violencia do ataque exterior, ou até d'um valioso

recinto de guerra, sobranceiro á corrente internacional, que o separa da margem d'alem, antigamente hostile. Sobre o silencio e a melancolia penetrante d'esta assolação cae o deslumbramento da luz a valorisar a riqueza das tonalidades do panorama inesquecivel...

Passando por Valença, a celebre praça forte, que substituiu a oxydada armadura do seculo XIII e onde se respira uma athmospera pesada e oppressiva pela influencia immediata do conspecto das solidissimas e espessas muralhas



CASTELLO DE MELGAÇO

auxilio n'uma fuga angustiosa depois da derrota ineluctavel.

Em Caminha principiava a corrente defensiva do norte de Portugal. Mas nada resta, por assim dizer, das fortificações medievas n'esta villa risonha e gracil, pittorescamente, acantonada entre a foz do rio Minho e a do Coura, depois de ter despido o surrado burel que a sequestrava do doce embalo das aguas.

Para leste, o primeiro élo fecha em Cerveira com o castello erguido por D. Diniz que o visitante busca por detraz do casario moderno, irregular e incaracteristico.

Transpos a uma porta carcomida e baixa, d'onde se diffundem espiritualizados rememblers de sabor archaico, e subindo a pequena e tortuosa ladeira que d'ella segue, estatela-se em face o aspecto commovedor de muralhas incompletas, torres quasi de todo apeadas, como se um vento de insanias, desordenada e furiosamente houvesse passado n'aquelle

envolventes, portas soturnas, vias subterraneas, baluartes angulosos e espionantes, fossos cavados e pontes suspensas, levanta-se, a 5 kilometros de Monsão, a formosa torre de menagem do extinto castello de Lapella.

Fica junto á orla das aguas do Minho, n'uma baixa, e alicerçada na rocha. Mas emerge do minusculo povoado circundante n'uma tão galante e esbelta sobriedade de linhas e sobre um tão gracioso fundo de paisagem que para logo captiva os olhos mais indifferentes e rudes. A sua porta em ogiva rasga-se a dez metros do solo no lado septentrional e é sobrepujada pelo brazão de D. Fernando. Tem indicios dos miradouros de projecção. No alto irrompe do seu terraço o tufo verde negro dos louros e oliveiras ondulantes pavilhonnando o padrão de guerra, agora inutil, como symbolo classico de triumpho pelo preterito e de estreita e risonha paz pelo presente.

A estrada que de Valença conduz a Lapella

é a mesma que leva directamente a Monsão, á *Porta do Sol* da valente praça forte, onde se repetem os nomes que relembram dois feitos dos mais epicos da nossa historia militar: o horroroso cerco soffrido no seculo xiv, sem capitulação mercê d'outra estratagem lendaria da heroica Deus-a-Deu Martins, e o desesperado assedio do seculo xvii com a guerra da

na agua dos chuveiros. E, sem mais compostura, assim ficou a nudez dos esboroadamentos, desde os arranques da curva para mais destacar a proeza aos olhos dos forasteiros.

As outras portas escaparam felizmente aos alindamentos do progresso.

A Monsão segue-se Melgaço, para onde a



CASTELLO DE LINDOSO

Cliché de Rocha Peixoto

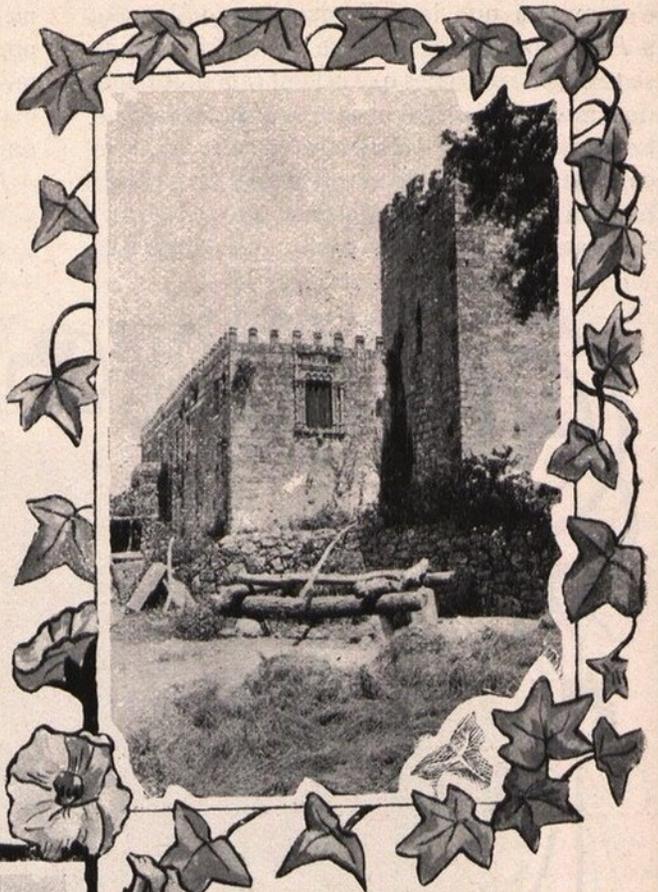
Restauração. Pois bem. O visitante ao chegar tem um testemunho excellentemente demonstrativo da sensatez e do criterio da maior parte das nossas municipalidades. Aquella porta, unica via a canalisar a communição com as arterias exteriores, e tão vigorosa e astutamente construida, com o reforço das setteiras lateraes em toda a sua profundidade para reprimir a passagem do inimigo, quando os gonzos, armellas e ferrolhos das portadas cedessem á bravia arremetida, foi hediondamente mutilada. Em 1902, a conspicua edillidade que dirigia então os interesses locaes, mandou arrasar-lhe a extensa abobada para que a entrada na villa se fizesse desabafada, ovante e banhada na luz dos astros, ou mesmo

diligencia cambaleante e somnolenta se encarrega tambem do transporte. Alem do Peso e a certos corcovos da estrada enxerga-se a villoria poisando no alto em volta da linda torre d'uma côr esmaecida sobre o tundo azul do ceu, como a silhueta desbotada e tenue d'uma illuminura.

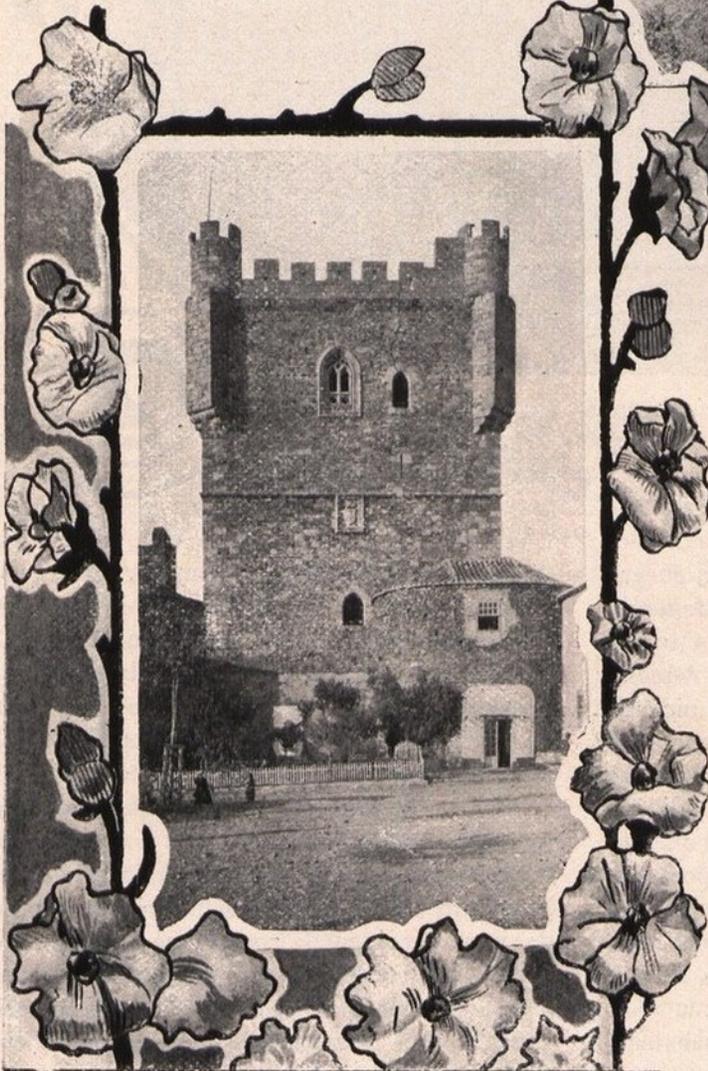
Arribando, logo se descobre que o abraço inerte das muralhas compostas no seculo xiii, quando Affonso III reinava, conforme o depoimento insuspeito d'uma inscrição juncto da porta occidental, rompeu-se para se não separar a terreola das chatas magnificencias do largo principal, geometricamente arborizado, com assentos sollicitos ao entretenimento da madrace indigena.

A nordeste circumscreve-se o reducto, em ellipse, com o postigo para nascente e fenestras para sul. Ao centro a torre alta-neira, austera de linhas, com a sua corôa d'ameias dispostas no parapeito saliente, apoiado na cachorrada circumdante; a porta recorta-se a norte em arco de pleno cintro occupado pelo dintel raso, que assenta em dois modilhões como nos porticos das igrejas romanicas.

Uma curiosidade irreprimivel leva a subir os estreitos degraus e a perscrutar o interior. Esta indiscreção delata-nos que se acha convertido em palheiro. Nada perde porém do seu prestigio, como certos animaes que apesar de empalhados, fundamentalmente impressionam pela soberania do seu aspecto. As inclemencias do tempo desdenham todavia da arrogancia das obras humanas. N'um dia tempestuoso, com effeito a torre airosa ficou desdentada no angulo



PAÇO DE GIELLA
Cliché de J. San Romão



TORRE DE MENAGEM DO CASTELLO DE BRAGANÇA

Cliché de Rocha Peixoto

nordeste, servindo talvez de sepultura a esses despojos a cisterna quasi subjacente.

Mas uma impressão de calma segurança e veneravel respeito se difunde d'esta energica construcção, producto d'uma architectura estavel e definida. Levantada no seculo XII por D. Pedro Pires, prior de Longos Valles, e restaurada mais tarde na cimalha, continua como impavida e soberba atalaia multi-secular que assistiu ás façanhas bellicas no tempo do Mestre d'Aviz e, inabalavel no seu posto, não desistiu de servir ao repellão das hostes napoleonicas. Contemplando-a de sobre o adarve na sua provecta quietude, tão penetrada de sol, para a ressurreição d'um quadro retrospectivo apenas falta uma figura couçada, de lança faiscanté, erecta sobre o eirado, á beira da sineta de rebate pendente de dois creneis.

A sentinella immediata d'este cor-

dão defensivo assenta em Castro Laboreiro ao sul do povoado, sobre uma agreste eminencia de fraguado escarpado avançando abruptamente entre dorsos de serra de que a separam gargantas profundas convergindo para a cova das *inverneiras*.

Actualmente, reserva-se ahi o espectáculo d'um vandalismo sem nome. Vencida a difficil ascensão observa-se que o plató se delimita pela muralha externa, galgando sobre os accidentes do terreno, e em absoluto vedada, salvo no extremo noroeste, onde se recorta a pequenina *Porta do Sapo* só accessivel por estreitissima vereda talhada sobre o abysmo. Comparando n'este pormenor avalia-se a recatada prudencia, tactica experiente e consummada que presidiu á edificação da fortaleza. Um valoroso solado medieval de inquebrantavel firmeza e louca temeridade seria sufficiente para resistir aos inimigos que, só podendo approximar-se um a um, ao menor movimento de combate seriam arremessados successivamente ao precipicio.

Penetrando n'este inexpugnavel esconderijo, em tal grau de devastação se exhibe, que não é possivel reconstituir a sua estructura originaria. As divisões internas mal emergem aqui dos alicerces, incompletas e fendidas ali, desaprumando e ruindo alem O material da muralha envolvente foi derrubado, ora em saque, ora por divertimento selvagem. E os guias sempre dispostos a exemplificarem praticamente a acceleração progressiva do movimento dos objectos projectados do cimo dos declives, não se furtam á tentação de deslocar alguns pedregulhos para o despenhadeiro pavoroso.

Em estado pouco menos miserando se depara o castello de Lindoso, sobranceiro á ingreme encosta que margina o Lima, vigiando a margem hespanhola, que começa mesmo defronte.

A torre central reduzida a menos d'um terço, quadrellas desaparecidas, muros desabados ou toscamente reconstruidos nas obras do seculo XVIII. Todavia presente-se uma disposição, reflectida e commoda, nos seus elementos constitutivos.

Nenhumas outras ruinas como as d'este grato poiso, solitario entre serras, sobre ribas de tão variado aspecto, se prestavam mais a lamentações maguadas, se n'este paiz ainda fossem proveitosos os gemebundos queixumes d'uma jeremiada...

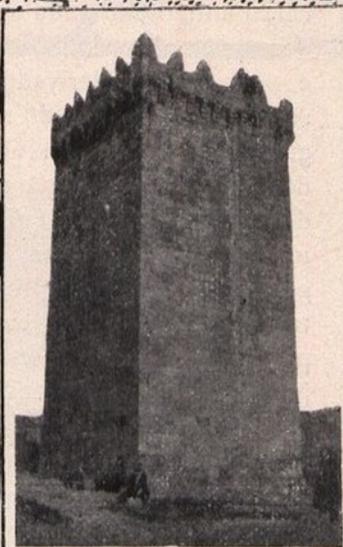
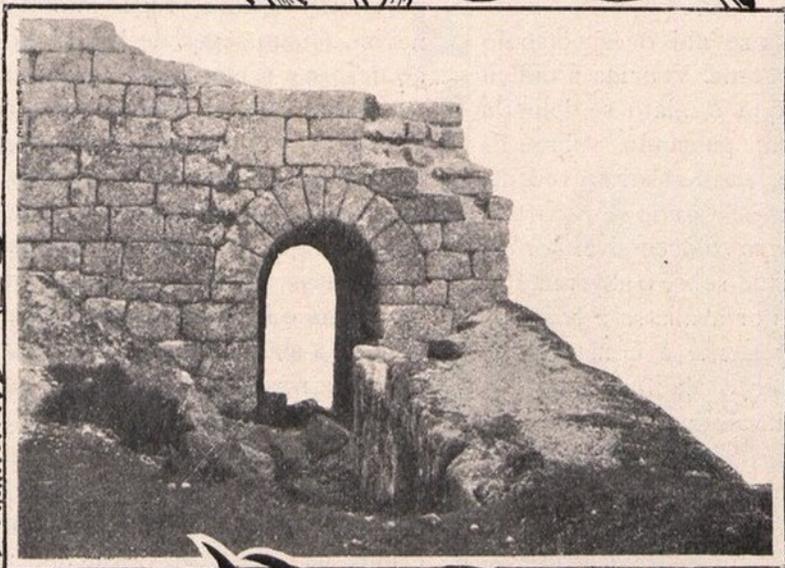
Em melhor conservação se encontra o de Montalegre, perfilado sobre um outeiro a norte da villa, guardando a larga chã por onde corre o Cávado, ainda insignificante e reduzido procedendo do Larouco a barrar ao fundo o horizonte n'uma vaga immaterialidade de nevoa. Quem segue de Villarinho de Negrões, ao descer a serra do Avellar, imprevisamente descortina, n'uma inapagavel surpresa, a rota e veneravel alcaçova d'uma tinta morta de folha secca, salpicada de rubros laivos, escurecidos nos bordos, como coagulos obstinados d'um sangue secular. Á medida que se declina pelas abas da montanha, mais resalta o arrogante e indomavel cubo de menagem retalhando a abobada no mesmo gesto aggressivo que lhe fixaram os alvaneus de Affonso IV. Ascende, como um emblema de inflexivel e inalteravel fidelidade ao Passado n'esta zona do planalto barrozo em que o regimen economico social é, approximadamente, o prescripto na legislação foraleira, sua coeva, e inspirado no communismo germanico...

Pedaços de muro indicam a trajetoria do cerco antigo contando ainda trez torreões, um dos quaes da primitiva feitura no seculo XIV e os restantes derivados da restauração no seculo XVI. A meio do recinto esphacelado, a grandiosa torre com uma pequena falha na dentadura d'ameias que não prejudica o effeito do seu conjuncto d'uma estabilidade quasi irreductivel. A galba obedece ao schema generico: base quadrangular, *machicoulis* destacando nos angulos, mas ao nivel do ultimo pavimento interno, para proteger as faces e a porta em ogiva, precavidamente afastada do solo.

A sua austeridade amima-se porem com a caricia d'um arbusto — a *lamagueira* — de folhagem fina e copioso fructo sanguineo, borbulhando das junctas da velhusca silharia n'um *décor* festivo, juvenil, caloroso, o que a semelha a uma ara gigantea engrinaldada de ramos votivos.

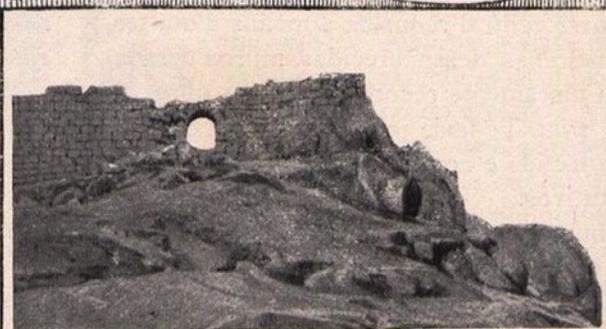
Proximo fica Chaves com o castello muito reduzido. A torre de menagem apresenta apenas de especifico o ter entre os *machicoulis* angulares, outros centraes, na mesma horizontalidade. A noroeste sobre uma elevação alça-se o de Monforte, juncto da raia, e para o levante depara-se com o de Vinhaes.

Mas onde o espirito melhor sacia a ancia pelas réminiscencias e indicios que mais completamente despertam o preterito é em Bra-



gança, na cidadella occupando a nascente o pinaculo d'uma collina. A entrada na cadauca colmeia humana faz-se por uma porta ogival entre dois baluartes que avançam parallelamente sobre a superficie da muralha, logo a chocar-se para a dextra n'uma decepada quadrella — a *torre da camara*. Transposta aquella abertura, tallhada em forma de mitra, que já se não cerra com fragor ao toque imperioso do *sino de correr*, atravessasse a espessura do segundo cinto de vedação para alem do qual se abre

TORRE DE MENAGEM DE MELGAÇO



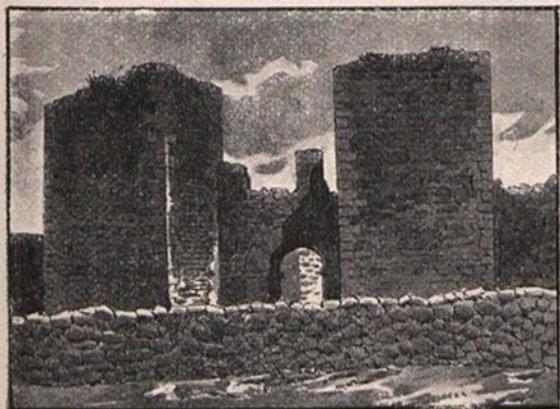
CASTELLO DE CASTRO LABOREIRO

Cliché Ricardo Severo

PORTA DO SAÇO,
CASTELLO DE CASTRO LABOREIRO
Cliché de R. Severo

uma ruéla, amolgada, tortuosa e estreita, conduzindo ao quartel de caçadores situado no extremo opposto. Então, abstrahindo da pouca gentana que transita com vestes da moderna fancaria e d'alguns soldados d'arcabouço pobre e parrano a desmentir a hyperbole litteraria da corpulencia dos trasmontanos, a imaginação recúa instinctivamente uns seculos pelo intenso archaismo que de todos os lados a sollicita.

No segmento direito do ambito cercado enfrenta-se com o bairro humido, viscoso e sordido, sulcado de viéllas e bêccos fétidos por onde cursa, n'um socego ineffavel, toda a fauna que as lendas dos evangeliarios fixaram no affecto da alma popular e d'onde vem o ruido de bitesgas sombrias e cavernosas, de casinholos pelintras espalhando uma vida amofinada e miseravel e de poluidos valhacoutos onde se espoja a soldadesca; mais alem, e dissimulada por uma capellória, poisa a *Casa do*



MIRANDA — PORTA DO AMPARO

Desenho de Moraes

Senado, talvez unico exemplar dos nossos edificios urbanos do seculo xii.

No segmento esquerdo alça-se a picota brigantina d'um insolito valor archeologico e o corpo principal das ruinosas fortificações d'outr'ora em que sobresaem a *torre da princeza* a desagregar-se lentamente, como que roida por uma carie centenaria, e a torre de menagem, vasta e um tanto açaçapada, mas não desgraçosa, tal é o concurso artistico e nobilificante de certos incidentes architectonicos congraçando a solidez e a esthetica. Esta, como aquella, é feita de schisto, antipatico, e rebelde a qualquer affeiçãoamento, de que lhe resultou a denegrida patine de ferrugem e é solidada nas arestas pelo granito amoldavel e robusto.

A pouco mais de meio da sua verticalidade cinge-a um friso granitico d'um inesperado alcance ornamental e ao alto dos cunhaes excrescem as bases, em secção rectangular, dos miradouros cylindricos a lançar uma nota de desvio e excepção ao typo até aqui exhibido, mas n'uma tão arguta e segura penetração de placos, que logo denuncia o magistral e douto senso constructivo que a gestou; as

ameias de remate horizontal com gretas cruciformes servindo de escudos ás vigias do terraço.

A porta, como sempre, voltada ao inimigo n'um cauteloso afastamento do solo. A nascente e a sul duas poeticas janellas gothicas flamejando e alleluiando as respectivas fachadas com o fulgor que irradia da pureza dos seus labores.

Aqui e ali, fenestras escancarando o vago e mudo negrume do interior, como golpes resequidos e hirtos de remotas punhaladas que jamais cicatrisassem. Um braço até'gora indemne memora a interferencia de D. João I restaurando a obra de D. Diniz, que por sua vez renovara a de D. Sancho.

Para quem de Bragança contavam-se algumas atalajas como as de Outeiro e Vimioso, hoje extinctas, mas só Miranda, a pequenina cidade morta, debruçada sobre o Douro, possuia realmente um castello. Sujeita aos acometimentos hespanhoes, com Zamora perto, acauteladamente se abafara n'uma resistente muralha, agora muito desmantelada, mas ainda evidente em quasi toda a cercadura e que se transpunha por duas portas: a de S.^o Antonio já desaparecida e a do Amparo identica á de Bragança e abrindo para a *costanilha*—a pittoresca rua seiscentista. Para as escapadas sobre a tenebrosa margem do rio havia o *postigo* a nascente.

No ponto culminante, a noroeste, erguia-se a fortaleza com o seu muro especial, o fosso e levadiças a contornar o cubo de menagem fartamente empastado com additamentos de reforço.

Uma explosão monstruosa, porem, fez com que quasi tudo isto abatesse. D'esse indescritivel desastre apenas ficaram apumados alguns lanços de cortinas e parte da firme torre central que D. João I mandou erigir, como o atesta o escudo firmado na face do sul com a sua porta ogival aberta para a Hespanha. O aspecto do poente é desolador. A menagem amputada e desventrada, as restantes edificações aluindo, e sobre a ossatura a descoberto das paredes descarnadas vão crescendo os pensos das hervagens decorativas das ruinas. Em volta a paisagem árida e triste onde um magro hortejo, ou um arremedo bucolico de vinha mais lhe aviva a sinistra melancolia que obsidia e penalisa juncto d'aquelles destroços — perfeito simile d'esta nossa patria esquecida da sua historia.



SUMMARIO DOS CAPITULOS I A VI

Benita Clifford, que se dirigia á Africa a bordo do paquete ZANZIBAR afim de se reunir a seu pae em Durban (Natal), tem por companheiro de viagem Roberto Seymour o qual se enamora d'ella. Seymour conta como encontrou o pae d'ella e Jacob Meyer em Bambatse, no interior de Africa, onde se suppunha existir um valiosissimo thesouro escondido. A declaração do seu amor é interrompida, quando ella está para responder, pelo naufragio do paquete. Seymour salva com grande difficuldade Benita, desfallecida por um ferimento na cabeça, mettendo-a dentro d'uma lancha. Cede em seguida o logar a uma mulher e a uma creança, em riscos de afogar-se, por não caber mais gente na lancha. Antes de se lançar ao mar, deixa no seio de Benita uma carta em que pede a resposta á sua declaração, caso ainda venham a encontrar-se. Consegue alcançar a costa, extenuado. A lancha é encontrada por outro paquete, e Benita reúne-se a seu pae em Durban, onde por um jornal tem noticia do encontro de um cadaver na costa por um cafre, que apresentou como prova um relógio com o nome de Seymour. Benita e seu pae partem para a fazenda d'este, Rooi Krantz, e quando estão proximos sahem do carro para dar caça a um antilope ferido, transviam-se, e de noite estão a pique de cahir n'um precipicio, quando em seu auxilio acode Jacob Meyer, levando-os a salvo para a fazenda. Ahi lbe narra a lenda dos portuguezes mortos ha seculos em Bambatse, e do thesouro que deixaram escondido.

CAPITULO VII

Os emissarios



BRIU-SE a porta, e transpol-a Jacob Meyer, seguido por tres indigenas. Benita não os viu nem ouviu; tinha a alma longe d'alli. No topo

do aposento, toda vestida de branco, pois que só no coração usava luto, illuminada pelos raios do candieiro suspenso acima d'ella, permaneceu silenciosa e erecta, porque se havia levantado; no rosto e nos olhos grandes e negros, uma expressão extranha de ver. Jacob Meyer deu por isso e estacou; os tres indigenas deram tambem por isso e estacaram. Quedaram se todos quatro, no extremo da comprida sala, pasmados para a figura branca de Benita e para os seus olhos extaticos.

Um dos indigenas apontou com o dedo delgado para o rosto d'ella, e disse aos outros um segredo. Meyer, que lhes entendia a lingua, comprehendeu o que elle segredara. Era isto:

— Olhae o Fantasma da Rocha!

— Que fantasma, e que rocha é essa? — perguntou elle em voz baixa.

— O fantasma que apparece em Bambatse; aquella que os nossos olhos já viram — respondeu o homem, sempre pasmado para Benita.

Benita ouviu o cicio das vozes, e percebeu que falavam a seu respeito, embora não pudesse apprehender uma palavra só. Com um suspiro desafogou-se das suas visões e sentouse n'uma cadeira que lhe ficava a geito. Então, a um e um, os emissarios approximaram-se d'ella, e cada um d'elles fez uma profunda venia, tocando no chão com as pontas dos dedos e fitando-lhe o rosto. Mas a seu pae, saudaram-no apenas levantando a mão. Ella olhava-os com interesse, e interessantes, no genero, eram

elles realmente; altos e magros, de tez bastante clara, physionomias finas e expressivas. Não havia allí sangue negro, mas antes o de qualquer povo da antiguidade, como egypcios ou phenicios: homens cujos antepassados haviam sido instruidos e civilizados ha milhares de annos, e que porventura haviam figurado nas côrtes de Pharaó ou de Salomão.

Acabadas as saudações, os tres homens acoraram se em linha, conchegando as vestimentas de pelle, e aguardaram em silencio. Jacob Meyer pensou um momento, e disse:

— Clifford, quer dar-se ao incommodo de ir traduzindo, para sua filha ficar certa de que lhe referem fielmente o que ha?

Depois virou-se para os indigenas e falou-lhes:

— Os vossos nomes são Tamas, Tamala, e Hoba. Tamas é filho do molemo de Bambatse, que se chamam Mambo. Tamala e Hoba são seus conselheiros iniciados. Não é assim?

Elles inclinaram a cabeça.

— Bem. Tamas, conta tu a historia e torna a dar o teu recado, afim de que o ouça esta senhora, que tem uma parte no assumpto.

— Que ella tem uma parte entendemos nós — replicou Tamas — Em seu rosto lemos que tem ella a parte principal. É d'ella sem duvida que o Fantasma falou a meu pae. São estas, ditas por minha bocca, as palavras do molemo meu pae, as quaes em tão longa jornada viemos communicar.

«Quando vós dois, brancos, visitastes Bambatse ha quatro annos, viestes a mim, Mambo, pedir licença de entrada no terreno sagrado, afim de pesquisar o thesouro que os portuguezes occultaram em tempo de meu avoengo da sexta geração. Recusei-lhes permissão de ver, sequer mesmo de entrar no terreno sagrado, porque de nascença sou guarda d'esse thesouro, embora ignore onde elle jaz. Acho-me porem agora em grande aperto. Tenho noticia de que o usurpador Lobengula, que é rei dos Matabales, se scandalisou commigo por certos motivos, entre elles por eu não lhe mandar tributo sufficiente. Consta que elle tenciona no proximo verão mandar um *impi* para me exterminar a mim e ao meu povo e tornar o Kraal em carvão como o veld depois de uma queimada. De pouca força disponho para lhe resistir a elle, que é poderoso, e a minha gente não é guerreira. De geração para geração teem elles feito commercio, cultivado a terra, trabalhado os metaes; são homens dados á

paz, que não desejam matar nem ser mortos. Demais, são poucos. Por conseguinte, falta-me poder para arrostar contra Lobengula.

«Lembro-me das armas que vós trazeis comvosco, as quaes podem matar de muito longe. Se eu tivesse uma provisão d'essas armas dentro das minhas muralhas, já eu podia desafiar o *impi* de Lobengula, cujos guerreiros usam azagaia. Se vós me fornecdes cem boas armas e copia de polvora e balas para ellas, tenho uma revelação de que me será licito admitir-vos no terreno secreto e sagrado, onde podereis pesquisar á vontade o ouro enterrado, e, se o achardes, leval-o para onde vos aprouver sem objecção minha ou do meu povo. Mas quero ser leal comvosco. Esse ouro nunca será encontrado, a não ser pela pessoa predestinada para tal. Assim o disse a dama branca em tempo de meu avoengo; ouviu-o elle com seus ouvidos, e dos seus descendentes o ouvi eu com meus ouvidos, e assim ha de ser. Todavia, se me trouxerdes as espingardas, podereis experimentar se qualquer de vós é a pessoa predestinada. Eu não creio, porem, que homem algum o seja, porque o segredo está occulto n'uma mulher. Embora! Isso podereis aprender por vós próprios. Eu apenas falo conforme me ordenaram.

«É este o meu recado, dito por minha bocca, que é Tamas, filho de meu corpo, e meus conselheiros que o acompanham serão testemunhas de que elle fala verdade. Eu, Mambo, molemo de Bambatse, vos envio saudações, e vos acolherei com regosijo e cumprirei minha promessa, se vierdes a mim com essas armas que alcançam longe, dez vezes dez d'ellas, e a polvora, e as balas com que eu possa repellir os matabeles, mas não de outra forma. Meu filho, Tamas, e meus conselheiros conduzirão vosso carro ao meu paiz, mas não deveis trazer comvosco servos extranhos. O Espirito da mulher branca, que se matou ante os olhos de meu avoengo, tem apparecido ultimamente em pé no extremo da rocha; tambem me tem visitado no sitio mysterioso em que pereceram seus companheiros. Ignoro o que tudo isto prognostica, mas creio que entre outras cousas ella desejava informar-me de que os matabeles estão a pique de nos atacar. De presente vos envio uma pequena porção do ouro velho, visto que o marfim pesa demais para ser transportado por meus emissarios, e eu não possuo carro. Adeus».

— Ouvimos o que disseste — exclamou



QUEDARAM-SE TODOS QUATRO... PASMADOS PARA A FIGURA BRANCA DE BENITA

Meyer, quando Clifford poz termo á traducção — e desejamos fazer-te uma pergunta. Que queres tu dizer quando declaras que tem apparecido o Espirito da mulher branca?

— Quero' dizer o que digo, branco — respondeu Tamas — Vimol-a nós todos tres, de pé em cima do pincaro, ao romper da aurora; tambem a viu meu pae e com ella falou a sós, quando de noite dormia. É esta a terceira vez em vida de meu pae que ella apparece assim, e é sempre antes de algum importante successo.

— Como é ella? — perguntou Meyer.

— Como é? Ah! tál qual como essa dama que alem está sentada. Sim, tal qual, pelo menos assim se nos afigurou. Mas quem sabe? Nós nunca vimos outras mulheres brancas, e não estavamos muito perto d'ella. Que essa senhora venha pêr-se ao lado do Espirito, para nós as examinarmos a ambas e podermos responder melhor. Aceitaes a proposta do molemo?

— Amanhã de manhã t'ó diremos — replicou Meyer — Cem carabinas não se encontram de pé para a mão, e não custam pouco dinheiro. Entretanto, não vos faltará aqui que comer nem onde dormir.

Os tres homens pareceram desapontados com esta resposta, que evidentemente tomaram á conta de preliminar para uma recusa. Consultaram-se uns momentos, em seguida Tamas mettu a mão n'uma sacola e tirou de dentro o quer que fosse, embrulhado em folhas secas. Desfeito o embrulho, apresentou um collar bellissimo e desusado, de elos de ouro entrelaçados, e pedras brancas incrustadas, que os europeus não tiveram difficuldade em reconhecer por diamantes não lapidados de consideravel valor. Do collar pendia tambem um crucifixo modelado em ouro.

— Offerecemos este presente — disse Tamas — da parte de Mambo, meu pae, a esta dama para quem não teem serventia alguma o ouro em bruto. Esta cadeia tem uma historia. Quando a dama portugueza se despeñhou no rio, tinha-a ella ao pescoço. Ao cahir, bateu n'uma ponta de rocha que lhe despedaçou a cadeia — vêde como está quebrada e concertada com um fio de ouro. Ficou a cadeia presa á ponta de rocha, e d'ahi a tirou meu avoengo. É um presente para a senhora, se ella prometter usal-a.

— Aceita — murmurou Clifford, depois de terminar a traducção — aliás ficarão escandalizados.

Benita disse pois:

— Agradeço ao molemo, e acceito o presente.

Tamas ergueu-se então, adeantou-se para ella e enfiou-lhe pela cabeça a antiga e tragica joia. Ao descahir-lhe sobre os hombros, sentiu Benita que era uma cadeia, com que o destino a puxava não sabiã para onde, esse adorno que fôra usado por aquella mulher, enlutada e desditosa como ella propria, que só na morte pudera encontrar refugio contra a sua angustia. Tel o-hia sentido ella arrancar do seio, pensava Benita, como ella propria, a viva de hoje em dia, o sentira cahir no seu?

Os tres enviados ergueram-se, fizeram uma venia e sahiram, deixando-os sós. Jacob Meyer levantou a cabeça como se quizesse interpellar Benita, depois reflectiu e ficou calado. Ambos os homens esperavam que ella falasse, mas ella nada disse. Foi afinal seu pae que rompeu o silencio.

— Que dizes, Benita? — perguntou-lhe com anciedade.

— Eu? Nada tenho a dizer, a não ser que ouvi uma historia curiosissima. O recado do sacerdote é para meu pae e para o sr. Meyer; aos senhores cumpre responder. Que tenho eu com isso?

— Tens muito, creio eu, minha querida, ou assim o suppunham, ao que parece, aquelles homens. Em todo o caso, eu não posso commetter a viagem sem te levar commigo, e não o farei contra tua vontade, porque a viagem é longa e cheia de complicações. O que eu pergunto é se queres ir.

Ella meditou uns instantes, emquanto os dois homens a fitavam com olhos anciosos.

— Pois sim! — respondeu finalmente, com voz serena — Irei, se assim o desejam, não porque eu pretenda achar thesouros, mas porque a historia e o paiz onde ella occorreu me interessam. Verdade verdade, eu não tenho grande fé no tal thesouro. Ainda mesmo que os indigenas sejam supersticiosos e tenham medo de o procurar elles proprios, duvido que elles lhes consentissem pesquisas, se acaso supuzessem que elle se poderia encontrar. A mim não me parece a jornada vantajosa sob o ponto de vista do negocio, e alem d'isso tem seus perigos.

— Nós acreditamos que ella é excellente — atalhou resolutamente Meyer — E ninguem espera apanhar milhões sem soffrer incommodos.

— Sim, sim — disse Clifford — mas ella tem razão: ha perigos, e perigos serios: as febres, os

animas ferozes, os selvagens, e outros que se não podem prever. Acaso tenho eu direito de a expôr a elles? Não é mais justo irmos sós?

— Seria escusada a ida — replicou Meyer — Aquelles emissarios viram sua filha, e envolveram-n'a na sua supersticiosa historia de uma alma, da qual eu, que sei não existirem taes cousas, não creio, aliás, palavra. Sem ella é certo que nada faremos.

— Pelo que respeita a perigos, meu pae — disse Benita — cá por mim não faço caso d'elles. O que deve acontecer tenho a certeza que ha de acontecer por força, e ainda quando eu soubesse que era destino meu morrer no Zambeze, nada me importava isso. Mas o que me palpita, não sei explicar porquê, é que meu pae e o sr. Meyer estão mais arriscados do que eu. A ambos pertence ponderar bem se devem expôr-se a perigos.

Clifford sorriu.

— Já estou velho — disse elle — A minha resposta é esta.

— E eu cá estou habituado a aventuras d'este jaez — disse Meyer, encolhendo os hombros — Quem é que não correria algum perigo n'uma contingencia de tal modo seductora? Opulencia, opulencia, opulencia como nunca sonhámos, e o poder que d'ella vem; o poder de vingar, de premiar, de comprar honrarias e prazeres, e todas as bellas cousas que são apenas patrimonio dos ricos.

E Meyer espalmou as mãos e ergueu os olhos, como se estivesse em adoração perante o deus do ouro.

— Excepto essas ninharias que são a saude e a felicidade — commentou Benita, com uma tinteira de sarcasmo, porque tinha uma certa repugnancia por este homem e por seus appetites materiaes, especialmente ao confrontal-o com outro homem, perdido para ella, com quanto fosse certo que o passado d'este havia sido ocioso e improductivo bastante.

No emtanto, as ambições de Meyer tambem a interessavam, pois nunca encontrara em ninguem taes talentos, tal avidéz e tal crueza.

— Então, pelo que vejo, é caso assente — disse ella.

Clifford hesitou, mas Meyer redarguiu immediatamente:

— É, é caso assente, pelo menos tão assente quanto possivel.

Ella aguardou um momento que seu pae fallasse, mas elle nada disse.

— Muito bem. Agora escusamos de nos em-

baraçar com mais duvidas ou argumentos. Vamos partir para Bambatse, lá no Zambeze, muito longe d'aqui, em cata de ouro enterrado. Confio, sr. Meyer, que, caso o encontre, os resultados corresponderão ás suas esperanças e lhe trarão toda a especie de fortuna. Muito boa noite, meu querido pae, boa noite.

— Minha filha está convencida de que esse ouro nos trará má sorte — disse Clifford, quando a porta se cerrou sobre ella. — É a maneira que ella tem de exprimir essa convicção.

— Sim — retorquiu Meyer com ar sombrio — Ella está convencida d'isso, e pertence ao numero das taes que são videntes. Deixal o! Pode ser que se engane. Demais, a questão é esta: devemos agarrar esta occasião com todos os seus perigos, ou deixarmo-nos aqui ficar toda a vida a crear cavallos ruins, emquanto ella, que de nada tem medo, se ri de nós? Decididamente, vou a Bambatse.

Clifford ainda d'esta feita não deu resposta directa; fez apenas uma pergunta:

— Quanto tempo levará a arranjar as armas e as munições, e quanto pode isso custar?

— Couda de uma semana para as havermos de Wakkerstroom — replicou Meyer — O velho Potgieter, o negociante do sitio, acaba de importar uma centena da Martinis e outra centena de Westley-Richards. Cincoenta de cada, com uns dez mil cartuxos, importarão ahi em 600 libras, e essa quantia possuímos nós no banco. Temos tambem a carriola nova e abundancia de bois e cavallos excellentes. Podemos levar comnosco uma duzia de cavallos, e vendel os por bom preço no norte do Transvaal, antes de nos mettermos nos campos da mosca tsé-tsé. Os bois é provavel que os atravessem a salvo, visto que a maior parte d'elles estão «salgados».

— Vejo que vossê pensou em tudo, Jacob, mas olhe que tudo isso representa uma continha calada, sem falar de outras cousas.

— Custa, isso custa, e essas carabinas são boas demais para cafres. Quaesquer escopetas velhas serviam, mas não as temos á mão. Mas que importa o dinheiro, e que querem dizer as carabinas, em comparação com o que podem grangeiar-nos?

— Parece-me que o melhor seria consultar minha filha. Afigura-se-me que ella tem ideias assentes sobre o caso.

— Miss Clifford formou o seu juizo, e já d'alli não sae. Escuso de lhe fazer mais perguntas — replicou Meyer

Em seguida sahiu elle tambem do aposento, afim de dar ordens para a jornada a Wakkers-troom, que logo no outro dia tencionava intentar. Mas Clifford ficou alli sentado até depois da meia noite, a pensar se teria feito bem e se encontrariam o thesouro com que elle sonhava havia annos, e que sorte lhe reservava o futuro.

Ah! se elle pudesse prever!

Quando Benita veiu almoçar, perguntou onde estava Meyer e soube que elle já partira para Wakkerstroom.

— Está com pressa — disse ella rindo.

— Está — respondeu o pae — Jacob está sempre com pressa, mas apesar d'isso não tem que louvar-se por esse costume. Se formos mal succedidos, não ha de ser á mingua de ponderação e preparo da parte d'elle.

Passou quasi uma semana antes que Meyer voltasse, e entrementes Benita aprestou-se para a jornada. Nos intervallos dos seus singelos aprestos, tambem conversou bastante, servindo seu pae de lingua, com os tres soberbos makalangas, os quaes gratamente se acolhiam ao descанço depois da longa viagem. A conversação versava sobre topicos geraes, visto que por tacito assenso não se faziam referencias ao thesouro nem a cousa alguma que lhe dissesse respeito, mas habilitou a a formar opinião favoravel sobre elles e o seu povo. Percebeu ella que, apesar de falarem um ditaecto do zulu, elles não possuiam sombras da valentia dos zulus, e viviam realmente com terror mortal dos matabeles, que são zulus bastardos; um terror tal, com effeito, que ella tinha grandes duvidas sobre o serviço que lhes prestariam as cem carabinas, caso chegassem a ser atacados por aquelle tribu.

Eram o que antes d'elles haviam sido seus paes: agricultores e operarios em metaes, não gente de combate. Tambem Benita se applicou a estudar quanto pudesse a lingua d'elles, o que não achou difficil, porque, alem de possuir uma aptidão natural para esse genero de estudos, nunca se esquecera do hollandez e do zulu, que costumava tagarelar em pequena e que n'um prompto trouxe de novo á lembrança. Dentro em pouco, já falava correntemente em qualquer d'essas linguas, pois que, alem da pratica, consumia as horas vagas a estudar-lhes a grammatica e a lel-as.

Assim foram decorrendo os dias, até que uma tarde appareceu Jacob Meyer com dois carros escocezes, carregados de dez caixotes compridos que pareciam caixões, e outros cai-

xotes mais pequenos mas muito pesados, alem de uma grande quantidade de provisões. Como Clifford previra, nada lhe havia esquecido; até trazia a Benita varios artigos de vestuario e um revolver que ella não tinha encommendado.

D'alli a tres dias partiram elles de RooiKrantz n'uma lindissima manhã de domingo em começos da primavera, fazendo constar que iam n'um expedição de commercio e de caça ao norte do Transvaal. Benita lançou um olhar de despedida para o seu favorito recanto, deliciosamente remoroso, e para o placido lago que lhe ficava fronteiro, sobre o qual vogavam as aves aquaticas, e suspirou. Para ella, agora que ia deixal-os, aquelles sitios como que pertenciam ao seu lar, e veiu-lhe ao espirito a suspeita de que nunca mais os tornaria a ver.

CAPITULO VIII

Bambatse

Perto de quatro mezes passados, a carriola, que transportava Clifford, Benita e Jacob Meyer, acampou finalmente uma noite dentro das terras do molemo de Bambatse, Mambo de nome. Ou talvez que fosse esse o seu titulo, visto que, no dizer de Tamas, seu filho, todos os chefes que iam succedendo eram assim chamados, comquanto nem todos fossem molemos ou representantes e prophetas de Deus ou do Grande Espirito a quem elles davam o nome de Munwali. Succedia pois ás vezes que o molemo, ou sacerdote de Munwali, e o Mambo ou chefe eram pessoas differentes. Por exemplo, affirmava Tamas que elle proprio seria Mambo por morte de seu pae, mas não lhe era dado ter visões; por consequente, pelo menos emquanto assim fosse, não lhe competia ser molemo.

No decurso d'essa prolongada jornada, tinha-se deparado aos europeus grande numero de aventuras, como aliás era commum aos viajantes africanos antes de existirem caminhos de ferro; encontros com animaes ferozes e tribus indigenas, cheias de rios, e, o que foi peor, tres dias passados a curtir sêde por lhes falhar um poço ou fossa onde esperavam encontrar agua. No emtanto, nenhum d'estes percalços foi em extremo grave, e nunca tinha qualquer dos tres gozado mais saude do que n'aquella occasião, porque tinham tido a fortuna de escapar ás febres. Até aquelle viver sertanejo e rude tinha convindo extraordinariamente a Benita. Quem a houvesse conhecido nas ruas de

Londres difficilmente a identificaria com a rapariga tostada, activa e desempenada que n'essa noite se sentara junto á fogueira do acampamento.

Tinham-se vendido todos os cavallo, excepto aquelles que tinham morrido e tres que estavam «salgados», isto é, á prova contra a epidemia mortifera d'esses animaes. A gente de serviço tinha sido tambem recambiada para Rooi Krantz, a tomar conta de um carro escocez carregado de marfim, comprado a uns caçadores boers que o haviam trazido do norte do

makalangas, corria o Zambeze, e em frente d'elles, á distancia de umas dez milhas se tanto, um grande monte isolado, nem mais nem menos que a terra que elles vinham procurar de tão longe, Bambatse, que o grande rio quasi circumdava. Um dos tres makalangas, o que tinha o nome de Hoba, adeantara-se já para annunciar na terra a chegada dos europeus.

Estavam a descançar no meio de ruinas, a mór parte de forma circular, e Benita, estudando-as á claridade brilhante do luar, suspeitou que ellas houvessem sido d'antes casas. Aquelle



— SENHORA, OLHA A CIDADE DO MEU POVO

Transvaal. Portanto, n'este final de jornada, seus unicos serviçaes eram os tres makalangas, que guardavam e pastoreavam o gado, enquanto Benita cozinhava a caça morta pelos dois brancos ou o alimento comprado ás vezes aos indigenas.

Dias havia já que elles percorriam uma região praticamente deserta, e agora, depois de passarem um desfiladeiro, o mesmo em que Roberto Seymour havia deixado o seu carro, estavam acampados n'uma planura que, a ajuizar pelos escombros de muro que por todos os lados appareciam, fôra em tempos largamente murada e cultivada. Á direita elevava-se um terreno montanhoso, alem do qual, diziam os

sitio, tão solitario agora, fôra sem duvida, ha centenas ou milhares de annos, habitado por uma grande população. Ha milhares de annos, mais do que centenas, pensava ella, visto que alli ao pé, do meio de um d'esses casebres circulares, crescia um immenso baobab, que não podia ter presençeado menos de dez ou quinze seculos desde que a semente traspassara o chão de cimento, ainda visivel em redor do tronco gigantesco.

Tamas, o filho do molemo, viu-a a estudar estas provas de antiguidade e approximou-se, saudando-a.

— Senhora — disse elle na sua lingua, que ella já falava perfeitamente — senhora — repe-

tiu elle agitando a mão n'um bello gesto — olha a cidade do meu povo.

— Como sabes que era esta a tua cidade? — perguntou ella.

— Não sei, senhora. As pedras não falam, os espiritos são silenciosos, e nós esquecemo-nos. Comtudo, eu assim creio, e nossos paes nos contaram que ha seis ou oito gerações, quando muito, vivia aqui gente em barda, comquanto não fosse essa gente quem levantou estas paredes. Ainda ha cincoenta annos havia aqui muitos, mas agora os matabeles exterminaram-nos, e nós somos poucos; ámanhã verás que poucos somos. Vem comigo e repara.

Conduziu-a para o interior de um kraal quadrangular para gado, que estava perto d'elles. Viam-se lá dentro um hervalho verdejante e algumas moutas, e pelo meio dezenas de caveiras e ossos.

— Mataram-n'os os matabeles em tempo de Moselikatse — disse elle — Agora, ainda te espantas de que tenhamos os matabeles e desejemos armas para nos defender d'elles, ainda que vendamos os nossos segredos para as comprar, visto que não temos dinheiro para darmos por ellas?

— Não — respondeu ella, olhando para o negro alentado e solemne, em cuja alma tão profundos sulcos haviam deixado os grilhões do terror e da escravidão — Não, já não me espanto.

Ao romper do dia seguinte, proseguiram seu caminho, sempre por entre esses vestigios de povos mortos e esquecidos. Não tinham mais de dez milhas a percorrer para alcançar o termo da prolongada viagem, mas a estrada, se este nome se lhe podia dar, era de veras ingreme, e os bois, de que restavam apenas quatorze para puxarem o carregadissimo vehiculo, estavam magros e estropeados, de forma que a marcha era vagarosa. Já passava do meio dia quando afinal começaram a entrar no que só por arrojada metaphora se podia chamar a cidade de Bambatse.

— Quando voltarmos, teremos de fazer a jornada pelo rio, quer-me parecer, a não ser que possamos comprar gado novo — disse Meyer olhando para os fatigados ruminantes com ar dubitativo.

— Porquê? — perguntou anciosamente Clifford.

— Porque alguns d'estes animaes foram mordidos pela mosca tsé-tsé, como succedeu ao meu cavallo, e a peçonha está começando a la-

vrar. Já a noite passada desconfiei d'isto, e agora tenho a certeza. Repare-lhes para os olhos. Foi ha oito dias, n'aqueulla moita do *veld*. Bem dizia eu que não deviamos ter alli acampado.

Chegavam n'este momento á cumiada da serania, e logo a pouca distancia se lhes depararam as prodigiosas ruinas de Bambatse. De frente d'ellas erguia-se um monte, que se debruçava sobre o amplo estuario do Zambeze, o qual n'uma grande extensão o protegia por tres lados. O quarto, que lhes ficava fronteiro, a não ser n'uma especie de vereda que conduzia á povoação, era igualmente defendido pela natureza, porque a rocha granitica da base se erguia quasi a pique, cousa de dezeseis ou dezeseite metros.

No monte, que ao todo cobriria oito ou dez geiras de terra, e cercados por um profundo fosso ou *donga*, havia tres cercas de fortificações, umas acima das outras, muralhas possantes que evidentemente não haviam sido erigidas por mãos modernas. Ao contemplal-as, podia Benita comprehender bem o motivo por que os pobres portuguezes fugitivos haviam escolhido este local como derradeiro refugio, e tinham por fim sido vencidos, não pelos milhares de selvagens que os perseguiram e cercaram, mas só pela fome. Na realidade, o forte parecia inexpugnável para qualquer exercito que não estivesse armado com peças de cerco.

Para aquem d'esse fosso natural, que sem duvida em antigos tempos se enchera com agua trazida do Zambeze, ficava a aldeia dos makalangs de Bambatse, um agglomerado de setenta ou oitenta miseraveis choupanas, redondas como as dos seus antepassados, mas construidas de lama e colmo. Á roda ficavam os jardins ou campos cerrados, cultivados com esmero, e n'esta quadra do anno ricos de cereaes que se douravam.

Comtudo, Benita não viu nenhum gado e concluiu portanto que o guardariam, por segurança, no monte, dentro das muralhas.

Foram descendo pesadamente pela aspera ladeira, e atravessaram em seguida a aldeia, onde as poucas mulheres e creanças embasbacaram para elles com ar de susto. Chegaram depois á vereda que, no extremo, estava bloqueiada com espinhos e pedregulhos arrancados das ruinas. Emquanto esperavam que a desobstruissem alguns homens que tinham apparecido, Benita observava a muralha massiça da cerca, com dez a treze metros de alto e talvez uns seis a sete de espessura na base, construi-

da de blocos de granito sem argamassa, com um embrechado de pedras coloridas formando ornatos exquisitos. Na sua espessura divisava ella uns entalhes, onde evidentemente tinha havido outr'ora pontes levadiças, mas estas haviam desaparecido de ha muito.

— É admiravel! — exclamou ella dirigindo-se a seu pae — Ainda bem que vim! E meu pae esteve lá em cima?

— Não, só estive entre a primeira e a segunda cerca, e apenas uma vez entre a segunda e a terceira. O velho templo, ou o que quer que seja, fica no cimo, e dentro d'elle não quizeram nunca admittir-nos. É ahi que está escondido o thesouro.

— Que se suppõe estar escondido o thesouro — corrigiu ella sorrindo — Mas diga-me, meu pae: que garantia tem de que elles nos concedam agora essa permissão? Talvez que nos apanhem as espingardas, e nos dêem com a porta, ou antes com o portão, na cara.

— Sua filha tem razão — disse Meyer — Não ha garantia alguma, e antes de descarregarmos um unico caixote, convem que a tenhamos. Ah! eu bem sei que é arriscado, e melhor fôra que nos assegurassemos de principio, mas agora já é tarde para fallarmos n'isso. Olhe lá! Os pedregulhos já se tiraram; vamos andado, vamos!

Estalou o comprido chicote, os pobres bois esfalfados deram uma arrancada nas cangas, e lá transpuzeram a entrada da fortaleza fatidica, a qual tinha apenas a largura sufficiente para lhes dar entrada. Dentro havia um grandê espaço descoberto, o qual, a ajuizar pelas numerosas ruínas, fôra outr'ora cheio de edificações, agora meio occultas pelo capim, pelas arvores e pelas trepadeiras. Era esta a cerca exterior onde, em tempos antigos, tinham a sua casa os sacerdotes e os capitães. Cortando atravez d'ella cousa de cento e cincoenta metros, acharam-se a contas com a segunda muralha, identica á primeira, embora um pouco menos solida, e viram n'um terreiro de terra batida, sentados á sombra por causa do calor do dia, os habitantes de Bambatse reunidos para os saudar.

Á uns cincoenta metros descavalgaram, deixando os cavallos mais o carro a cargo do makalanga Tamala. Então, Benita collocou-se entre seu pae e Jacob Meyer, e adeantaram-se todos para o rancho dos indigenas, os quaes andariam por uns duzentos, todos homens adultos.

Ao approximarem-se, á excepção de um vulto

que permaneceu sentado de costas para a muralha, o circulo humano levantou-se todo em signal de respeito, e Benita viu que elles tinham aspecto semelhante ao dos emissarios, altos e sympathicos, de olhos melancolicos e ar timido, como de gente que vive dia a dia no terror da escravidão e da morte. Defronte dos europeus, havia uma aberta no circulo, e por ella os guiou Tamas. Benita sentiu então que toda aquella gente cravava sobre ella os olhos tristes. A poucos passos do homem acororado de encontro á muralha, com a cabeça envolta n'uma manta primorosamente lavrada, estavam collocados tres tamboretos de excellente talha. A um gesto de Tamas, sentaram-se n'elles os tres, e, como não era cerimonioso que falassem primeiro, ficaram silenciosos.

— Não vos impacientes e perdoae — disse por fim Tamas — Meu pae, Mambo, está implorando ao Munwali e aos espiritos dos seus paes que esta vossa vinda seja afortunada e que sobre elle desça a visão do que está por vir.

Benita, sentindo perto de duzentos olhares concentrados sobre ella, desejou que a visão não se demorasse; mas, passados um ou dois minutos, o seu espirito começou a afinar com o meio em que se via, e quasi achou prazer n'este extravagante episodio. Aquellas possantes muralhas velhas, erectas por mãos desconhecidas, que haviam assistido a tantas peripicias tragicas; a ronda triplice e silenciosa de homens pacificos e solemnes, os ultimos descendentes de uma raça culta; o vulto agachado envolto no manto, que se imaginava communicando com a sua divindade — tudo isto era extranho deveras, espectaculo bem digno de uma creatura farta da monotonia da civilisação.

De subito, o homem agitou-se, e lançou para traz o manto, revelando uma cabeça encanecida pela idade, um rosto espiritual e ascetico, tão macilento que todos os ossos se mostravam, e olhos negros que se erguiam sem vista, como de pessoa em transe extatico. Tres vezes suspirou, emquanto a sua gente o contemplava. Depois os seus olhos recahiram sobre os tres brancos sentados em frente d'elle. Fitou primeiro Clifford, e alterou-se-lhe o rosto; depois Jacob Meyer, e teve uma expressão de anciedade e de pavor; finalmente, cravou em Benita os olhos negros, os quaes assumiram um ar de serenidade e de ventura.

— Virgem branca — disse elle em voz baixa



— VIRGEM BRANCA, PARA TI TENHO EU BONS PROGNOSTICOS

e suave — para ti pelo menos tenho eu bons prognósticos. Ainda que a Morte de ti se approxime, ainda que a vejas á mão direita e á mão esquerda, na tua frente e atraz de ti, digo-te eu, escusas de temer. Aqui, onde conheceste profunda angustia, encontrarás felicidade e repouso, ó virgem que acompanha o espirito de uma virgem pura e bella como tu, que ha tanto tempo morreu.

Em seguida, enquanto Benita se sentia impressionada por aquellas palavras, ditas com tão doce gravidade que, embora não lhes desse credito, lhe traziam uma especie de conforto, elle olhou de novo para Clifford e Jacob Meyer, e, como dominando-se com esforço, ficou silencioso.

— Não tens nenhuma prophécia agradável para mim, meu velho amigo? — interrogou Jacob — Para mim que de tão longe venho para a escutar?

O rosto senil tornou-se immediatamente impenetravel, desvaneceu-se d'elle toda a expressão sob uma centena de rugas, e o velho respondeu :

— Nenhuma, branco, nenhuma que seja minha missão revelar-te. Investiga tu proprio os ceus, tu que és tão sabio, e lê n'elles se acaso podes. Senhores—proseguiu elle n'outro tom— saudo-vos em nome e na presença de meus filhos. Tamas, meu filho, saudo-te igualmente; cumpriste bem tua missão. Escutae agora... Estaes fatigados e precisaes descançar e comer; no emtanto, tende paciencia de me ouvir, porque tenho uma cousa a dizer-vos. Olhae em torno de vós. Estaes vendo toda a minha tribu, que não passa hoje de vinte vezes dez acima da idade infantil, nós que eramos outr'ora innumeraveis como as folhas d'essas arvores alem na primavera. Por que razão temos perecido? Por causa dos amandebeles, d'esses perros ferozes, que ha duas gerações conduziu lá do sul Moselikatse, o general de Chaka, que nos escravisa e matam anno a anno.

« Não somos bellicosos, nós que temos sobrevivido á guerra e á mortandade. Somos homens pacificos, que desejamos cultivar a terra, e seguir as artes que de nossos antepassados herdámos, e adoramos os ceus que nos cobrem, para onde partimos a juntar-nos aos espiritos de nossos avoengos. Elles porem são ferozes e robustos e selvagens, e cahem sobre nós, e assassinam creanças e velhos, e roubam nossas mulheres e nossas virgens para as escravisar, e levam-nos todo o gado.

« Onde pára o nosso gado?

« Em poder de Lobengula, chefe dos amandebeles; a custo nos deixa uma vacca que dê leite aos doentes ou ás creanças orphãs de mãe.

« E, apesar d'isso, ainda exige mais gado. Tributo, dizem seus *mutumes*, dae-me o tributo, senão virá sobre vós o meu *impi*, que vol-o arrancará com as vidas.

« Mas nós não temos gado nenhum, sumiu-se todo. Nada nos deixaram a não ser esta antiga montanha e estas velhas edificações, e uma mancheia de trigo com que vivemos. Assim vol-o affirmo, eu, o molemo, eu cujos antepassados foram grandes reis, eu que em mim tenho ainda mais sabedoria que todas as hostes amandebeles.»

E a cabeça encanecida tombou-lhe sobre o peito e deslisaram-lhe lagrimas pelas faces rugosas, enquanto o seu povo bradava:

— Mambo, é verdade isso.

— Escutae ainda! — continuou elle — Lobengula ameaça-nos, por isso eu mandei dizer aos brancos que em tempo aqui estiveram que nos trouxessem cem espingardas, e polvora e balas, para nós podermos rechaçar os amandebeles detraz d'estas nossas fortes muralhas, e que eu os conduziria ao local mysterioso e sagrado onde durante seis gerações nenhum branco poz os pés, e lhes permitiria que pesquisassem pelo thesouro que lá está occulto, ninguem sabe onde, esse thesouro que elles pediram licença para procurar ha quatro invernos. Recusei então e expulsei-os d'aqui, por causa da maldição lançada sobre nós pela virgem branca que morreu, a ultima sobrevivente dos portuguezes, que nos prophetisou sorte igual á da sua gente, se acaso deixassemos levar o ouro enterrado por alguém que não fosse a pessoa para isso predestinada.

« Meus filhos, a alma errante de Bambatse visitou-me; vi-a eu, outros a viram, e no meu somno me disse ella: « Consente que esses homens venham e pesquisem, porque com elles está alguém do sangue a quem é dada a riqueza do meu povo; e grande é o perigo que te ameaça, porque muitas lanças se approximam ». Meus filhos, eu enviei meu filho e outros emissarios n'uma jornada longinqua até onde esses homens residiam, e elles regressaram passados muitos mezes trazendo comsigo esses homens, trazendo tambem comsigo outra pessoa de quem eu nada sabia, sim, aquella que está predestinada, aquella de quem me falou o Espirito.»

Então ergueu a mão mirrada e estendeu-a para Benita, dizendo :

— Digo-vos eu que alem está sentada aquella por quem teem esperado as gerações.

— Assim é — responderam os makalangas

— É a Dama Branca que volta de novo a buscar o que é seu.

— Amigos — perguntou o molemo aos europeus, pasmados d'este extraordinario discurso

— dizei-me, trouxestes as armas?

— Por certo — redarguiu Clifford — Estão lá no carro, das melhores que se fabricam, e mais dez mil cartuchos, comprados por alto preço. Cumprimos da nossa parte o contracto; queres agora cumpril-o tambem, ou preferes que nos retiremos com as espingardas e que vos deixemos a braços com os matabeles, apenas armados das vossas azagaias?

— Dize tu as condições do ajuste, que nós te escutamos — retorquiu o molemo.

— Pois bem! — disse Clifford — as condições são estas: Dar-nos-has alimentos e abrigo emquanto aqui nos demormos. Conduzir-nos-has ao local mysterioso no cimo do monte, onde morreram os portuguezes e está escondido o ouro. Deixar-nos-has fazer pesquisas onde e quando nos aprouver. Se nós descobrirmos o ouro ou qualquer outra cousa de valor para nós, consentirás que o levemos e auxiliar-nos-has na jornada, ou fornecendo-nos almadias e gente para as tripular, afim de navegar pelo Zambeze abaixo, ou de qualquer outra forma que mais facil possa ser. Não permitirás que ninguém nos moleste ou nos agrave durante a nossa permanencia aqui. É este o ajuste?

— Alguma cousa falta — disse o molemo — Eis o que é preciso accrescentar: primeiro, que vós nos ensinareis a servir-nos das espingardas; se-

gundo, que pesquisareis e descobrireis o thesouro, se tal fôr o destino, sem auxilio nosso, porque n'esse assumpto não nos é licito intrometter-nos; terceiro, que se por acaso os amandebes nos jatacarem emquanto aqui estiverdes, fareis o possivel para nos auxiliar contra o seu poder.

— Esperaes pois um ataque? — perguntou Meyer com desconfiança.

— Branco, nós estamos sempre á espera de ataque. Estaes pelo ajuste?

— Estamos — responderam a uma voz Clifford e Jacob Meyer.

E este ultimo accrescentou:

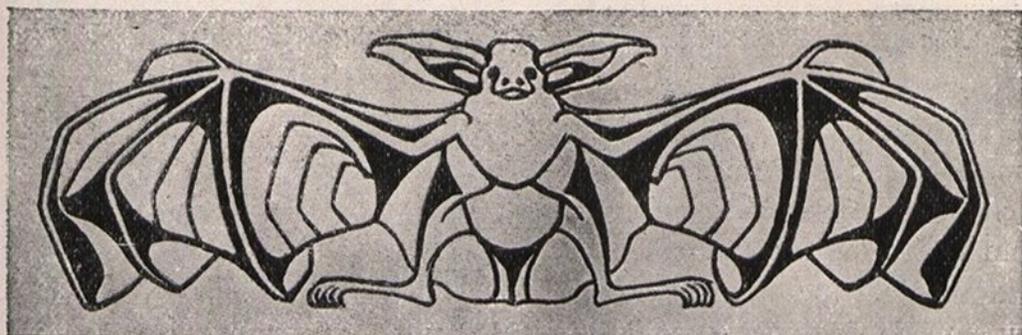
— As espingardas e os cartuchos pertencem-te. Cumprimos a nossa obrigação, confio na tua honra e na do teu povo, que cumprireis a vossa.

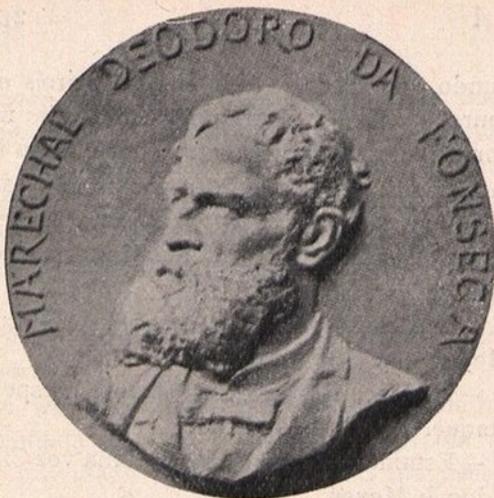
— Virgem branca — perguntou o molemo dirigindo-se a Benita — tambem estás pelo ajuste?

— O que meu pae diz, digo eu igualmente.

— Bem! — disse o molemo — N'esse caso, em presença de meu povo e em nome do Munwali, eu, Mambo, que sou seu propheta, declaro que assim está pactuado entre nós, e caia a vingança do ceu sobre aquelles que este pacto romperem. Recolham-se os bois dos brancos, dê-se ração aos seus cavallos, descarregue-se o seu carro, para que nós possamos contar as espingardas. Levem-se tambem alimentos para a casa dos hospedes, e, depois de elles terem comido, eu, o unico entre todos que alli teem penetrado, lhes darei entrada no local sagrado, para que elles comecem a pesquisar por aquillo que os brancos desejam seculo após seculo, para que o descubram, se puderem; se não, que partam satisfeitos e em paz.

(Continua)





MEDALHA DE AUGUSTO GIRARDET

(Anverso e reverso)

EXPOSIÇÃO DE BELLAS-ARTES NO RIO DE JANEIRO

Nouco se sabe na Europa sobre o movimento artistico do Brazil, o qual se vae aliás tornando digno das atenções da critica.

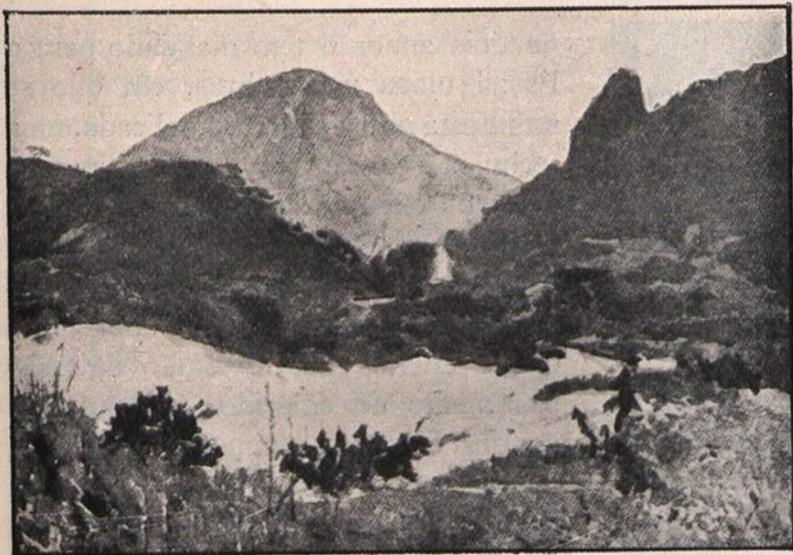
É claro que não se pode esperar que exista uma grande escola de pintura ou de esculptura n'um paiz ainda novo, onde a arte tem de contentar-se com uma categoria subordinada entre os interesses humanos. No emtanto, desde o começo do seculo passado que o Brazil tem uma escola de Bellas Artes, e d'ella teem sahido alguns bons artistas, embora não sejam em grande numero. N'um centro mais propicio ao desenvolvimento das suas faculdades, esses artistas teriam attingido uma alta reputação. Basta citar para exemplo o celebre Pedro Americo de Figueiredo, cujo nome andou ha cousa de trinta annos citado na imprensa européa como o de um grande pintor de imaginação.

A Exposição, que ultimamente se realisou no Rio de Janeiro, pode dividir-se em duas secções: uma comprehendendo as obras de artistas já con-

sagrados, outra as de artistas juvenis, que forcejam por conquistar logar na primeira fila. Entre os primeiros, devem desde já citar-se dois nomes: Henrique Bernardelli com tres excellentes retratos, n'um dos quaes, o do



RETRATO POR *Henrique Bernardelli*



PAIZAGEM A AGUARELLA, por D. Maria da Cunha Vasco

sr. Ubaldino do Amaral, uma technica vigorosa se prestou a dar relevo a uma caracterisação singularmente forte e expressiva de uma bem conhecida personalidade; e Elyseo Visconti, primoroso artista profundamente versado em todos os processos da moderna escola franceza, e que expoz porventura o quadro mais notavel da Exposição, um esplendido retrato, em tamanho natural, de Nicolina de Assis, a esculptora brasileira.

João Baptista da Costa é o paizagista brasileiro por excellencia. É de primeira ordem como artista de ar livre, com uma paixão especial por esses effeitos de lusco-fusco e de aurora, em que a luz diffusa possui uma suavidade cheia de encantos. O seu quadro principal, *O começo do dia*, pertence ao sr. Regis de Oliveira, ministro do Brazil na Inglaterra, e acha-se actualmente em Londres.

Devemos tambem mencionar n'este grupo Pedro Weingartner, com interessantes quadros de antiguidade pagã; Modesto Brocos, que expoz um retrato bem composto e uma bella paizagem; Benno Treidler, com uma paizagem impressionista e varias aguarellas vigorosas, genero em que é mestre reconhecido no Rio de Janeiro; as suas duas talentosas discipu-

las, D. Anna e D. Maria da Cunha Vasco, as quaes, ainda na primeira juventude, teem direito a ser contadas entre os artistas feitos, em vista do primor com que manejam o pincel; Gustavo Dall'Ara, com duas bellas marinhas, cheias de linda luz, mostrando como o seu temperamento veneziano encontrou no Rio um campo adequado ao seu talento de colorista; e Antonio Luiz de Freitas, que tem predilecção especial por problemas de luz.

Entre os novos artistas que rapida-



A VESPERA DO NOIVADO por A. Luiz de Freitas



RETRATO DE NICOLINA DE ASSIS,
por *Elyseo Visconti*

mente se approximam da craveira superior, merecem especial menção Eugenio Latour, Rodolpho Chambelland e Antonio Fernandes. Eugenio Latour tem estado a estudar na Europa ha cêrca

de dois annos e tem mandado para o Brazil umas vinte obras, em que se manifesta um sentimento delicado, uma technica segura, uma paleta limpida, e bellos effeitos de luz. Á similhaça d'elle, Rodolpho Chambelland é de origem franceza, e as suas principaes características são uma certa audacia no tratar effeitos de luz e um delicado sentimento do colorido. Antonio Fernandes é um hespanhol, ainda novo, que emigrou para o Brazil aos doze annos, ahi estudou até aos dezenove, em seguida passou tres annos em Roma, trabalhãdo sob a direcção do pintor hespanhol Barbadan, e regressou agora com uma boa technica e uns doze quadros interessantes, de genero e de paizagem.

Augusto Girardet, o medalhista, tem uma copiosa e abundante exposição, e merece ser classificado entre os mais habéis do seu mister. É tão esmerado na medalha, propriamente, como na gravura em pedras preciosas, e os seus medalhões dos diversos presidentes da



SONHOS, por *Eugenio Latour*

republica brasileira são verdadeiros primores. Possui uma technica perfeita, unida á invenção e a um encanto notavel.

Na esculptura, o unico expositor é o grande artista portuguez Antonio Teixeira Lopes, a quem não precisamos apresentar ao publico de Portugal, senão quando condignamente podermos celebrar nos *Serões* a sua admi-

ravel obra e o seu genial talento. Em breve esperamos fazel-o, cumprindo gostosamente um dos principaes artigos incluidos no programma d'esta revista.

Por agora, folgamos de mostrar, por este ligeiro artigo e pelas illustrações que podemos colher, a vitalidade artistica que se accentua entre os nossos irmãos de além-mar.

EFFEITOS DE LUZ

Photographias de um poeta



AO CAHIR DA TARDE



NO LUSCO-FUSCO

ELSA — Em S. Pedro de Muel — 1903

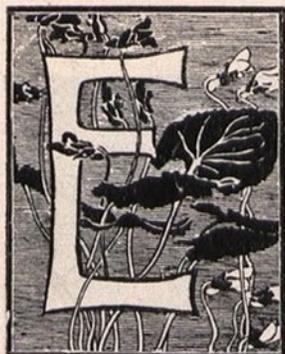
Clichés de Affonso Lopes Vieira



O Vestido da Japoneza

por WENCESLAU DE MORAES

Kobe, dezembro de 1905



u já referi algures, — em paginas que devem correr por ahi dispersas, a lembrarem pobres folhas seccas sacudidas pelas brisas do outomno, — eu já referi algures como na arte niponica, no desenho por exemplo, especialmente suggestivo, a *musumé*, a rapariga japoneza, é, em via de regra, esboçada em rapidos traços fugidios, sem preocupações que visem a imprimir-lhe uma feição individual, uma particularidade phisonomica; resumida emfim a um contornosinho vago, caracteristicamente feminil sem duvida, mas tambem caracteristicamente impessoal. O pincel desenha a *musumé* como desenha uma camelia, ou como desenha uma borboleta, para as quaes, — camelia ou borboleta, — a nossa concepção esthetica admite perfeitamente que se não bus-



quem conceder qualidades distinctivas ás petalas ou intensões sentimentaes ao olhar.

Referi tambem eu que, passando da arte á realidade, do desenho á vida, a mulher japoneza nos offerece a mesma uniforme fluidez de linhas, identica impersonalidade no seu typo; o que, pelo menos, serve a justificar a arte e a absolvel-a do senão de disparatada monotonia, que muitos estranhos lhe attribuem. Com effeito (e sem já fallar de hereditariedades ancestraes que véem de longe e igualizam o typo), sujeita desde a tenra infancia a uma meticolosa disciplina educativa, que lhe prohibe o deixar transparecer no rosto os sentimentos que lhe vão dentro d'alma, — de alegria ou de tristeza, de colera, de despeito, de susto, de desejos, de dor, de tudo que pode emocionar um ser, — as feições da japoneza diluem-se n'uma phisionomia indecisa e inexpressiva, identica em todas, como se uma mascara lhes viesse cobrir as faces, apenas ligeiramente animada de modestia, de humildade e de um sorriso. Reparae nos cem rostos, nos mil rostos de japonezas que vos

ficam cerca, — na sala de espectaculo, n uma peregrinação ao templo ou a um campo de cerejeiras em flôr: — todos

os rostos vos parecerão os mesmos, como se fossem irmãs gêmeas todas aquellas japonezas.

Pode pois, n'um estudo de comparação esthetica, eliminar-se o rosto á filha de Nippon. Assim decapitada (se a expressão me é permittida), do que resta da sua nudez, as mãos — mãos deliciosas, — e os pés — pés deliciosos, — pouca importancia téem no referido estudo esthetico : as mãos, por um gesto peculiar a esta gente, desaparecem frequen-



temente no fundo das longas mangas do *Kimono*, e os pés nas pregas rojantes d'este mesmo amplo vestido. Fica assim, por exclusão de partes, reduzida a *musumé* ao seu vestido, ao seu *Kimono*: isto é, a uma simples peça de modista, a algumas jardas de fazenda, a um trapo...

Se ha encanto n'ella, um tal encanto não poderá derivar de características sexuaes; será, quando muito, um encanto de colorido, de linhas, de ondulações murmurantes de sedas e setins; ou ainda um encanto de flôr, um encanto de insecto, um encanto de ave de polychroma plumagem.

Mas ha encanto. O colorido japonéz, as gradações dos tons, são primorosissimos e unicos, nem ha palavras que os expliquem; véem das côres da natureza, por imitação directa, revelando uma intuição prodigiosa nos dotes visuaes do artista, maravilhando, mas fugindo á nossa critica. O japonéz é o mais genial colorista d'este mundo; os olhos do estranho poisam por horas, hypnotisados por um enlevo ir-



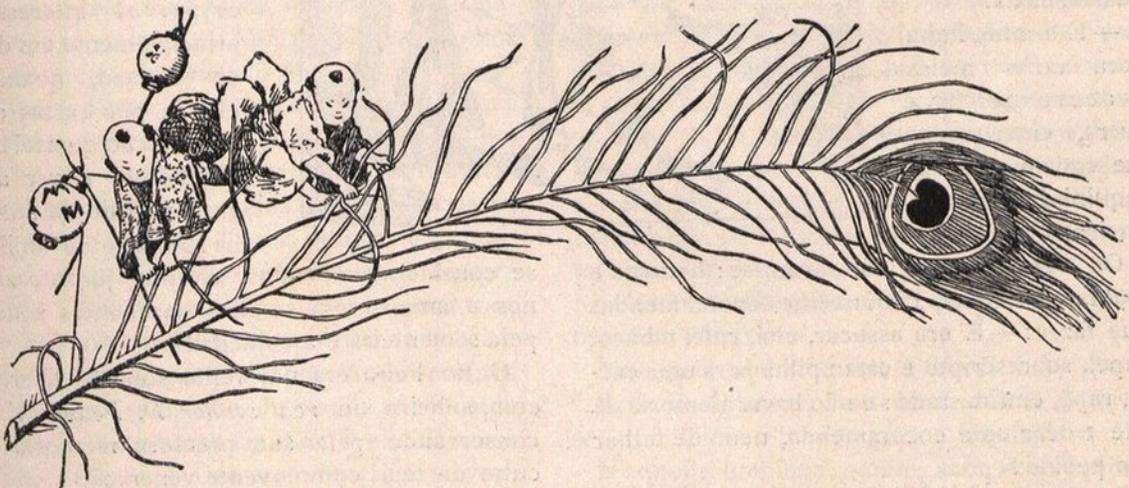
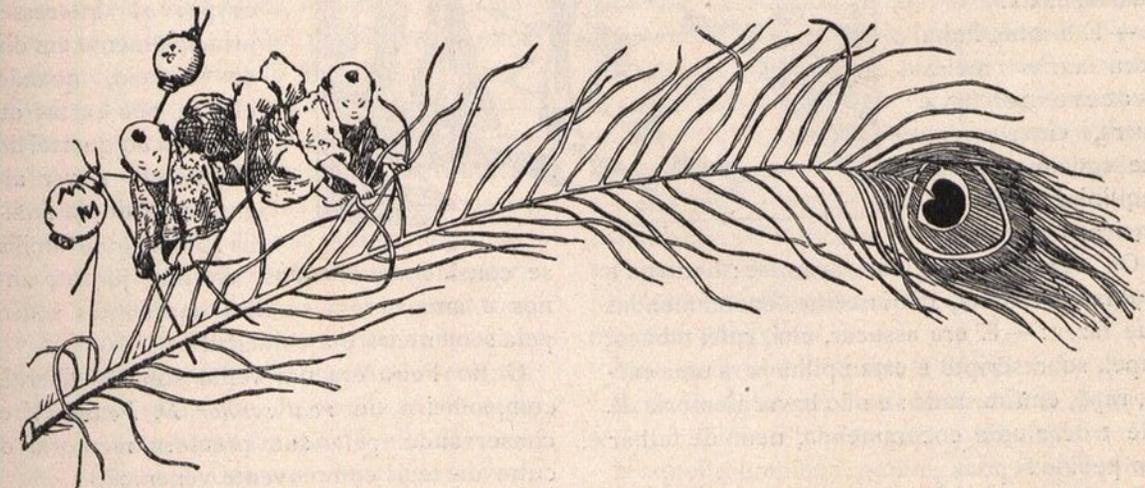
resistivel, na doce polychromia de um vestido de mulher. Quanto ás linhas, o *Kimono* constitue talvez o traje feminino mais gracioso; e esta forma quasi de tulipa, a que elle se amolda, quando, descendo cingido ao corpo, se alarga em calice sobre a esteira do pavimento, é incomparavel. A manga, a manga enorme, resume em si e pelo gesto o inteiro poema da *musumé*; se a *musumé* chora, é a manga que vem cahir-lhe em véo por sobre o rosto, para occultar lagrimas que não devem ser vistas; se ella ri, é a manga que vem tapar lhe a bocca, para abafar gargalhadas que não devem ser ouvidas; segredando uma phrase e inclinada sobre a orelha confidente, é a manga que poisa sobre os labios, para abafar o som da voz; no theatro e sem duvida na vida pratica, o reter na mão tremula uma ponta da manga da donzella, indecisa ou desdenhosa, é o gesto de supplica que um apaixonado lhe dirige, de joelhos; um poeta dos velhos tempos, como invocação de amor e de saudade, pergunta a si proprio que manga de *Kimono* roçou pelas flôres do seu jardim, para as deixar tão perfumadas; por ultimo, n'um vestido que não tem algibeiras, a manga serve de cofre, de bolsa natural, onde a *musumé* guarda o seu dinheiro, o seu lençinho, o seu espelhinho, os seus perfumes...

acaso a carta recebida ás escondidas, que irá ser lida com deleite em horas propicias.

Vae-se fazendo luz n'esta materia. Entre a Senhora Bago de Arroz, entre a Senhora Chrysanthemo, entre a Senhora Primavera, podem estabelecer-se preferências decisivas. A *musumé* pode ser discutida, julgada, apreciada, querida até, pelo grau do mimo colorista do vestido, pelo grau de gentileza do córte do *Kimono*, pelas curvas da seda, pela graça na mimica das mangas, pela dedicadeza do tecido.

Com respeito a esta ultima questão, nada iguala — do que se tece em todo o mundo, — a leveza, a fléxibilidade, a maciez da seda japoneza, do crépe por exemplo, o *Chirimen* — uma das grandes maravilhas sahidas dos teares de Tokyo e de Kyoto. — Constitue uma delicia palpar nos dedos um pedaço de tal seda; sobre os labios, deixa a impressão de um pecego beijado. E, a proposito, de beijos: nunca peças, *touriste*, um beijo á japoneza,

porque a offenderias cruelmente, não sendo o galanteio admittido no Japão; o famoso methodo de João de Deus, não o da cartilha, mas o dos beijos, não menos famoso, apresentando como dogma que «um beijo na face pede-se e dá-se», não poderia ter curso n'este imperio; mas poderás talvez beijar, sem que a *musumé* o saiba, dissimulando o gesto... o seu vestido.



O TIO FEIRA

You know

ERAM invariavelmente seis horas da manhã quando, no verão, o tio Feira sahia do monte. Sentado no burro, sobre uma golpella que cobria o albardão e levava de um e de outro lado a fructa para a venda, o tio Feira recebia alli as en-

commendas:

— Se me trouxesse um avental? — dizia uma das raparigas estendendo-lhe um saquinho com o respectivo dinheiro. — Metro e quarta, basta.

— E a mim, linha para umas meias — accrescentava outra, entregando-lhe igualmente um saquinho com dinheiro.

Os saquinhos agglomeravam-se; homens e mulheres tinham, diariamente encomendas que fazer: — E era assucar, chá, café, tabaco, papel, sobrescripto e estampilha para uma carta, rapé, emfim, tudo; e não havia memoria de elle trocar uma encomenda, nem de falhar um pedido!

De forma que, á noite, ao entardecer, o re-



gresso do velho era aguardado com indescriptivel interesse, principalmente em dia de correio, quando elle ia por cartas ou chegava ao quartel do regimento, a ver algum soldado da familia! Porque de familia

se consideravam todos, vivendo juntos, annos e annos, sem se lhes dar contas senão pela sementeira e a colheita!

O tio Feira era um velho soldado liberal, companheiro do *real senhor D. Pedro IV* e conservando pela sua preciosa memoria o culto da mais commovente veneração.

O maior desgosto d'elle fôra a pressa com

que os filhos, robustos rapazes do campo, haviam feito o serviço militar! Sempre cheios de licenças, pedidas pela mãe, que *nanja* elle! que a lingua lhe *parasse na bocca* á hora em que elle pedisse para um filho se esquivar ao seu dever!

Andava dobrado ao meio, pelas dôres rheumaticas, apanhadas nas costas, pelas invernias rigorosas, por algumas balas alcançadas, mas o seu espirito estava vivo e firme como se tivesse ainda vinte annos! — A sua alegria era constante, o seu bom humor era notavel. Tudo *tinha de acontecer*, quanto acontecia. — Em cada um nascendo, trazia no livro do destino todos os dias de vida *contados* até á hora da morte!

E, no entretanto, o tio Feira era um crente e um devoto. Ouvia missa, confessava-se, communhava; e ás noites, ao terço, quando a senhora o resava em communidade com todo o pessoal que queria associar-se, desde o mais graduado ao mais humilde dos creados, o tio Feira era o mais assiduo de todos! Pelos vivos, pelos mortos, pelos seus amos e bemfeitores, pela Familia Real...

Havia dias em que elle contava, sentado no poial do forno, aquella *triste guerra*, aquellas maldades... *todas* ... como tanto haviam confiscado aos seus amos...

— Ah! se o senhor doutor vivesse!...

E as perguntas choviam, e a attenção redobrada, quando elle contava que o seu amo vinha quasi de noite vestido de carvoeiro, com dois burrinhos carregados de carvão... e só então via a senhora! — E o morgadinho, o filhito mais velho, ficava *passado* ao avistar o pae; mas... caladinho... porque se não podiam matar o seu *paesinho*.

E mataram, mais tarde, depois da paz; mataram-o á traição... Ah! mas Nosso Senhor não dorme e *isto aqui* são dois dias!

Depois d'estas conversas, o velhote ficava vibrante, rejuvenescido; mas toldavam-se-lhe sempre os olhos de lagrimas!... Levantava-se muito dobrado, mas ainda erguendo o busto; oscillante o corpo todo, nas pernas delgadissimas de polaina e calção, trazia quasi sempre o largo chapéu de Braga deitado para traz, uma pontinha de cigarro ao canto da bocca e um varapausinho para se apoiar. Annos e annos se passavam sem, que de verão ás seis e de inverno ás sete horas da manhã, elle deixasse de sahir do monte. Ora era o leite que se vendia, ora o *almece*, ora as fructas, que tantas

eram e o consumo não dava vasão! Aquellas *vendas* eram um pretexto para umas tantas pobres velhas da cidade, viuvas, irmãs de creadas, etc., terem onde *ganhar* o sustento, sem a capa humilhante da esmola, visto que ainda *podiam trabalhar*!

A tia Maria Veronica, uma velhinha de setenta annos, quasi sempre lhe dava uma chavena de café bem quente, no inverno, — café como só ella sabia torrar e preparar, café como não havia em parte nenhuma! Cheirava que era um consôlo!

E no verão era então um capilé que o aguardava, capilé que ella aprendera a fazer no convento com a senhora D. Luiza Francisca, mãe de uma senhora freira, e que ninguem sonhára em preparar melhor.

O tio Feira sentava-se então e fazia as suas contas *de cabeça*! Contas certissimas, mathematicas, eguaes ás d'ella, que não perdia nem dez réis de um melão ou de uma melancia:

— Porque vossemecê bem sabe, *ti Feira*, eu sempre dou o meu *melanito* lá a uma creança ou outra, ou a alguma pobre que não ha *de comer só pão*! Isto a senhora não se importa; vossemecê diga-lhe lá, sim? Porque se não, parecia que eu roubava....

— Crédo! Ora que lembrança, a senhora dizia lá isso? *nam* que ella *nam* sabe quem a *gente é*!»

Havia annos que só aos domingos o pobre velhote descançava, e então ia quasi sempre de tarde para a lareira e contava á senhora como a sua tia avó, D. Margarida, creára os cinco sobrinhos orphãos de pae e mãe — porque a senhora não resistira á morte do marido — como elles haviam sido espoliados e a nobilissima tia os educára milagrosamente! Para o mais velho estar em Coimbra, houve dias em que quasi comeram só pão os pequeninos! E como depois elle, mais tarde, reconquistára os bens da tia, que andavam em caseiros desonestos; como dotára os irmãos, e chorára a irmãsinha de oito annos... cujo dedalsinho conservára até á morte, com a pequenina costura, no cestinho!

— Ah! se elle não morresse, os bens confiscados voltariam....

Mas assim tinha de ser... e foi!...

E, muito dobrado, despedia-se e lá ia deitar-se.... Tinha d'ir cêdo para a cidade.

N'aquelle domingo, porém, aconteceu haver chegado um destacamento, e a mãe de um sol-

dado, que *havia de vir*, pedira-lhe na vespera :

— Se *vomecê* pudesse, *ti Feira*, dava lá uma saltada, amanhã, e dizia *ô mê Zé* que pedisse *leçença* e viesse.

Assim fôra, logo ás seis horas; mas então sem encomendas.

E era já tarde... tardissimo, sem haver ainda regressado !j

Já se não contavam as vezes que a pobre mãe do soldado, na altura do monte, investigava, com o olhar, o horizonte indefinido, deslumbrante!... O horizonte illimitado do Alemtejo, que á hora do sol posto offerece espectaculos unicos, incomparaveis !

No verão, uma orgia de purpuras diamantinas; beijando o ouro fulvo das seáras; no inverno, o roseo dourado incomparavel cahindo, como uma nuvem, na alfombra avelludada e esmeraldina... Uma alfombra ondulante que de longe se assemelha ao mar !

O Alemtejo é avaro em arvores, todo elle se desdobra em tapetes mais ou menos floridos, de côres vivas e alegres, d'espigas douradas e pendidas....



Já era, pois, vencida de ir e voltar que a pobre creatura avistou ao longe, distrahidamente sentado no burrinho, o desejado *ti' Feira*. E parecia-lhe um sonho como elle havia de chegar !

— Viu lá o *mê Zé* ? — perguntava ella ajudando-o a desmontar para cima da pedra, onde elle costumava encostar o burro para subir ou descer.— Despache, homem de Deus, parece que vem assim a *modos* que parvo !

— Vi o *tê Zé*, sim; elle vem bom e amanhã por *hi* está! Ahi te manda roupa, uma *cêra* de figos e um *pá de escolate*...

— Tome lá um bocadinho...

— Não, não... não quero... Deus te dê

santas noutes. Se a senhora *préguntar*, diz *le* que venho assim *asoinado* e amanhã lá vou fallar....

E passando a *arreata* pelo braço, mais dobrado ainda do que nunca levando os olhos rastos de lagrimas, o *ti' Feira* lá foi... com o burrinho !

Elle sahira na ideia de ouvir missa, na cidade, cousa que ha annos não lhe succedia.

E ouviu. Dirigiu-se depois ao quartel. Casualmente, o regimento estava formado; sentado no burro, encostou-se a uma parede! Ficou *vendo*!... Seria exercicio talvez !

Elle entendia todas as vozes de commando e ria sósinho... O Senhor Duque da Terceira... o marechal Saldanha, aquillo é que era...

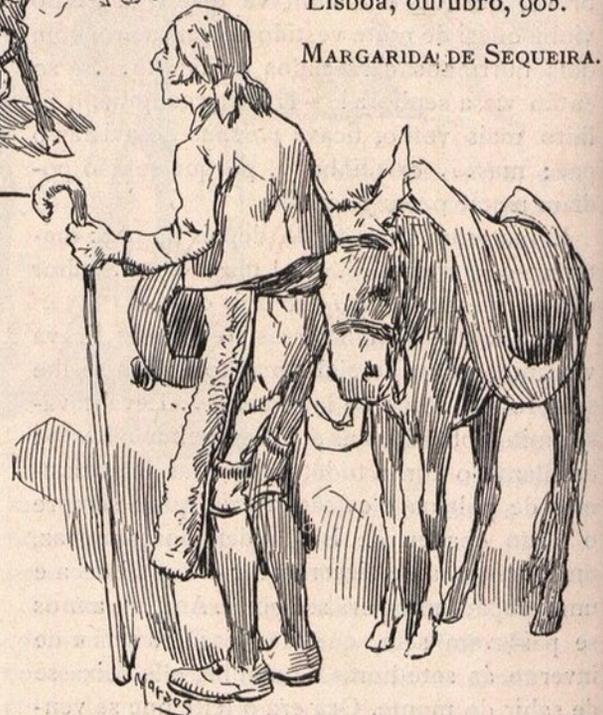
Mas de repente soou-lhe aos ouvidos o hymno da Carta e a bandeira appareceu...

Ia haver juramento. O velho sentiu passar por deante dos seus cançados olhos.... o esplendor luminoso do passado... reviu, de repente, *tudo*, e sobre *tudo*... um vulto fino, insinuante, heroico: o vulto do *seu Imperador*

Saltou do burro, sem o menor auxilio... tirou o chapéu e... a tremer e a chorar, ouviu *em continencia* aquelle hymno sagrado! Hymno de tanto sacrificio, de tanta lagrima, de tanto amôr!..

Lisboa, outubro, 905.

MARGARIDA DE SEQUEIRA.





A FLORESTA

Ao Padre Manso

*Não chores tanto, não te afflijas tanto,
Meu pobre Amor:
— Nem sempre a vida é para nós o encanto
Do Céu azul, dos roseirões em flor.*

*Nem sempre a vida é bôa ; e n'este dia
Em que a dôr te allucina e esmaga e dilacera,
Julgas morta de vez toda a tua alegria
E perdida e fanada a tua Primavera.*

*Eu presinto, eu conheço o grande soffrimento
Que entenebrece agora o teu olhar tranquillo:
Mas é maior do que elle o eterno esquecimento,
E um dia has-de pensal-o — e nem poder sentil-o.*

*E depois, meu Amor, não ha sonho de gloria,
Não ha sorriso bom, não ha paz ou belleza
Que não deixe um clarão, um rastro na memoria
A que a gente se aqueça em dias de tristeza.*

*Nunca Dezembro foi capaz de destruir
Toda a graça que veste a Natureza em Maio:
Ha frio, ha vento, ha chuva — e as rosas a florir
Dão perfume e dão côr ao funebre desmaio...*

*

*Olha: houve um tempo em que, buscando o Sol em braza
Sobre a Terra fecunda e prenhe de energias,
Florestas collossaes, d'entre o ferver da vasa,
Erguiam para o Céu as altas ramarias.*

*Nas arvores em flor cuja elegancia altiva
Cortava o azul do ar com gestos quasi humanos
Uma seiva inquieta e moça e ardente e viva
Era como a volupia em corpos de vinte annos*

*Vertiginosamente. impetuosamente,
Ascendia a correr, subia a palpitar,
E só parava quando o Sol, n'um beijo ardente,
Nas folhas verdes a fazia descançar.*

*Nas folhas verdes, que entre a fluidez
Da transparente e fulva atmosphera,
Bebiam luz, sorviam luz — com a avidéz
De quem alcança enfim a sonhada chimera.*

*Bebiam luz... Sorviam luz... D'istante a instante
Despontavam botões, explodiam rebentos
— Novas boccas sugando a luz do Sol radiante,
N'uma ancia d'amor, com desejos violentos.*

*E tanta claridade aureolava então
Os troncos juvenis, d'uma esveltez de mastros,
Que mesmo á noite, sob a funda escuridão,
Das florestas saía um doirado clarão
Como o brilho immortal d'enormissimos astros!*

*

*Mas todo esse esplendor, toda essa claridade,
Toda a luz embebida e presa no arvoredo,
Desapparece um dia e morre no saudade
D'uma noite perpetua e d'um triste degedo.*

*Foi o sólo crescendo á volta das florestas.
E crescendo e trepando e afogando afinal
—Na avançada continua, em victorias funestas—
Os troncos hirtos d'uma altura excepcional!*

*E onde houve luz e força e vida e energia,
E a verde confusão das folhas rumorosas,
Um pedaço de terra, adormecida e fria,
Amortalha de vez as frondes gloriosas!*

*Nem sequer se adivinha um ramo ou uma flor,
E a auréola que os cercou, perennemente accesa,
Não deixou um vestigio, um resto de esplendor...
...Fôra inutil o Sol—e ingrata a Natureza...*

*

*Milhões d'annos depois, um homem que buscava
Pedras para abrigar o lume que accendera,
Ao revolver o solo onde a floresta, escrava
Da terra impietosa, emfim adormecera;*

*Trouxe na sua enxada um blóco empedernido
—Seixo pela dureza e pelo aspecto lama—
Que posto ao pé do lume ardeu, foi consumido
Erguendo nobremente uma rutila chamma.*

*E o homem foi cavando a inexplorada mina,
Pasmado, sem saber como essa pedra inerte
Se desfazia em luz, na eterna luz divina
Que a noite nunca vence, e o m il nunca perverte!*

*Sem saber que viverá ali, sob os seus pés,
Uma grande floresta em plena mocidade,
Que feita pedra emfim, conservára através
Da funda escuridão, da negra frialdade,
A antiga luz, a primitiva claridade ..*

*Porque era o Sol que ardia agora novamente,
—Um Sol que tinha visto as distantes origens—
Trazendo ao mundo velho o brilho adolescente
D'uma era de gloria e de energias virgens!*

*

*Pois assim como a Terra abrigou e escondeu
A luz, a juventude em seu vigor perfeito,
Assim tambem o amor, o sonho que foi teu,
Deve ainda viver no fundo do teu peito:*

*Vae procural-o bem: desenterra o passado:
Que a saudade t'o queime—e desperte o esplendor
D'um momento distante e bom e sempre amado...
E á sua chamma aquece o coração gelado,
Meu pobre Amor!...*



A
MUSICA
DOS
VENDILHÕES



os attributos sonoros da vida lisboense ao ar livre, são os pregões dos vendilhões os únicos que desde a infancia nos costumámos a ouvir, umas

vezes com complacencia, outras com vivo prazer. Não enfadam nunca.

Sanfonas, realejos, cantores ambulantes, — tambem de manivela, ao que parecia — houve alguém a cuja benemerencia devemos não circular já pela capital. Seriam intoleraveis as campainhas dos electricos, se o seu desaparecimento não puzesse em risco de vida os transeuntes incautos. Os sinos, que ha mais de quatro mil annos atordoam a humanidade, nunca como ao presente provocaram tanta aversão; apesar da Historia nos dizer que o seu silencio, quando longo, é signal de suspensão nas regalias civis, ha alguns mezes, em Paris alguém pensou em supprmil-os.

Semelhante eliminção seria tão barbara como é culposa a indiferença manifestada ultimamente em Lisboa ante a intemperança d'alguns sineiros *virtuoses*, completamente empedernidos de coração... e de aparelho auditivo.

As horas matutinas em que uma sombrinha aberta seria offensa grave á luz temperada d'um sol acariciador, sitio nenhum de Lisboa offerece maior interesse que o mercado principal regorgitando de gente, da qual são vendilhões a maior parte. É vê-los então nos carreiros formados na lide afanosa de transportarem para fóra da Praça todo o fornecimento do dia. Terminado elle, vendedores e vendeiras disseminam-se pelas ruas, cruelmente ajoujados. Pasma-se então de como algumas

d'ellas, racas na apparencia, de pescoço retezado, susteem gigas que são como que base d'enormes cones de hortaliça; e lá seguem assim soltando o seu pregão n'uma frequencia que nos diz elle animal-as na rude labuta, como o cadenciado *ordinario* suavisa a um troço de soldados as fadigas de longa e penosa marcha.

Regressando d'uma excursão á capital do norte, Pinheiro Chagas deixou escripto que, no Porto, os vendilhões apregoam por apregoar; apregoam porque assim convém á sua industria. Em Lisboa é vulgar poder-se notar o contrario. A vendedeira, principalmente, emite o seu pregão com certo garbo indicador do empenho em dar realce a esses farrapos melodicos que por ahi se ouvem cantar.

— Cantar! — exclamará, indignado, algum frequentador do Lyrico ao suppôr menoscabada a arte que idolatra. Cantar! affirmamos, sem perigo d'impropriedade, nem proposito de desprestigio. Cantar, cantam esses que ahi vêdes, quando apregoam o *Dia*, as *Novidades*, a *Parodia*, e, ordinariamente, por instincto, vão modulando a voz, fazendo-a subir ou descer conforme a vogal sobre que recahe a accentuação do vocabulo. Cantar, cantamos todos quando fallamos, asseverava um dia Saint-Saëns cahindo a fundo sobre um contradictor a quem a convenção da opera beliscava os melindres d'estheta.

Um ouvido musical, bem exercitado, poderia notar as series de sons produzidos na declamação d'um discurso. Ora, para os cantos dos vendilhões, nem tão apurado ouvido é preciso. Hoje em dia, o que já se torna difficil n'alguns... é agarral-os.

Ha uma vintena d'annos a colheita dos pregões era ainda empreza facil. Algum conhecimento de solfa, um lapis, papel com a respectiva pauta, duas voltas pelas travessas e ruas



CANTAR, CANTAM ESSES QUE AHI VÊDES.

da Baixa, e de mais não se necessitava para trazer fartura d'elles. Actualmente, o caso é outro, porque as vantagens do progresso não as fruimos nós gratuitamente.

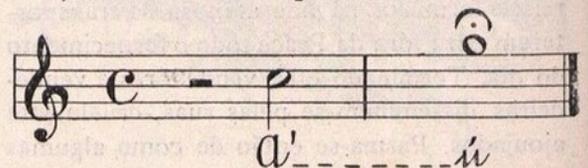
O facho que o symboliza, se irradia claridade, é á custa do que vae reduzindo ás cinzas do olvido nos usos e costumes do patrimonio nacional. Pouco a pouco, Lisboa perde de característico, não só nas zonas principaes como tambem n'alguns bairros populares, onde dia a dia se vae desvanecendo esse conjuncto de traços, outr'ora tão vincados, de que se compunha a physionomia das nossas ruas. Quem nunca tenha vindo á capital, se quizer conhecer o que foram durante seculos os habitos da população, não percorrerá as largas avenidas, nem as principaes ruas da Baixa, onde já não são poucos os predios em que até as mansardas parecem ameaçadas da invasão d'escriptorios e agencias commerciaes. Terá d'enveredar pelas ruas estreitas e tortuosas, onde o movimento exterior é menos animado e o das almas que ahi vivem mais espontaneo e impulsivo. Ahi poderá colher ainda em flagrante o caracter da nossa gente nas suas varias modalidades; irá surprehendel-a nas occupações normaes, pois que lá a vida decorre meio dentro, meio fóra de casa; verá como ella palpita na alacridade do riso e no soluçar das lagrimas presenceará, emfim, o que em gerações successivas foram as ruas de Lisboa tão

curiosas d'aspecto, tão cheias de pittoresco nas suas figuras populares. D'essa galeria vastissima, os melhores exemplares são os mesquinhos commerciantes com cuja mercadoria carregam.

Comecemos por uma figura typica que, não sendo originariamente nossa, por longo tempo andou ligada como nenhuma aos casos e cousas das ruas olisyponenses. Elle ahi está, divergindo apenas do que era nos seus tempos florescentes em que o Alviella não nos saciava ainda a sêde, na chapa numerada que lhe parece suspenso do umbigo. Quanto ao mais, é a mesmíssima figura, porque o aguadeiro, gallego de nacionalidade, é a constancia em pessoa. Sobrio, pacato, resignado nas suas funcções de carregador resistente, indifferente a tudo que para elle não represente augmento de fundos, o gallego, oriundo d'uma região rica de cancionero musical, quando ao passar por *Las Portillas* começa a sua viagem migratoria, esquece quantas canções ouviu.

O assobio, tão peculiar aos typos da rua, é prenda n'elle desconhecida.

Subordina todo o seu sentimento musical ao pregão da agua, summario quanto possivel no seu justo *intervallo de quinta*:



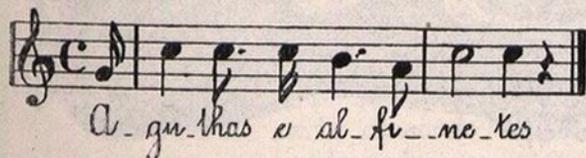


Á... ú

glissé. E quanto á nota aguda, ha tal que a *fila* com a suavidade indizível com que um artista do *bel canto* faz diminuir gradualmente um som a ponto de parecer volatizar-se.

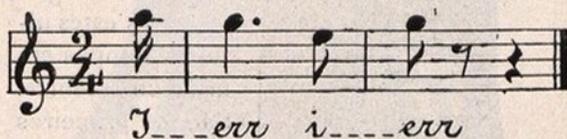
D'onde se conclue que o aguadeiro não serve para a declamação lyrica de Wagner.

Grande parte dos vendilhões circumscrevem hoje o seu giro a sitios afastados da Lisboa faustosa. São esses, d'ordinario, os mais curiosos d'aspecto. Actualmente, só por acaso se topa fóra dos bairros modestos com a figura do bufarinheiro com o seu sortido de fitas e novellos, fivellas e colchetes, agulhas e alfinetes e um cento mais de bagatelas, — sortido completo em que o negociante empregou o capital de cinco ou seis tostões e traz no mostuario, pendente do pescoço, percorrendo as ruas a apregoar :



Mas circumstancia digna de notar-se é que ha gallegos eximios na fórmula de fazer ouvir o curto apregoado. O *portamento* e o *smorzando*, as caracteristicas principaes do canto largo italiano, não é raro elles empregarem-n'os com verdadeira pericia. Alguns exageram até o primeiro d'estes artificiosos effeitos empregando o

Outra figura, e essa extremamente caracteristica, que, cremos bem, nunca poz pé nas avenidas no exercicio do seu mister, é a preta do mexilhão. Bradaria aos céos, na parte hodierna da capital, sentir-se a lusidia e anafada bahiana a esganiçar-se no :



Tambem por esses sitios de luxo, onde a electricidade já vae tornando raros os bicos incandescentes, é por certo excessivamente magra a freguezia do homem do petroline. Ha de ser raridade ouvir-se por lá entoar, á hora crepuscular em que o sol esmorece no occaso, este retalho melodico tão embebido de melancholia, do qual menos prosaica applicação devia



AGULHAS E ALFINETES

ter merecido o destillar a meiguice insinuante do canto da se-reia :



A PRETA DO MEXILHÃO
uma lithographia de 1835



O leitor deve tê-lo escutado recentemente em theatros lisbonenses, se não no palco de



PITROLINE !

S. Carlos, no da Trindade, na parodia á *Aida*, cuja partitura, do sr. Julio Neuparth, é das cousas de geito, feitas estes ultimos tempos em musica scenica. São os primeiros compassos do *cantabile* de Amneris, em principios do 1.º acto da *Aida*.

Seria fortuita a coincidência? Com perdão aos manes de Verdi a approximação irreverente: o estro do operista insigne terá trope-

gado com o do homem do petroline? . . Não nos é facil discriminá-lo, comquanto nos inclinemos a que este pregão é mais antigo que a *Aida* em S. Carlos. Quem talvez nos pudesse esclarecer o caso é um amigo nosso, a quem, como a Kastner e a Charpentier, mordeu um dia a tarantula de notar os pregões da sua terra. Mas ignorando nós como elle tomaria a pergunta, não convém consultá-lo, porque, — quem tal imaginaria! — esse vendedor que por sobre os passeios da Lisboa antiga, candidamente, merencoriamente, vae arrastando o seu pregão em tom de sentido lamento. . . esse vendedor, por todos considerado creatura singela, é um finório da gemma. Um dia o nosso amigo dispoz-se a recolher-lhe o pregão, e eil-o na peugada do homem do petroline e do azeite doce; mas este, que alem de vendel-o dir-se-hia tambem bebê-lo, adivinhou-lhe as intenções, e quanto mais um caminhava, mais o outro emmudecia. E assim se foi a scena prolongando, a ponto tal que o nosso amigo, sentindo-se já *sem pernas*, n'um esforço de vontade, acercou-se do homem do petroline e, *honteux et confus*, rogou-lhe a audição do pregão. O vendedor fez então ouvir a sua nénia e o annotador, descobrindo-se, apresentou-lhe os seus agradecimentos.

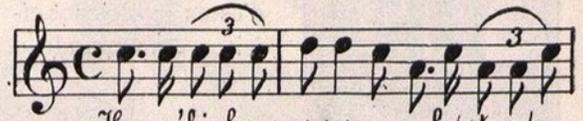
O pregão do homem das ostras:



Quem quer os tras os tras

é curto, sacudido, rijo como a concha do molusco. Vê-se que o vendedor d'ostras não pode perder tempo, por causa do que lhe gasta o abril-as.

Já se não dá outro tanto com a melopéa do homem dos ossos:



Ha por'hi alguns os sos ou ce bo'otrapo' que



ven-dam ou algum chumbo ou la-tão

quanto a nós, o mais curioso dos pregões de Lisboa. Nenhum, tanto como elle, reveste o character da nossa canção popular no melancolico arrastado da musica que os mouros, herdando dos arabes, fizeram conhecer á nossa gente. Deviam ser no estylo d'esta, na langurosa insistencia das tercinas, na irresolução rythmica proveniente d'algumas notas syncopadas, as toadas a que outr'ora o nosso povo chamava *aravias* e tão bem se identificavam com a sentimentalidade portugueza.

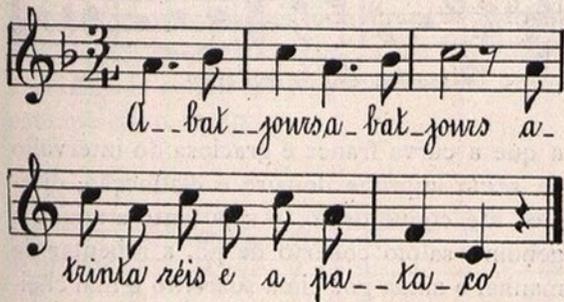
Tambem vagarosa, mas muito diversa pelo seu aspecto moderno, a musica volta e meia ouvida ao homem dos quebra-luzes.

Não tem eile a noção do que o tempo vale. Nem os perfidos zigzagues das bicyclettes, nem a celeridade assassina dos automo-



ABRINDO AS OSTRAS

veis, fazem que este vendedor ambulante, inteiramente postado a meio da rua, deixe d'apregoar em *adagio* :

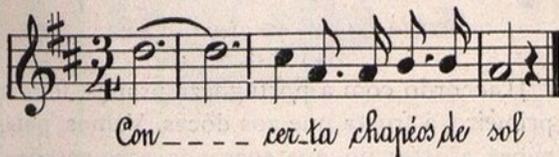


Um pregão cujo desenho melódico deve ser d'importação é o dos galleguitos que por ahí andam, em geral aos pares, com uma caixa de ferramenta a tiracollo. Em que se empregam



Á CATA DE OSSOS

dizem-no alguns utensilios que a caixa não comporta e que lhes servem para o mister de deita-gatos e arranjos de chapéus de sol. Alli, porém, campeia a miseria a evidenciar-se na carne a espreitar pela roupa esburacada, o que diz com o pregão :



ABAT-JOURS, ABAT-JOURS !

ao qual o lamento da nota sustentada presta um ar de plangencia, proprio da lamuria em que pedem esmola.

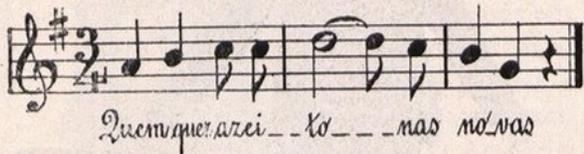
Os hortaliçeiros não teem, em geral, como tambem os peixeiros, um typo certo de pregão.

Naturalmente, sendo aquelles que poderiamos considerar clas-sicos excessivamente pobres de plasticidade, estes vendedores, custando-lhes a fixar o aspecto sonoro d'esses apregoados, adoptam uns quaes-quer, mais ou menos amorphos, apenas pela necessidade de que a freguezia os sinta. Mas se isto succede com as couves e os espinafres, podendo-se mesmo dizer que



CONCERTA CHAPEUS DE SOL !

abrange toda a hortaliça, já se não dá por exemplo com as azeitonas, que, quer sejam elles a apregoal-as, quer sejam as raparigas que por ahí as mercadejam d'alguidar á cabeça, ouvem-se invariavelmente annunciadas por este pedaço de musica :



Para ouvidos exercitados, estes compassos de valsa dão a impressão de sequencia, de contiguidade.

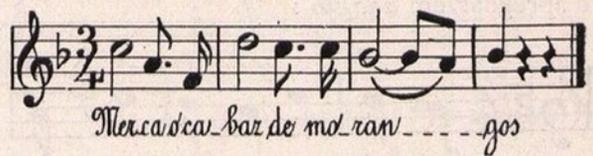
Lembram um fragmento d'uma idéa melódica de que se não ouviu o principio.

Continuando, chegámos aos fructos, com um dos quaes, o morango, se dá uma anomalia medonha no que respeita a quem vende o cabaz d'elles. Pode haver quem lhes prefira outra fructa; gostos não se discutem. Mas de todas as fructas, cuja abundancia e variedade enriquece os nossos vergeis, nenhuma como o morango reúne tamanho peculio de predicados tentadores. Elle agrada á vista na graciosidade da sua fórma curvilínea; alegra-a na côr enrubescida; é um regalo para o olfacto no aroma que rescende; para o paladar uma delicia no seu sabor finissimo. E depois possui uma qualidade inapreciavel: — não é fallaz como o melão, a melancia e tambem a laranja, com toda a sua proa. O morango é o que allí está, offerecendo por isso ainda de bom poder-se lhe avaliar a intensidade do sabor pelo tom rubro que apresenta. Mas é sensível, melindroso, creou-se para mãos femininas, e, portan-



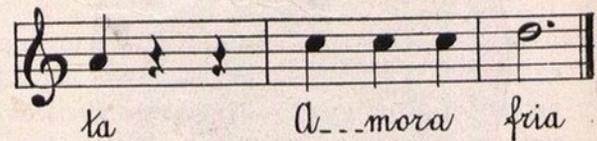
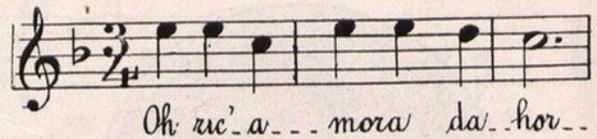
AZEITONAS NOVAS!

to, é deploravel que quem solte o formoso pregão :



a que a curva franca e graciosa do intervallo de *sexta* imprime donaire e distincção, diremos até coquettismo, — seja tanto a miude o genuino saloio coberto de pó, a rebentar de manha, e ainda por cima suarento e mal cheiroso. E' uma indignidade!...

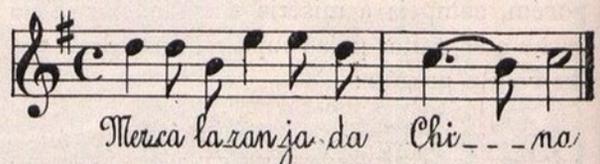
A amora negra e fria incumbe-se o rapazio de vendel-a, ao som d'um trecho de melodia que, pelo italianismo puro, parece inspirado em Donizetti. Eil-o :



Do figo aberto e rugoso é quasi sempre vendedeira mulher entrada em annos. Razão por que se ouve tanta vez como que em grita :



A laranja não tem typo fixo de vendedeira. Ou é a collareja ainda de carnações frescas, quando novel na profissão; ou a varina morena e viva, esbelta como a palmeira, que vendendo peixe pela manhã, á tarde, n'um pisar ligeiro, com os quadris em saracote, passa cantarolando :



D'accordo com a portugueza usança, fomos primeiro á fructa que aos dôces. Vamos, pois, agora a estes no que toca aos seus pregões

Apresentamos dois, e qualquer d'elles a titulo de curiosidade retrospectiva.

Hoje é preciso estar-se já a contás com a idade ingrata, pelo menos, para que por entre a poeira das recordações longinhas se distinga a passagem do curioso typo da rua que punha a creançada em alvoroço quando se lhe ouvia este mellifluo canto :

Oh branquinh' al-fe-los, ger-ge-
lim a-men-doa do- -ce

O outro dos dois pregões de dôce, o das broinhas, tambem já desaparecido, contrastava com o antecedente no aspecto musical : era bem marcado no rythmo cheio de resolução, mercê do qual elle parecia pavonear-se de pimponice e petulancia. Elle ahi está :

Bro- i- nhas de mi- lho' quem-
ti- nhas d' herwa do- -ce

Dos pregões actuaes das castanhas, havendo por ahi tantos rapazes e adultos a gritar : — Quem as quer quentinhas ? — não existe um só mercedor d'especialisação. Uns não servem, por méramente individuaes, outros não são para aqui por falhos de relevo melodico.

Bem definido no seu desenho musical mas ainda coevo do chafariz do Neptuno, no largo das Duas Igrejas, era um que a tradição diz ser assim :



AQUI AS TEM, MUITO QUENTINHAS.

Cas- -ta- nhas co- -si- -das
quem as quer quem ti- nhas d' herwa do- -ce



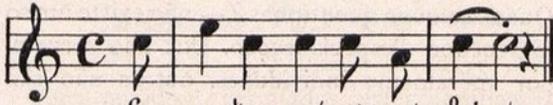
BROINHAS DE MILHO !

Industria assás decadente a venda do tramoço em Lisboa. Se uma ou outra vez nos intermináveis domingos de verão, se ouve a sacudir-lhes a monotonia esta nesga melódica :



E ó tra-moço sa-loi-o'

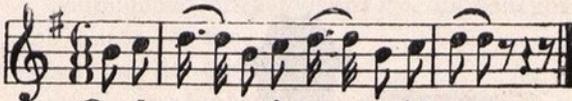
ou esta :



E o tra-moço sa-loi-o'

quem as enuncia é a vendedeira ainda por informar. Qualquer rapariguita como essa que abaixo vêdes.

Pregão festivo e saltitante, este :



P. nhão no vo pinhão no vo pinhão no vo

Mas a musica buliçosa d'este apregoado já não atravessa hamuito as ruas da capital. Se o *Pinhão novo* ainda se ouve, é nos arraiaes, por entre o estalar dos foguetes, d'envolta com uma vozeria infernal, cortada de improperios e chocarrices.

Uns lustros mais e desaparecerá de todo, com muitos outros que o Tempo arrebatará no seu torvelinho incessante São ba-



TRAMOÇO SALOIO

gatellas, decerto, mas não valem só pelo lado pittoresco : valem tambem pelo que evocam no que se lhes associa.

Quando se vae já adeantado na jornada da vida, encontra-se a gente ás vezes n'uma disposição d'alma apenas desconhecida de quem jámais cuidou em se entregar a pensar. É a nostalgia do passado. Quando ella nos invade, toma-nos como que uma ancia de reconstituir em mente scenarios a dentro dos quaes nos decorreu o melhor da existencia. Prazer raiado d'amargura é esse de

buscar, por entre a fumarada das recordações, as da intimidade de sêres que estremecemos, bem como as da alvorçada alegria da mocidade e de mil venturas que não voltam, impossiveis de gosar sem o entusiasmo juvenil. Quanto mais n'esses momentos o coração se confrange, mais exigentes parecemos no trabalho imposto á memoria de reverter ao passado.

Somos crueis na nitidez com que pretendemos a reconstituição de factos. E quando a memoria, por fatigada, já não nos dá senão as recordações da infancia, as mais impressivas de todas, é-nos grato relembrar figuras que nos alegraram em creança, como as de vendedores ambulantes, hoje desaparecidos, e outras curiosidades do aspecto antigo das ruas, que, pouco a pouco, o cosmopolitismo foi envolvendo na sua gélida mortalha...



PINHÃO NOVO !

ADRIANO MERÊA.



TOMMASO CANNIZZARO

As letras portuguezas têm tido, ha uma duzia de annos, uma vulgarisação notavel no estrangeiro. Referimo-nos ás vulgarisações sensatas, feitas conscienciosamente por homens superiores.

Entre os nossos mais dedicados amigos, destaca pela envergadura de grande poeta, pela erudição vastissima e pelo conhecimento profundo das linguas, a figura extremamente sympathica de Tommaso Cannizzaro. Elle e W. Stork, o sabio professor da universidade de Munster, ha pouco extincto—as duas figuras excelsas, cujo amor pelos nossos grandes homens deve ser para nós, que ás vezes miseravelmente o não temos, um grato consôlo e um justificado orgulho. . . .

Vem de ha muito a sympathia de Cannizzaro pela nossa litteratura. Deve-

mos-lhe, além de muitos versões differentes nas *Fiori d'Oltralpe*, o melhor das *Folhas Cahidas*, de Garrett, e os *Sonetos Completos*, de Anthero, com um largo

prologo critico, cartas, retratos, etc. Um volume precioso como arte, e precioso como documentação.

Para breve nos promette o extraordinario poeta os *Sonetos Completos* de Camões, os *Simple*s de Junqueiro e outras versões já adeantadas.

As suas traducções são em verso — e em versos admiraveis. A lingua italiana, melodiosa ou forte, quando instrumento dum poeta como Cannizzaro, reproduz num relevo divino os nossos bellos poemas.

Damos a nota bibliographica dos trabalhos de Tommaso Cannizzaro:

Publicados (originaes): *Ore segrete*; *In solitudine Carmina* (2 volumes)



Tom Cannizzaro

RETRATO E ASSIGNATURA DE TOMMASO CANNIZZARO

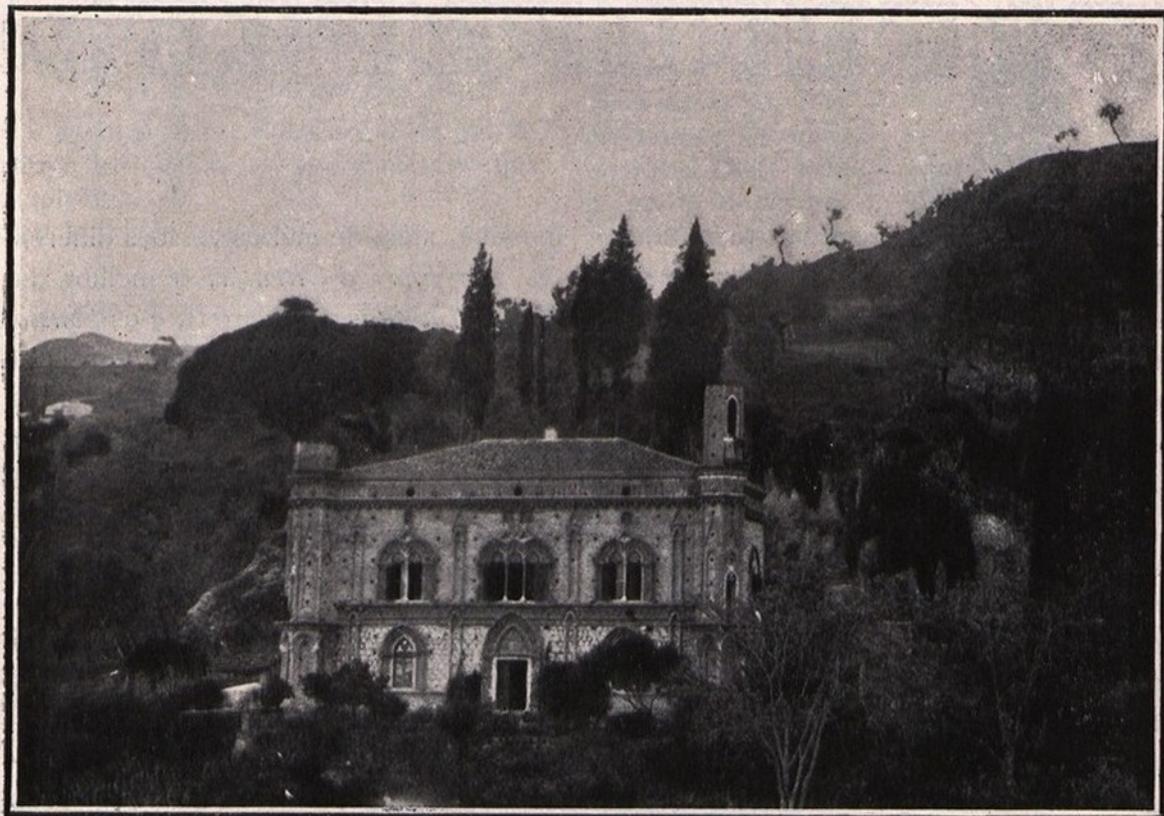
Épines et Roses; Tramonti; Uragani; Gouttes d'âme; Cinis; Quies; Vox rerum; La voix des Deux mondes.

Traducções: — *La mia visita a E. Sanson*, do francez; *Fiori d'Oltralpe* (2 vol.); *Sonetti Completi*, de Anthero do Quental; *Georgica*, de C. Lemos; *Dalle Folhas Caídas*, d'Almeida Garrett; *Le Orientali ed altre poesie*, de Hugo; *La*

tura o di quel che non è, e *Canti popolari della provincia di Messina* (mais de 3.000 cantos).

*

O auctor de *Uragani*, de *Cinis*, de *Vox Rerum*, é um homem de genio, cuja obra enorme merece a admiração de todos. Quanto a nós, portuguezes, não é apenas



RESIDENCIA DE TOMMASO CANNIZZARO
Perto de Messina (Sicilia)

Comedia di Dante (primeira traducção em dialecto siciliano).

Ineditos: — *Antelucane* (versos); *Excelsior*, idem; *Dernières étoiles* (versos francezes); *Dalla Vita* (pensamentos).

Traducções, além das já indicadas, *O poema do Cid*, do antigo Castelhana; *Canzoniere*, di Mirza Schaffy, do allemão; *Três poetisas francezas*; *Mithologia Norrena dall'inglese di E. Rasmus Anderson*.

Em preparação tem ainda «*Della Na-*

com a admiração, mas com affecto agradecido, que devemos corresponder á gentileza do grande vulgarizador das nossas lettras.

Toda a obra de Cannizzaro é meditada e vivida, a espraia-se como o grande e luminoso mar que lhe beija as costas da Sicilia — a sua patria. Nos seus volumes de versos (varios em francez) ha sempre, a par duma limpida visão esthetica, uma riqueza prodigiosa. O poeta não se restringe a generos: é deliciosamente ly-

rico, heroico, uma vaga nevoa pessimista invade ás vezes o artista, ou tem a ironia dum Heine esplendidamente italiano.

Não é, claramente, beneditino cinzelador de formas, um parnaziano acanhado. A sua musa tem os magníficos cabellos soltos como as deusas; a inspiração é larga, e precisa de todas as cambiantes de forma, de toda a variedade e riqueza de metros. Tem a nobresa dos poetas classicos, mas a sua lingua é viva — «mais colhida na bôca do povo, que nos livros» — como o poeta confessa no prologo de *Vox Rerum*. O alto espirito de T. Cannizzaro, que é o dum pensador penetrante e moderno, divaga por todo o esplendor da natureza, mãe antiga e bemdita de todos os grandes poetas; ascende, no largo vôo, e ás vezes colhe as azas luminosas

e deixa-se envolver um momento em nuvens melancolicas. . .

No seu volume *Dalla Vita* (natureza, sociedade, amor, mulheres, arte, poesia, etc), se avaliará mais nitidamente da philosophia de T. Cannizzaro, do que na musica e na beleza dos seus admiraveis poemas.

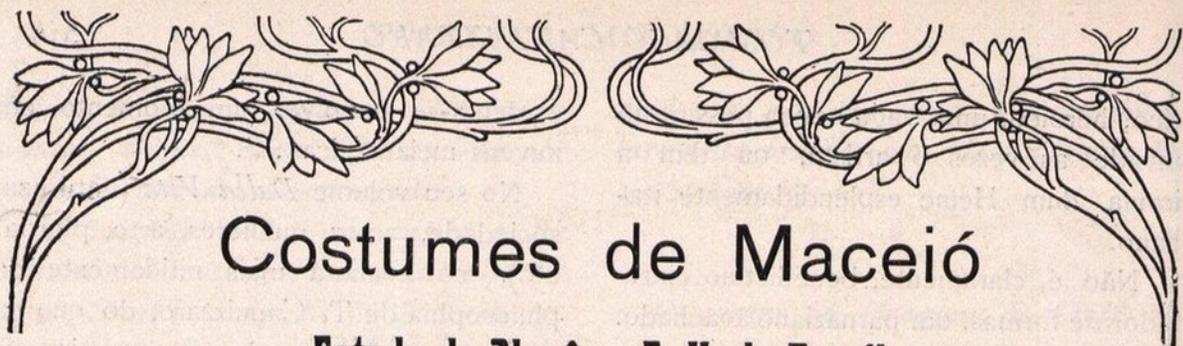
No poemeto ha pouco publicado, *Voix des deux mondes*, relativo á guerra russo-japoneza, transbordam os sentimentos mais generosos, e as ideias mais puras de liberdade e de justiça cantam nas estrophes d'essa ode hugueana, cujos alexandrinos batem grandes azas nas fulgurações duma aurora nascente. . . O egregio poeta, que não é creança, conserva sempre a frescura generosa da mocidade no grande coração!

Concurso photographico dos "SERÔES" — Menção honrosa



ESTRADA DE ODIVELLAS

Photographia do Sr. Alfredo F. de Lemos



Costumes de Maceió

Estado de Alagoas, E. U. do Brazil

Envia-uos um nosso amavel leitor de Maceió o seguinte interessante artiguinho sobre costumes d'essa terra, tão pouco conhecida, e tão digna de o ser, entre nós. Acompanham o artigo duas curiosas gravuras, que deliciosamente illustram o texto. Em nosso nome e no dos nossos leitores, agradecemos ao sr. Lavenère a sua valiosa collaboração e fazemos votos para que o seu exemplo seja largamente mitado.

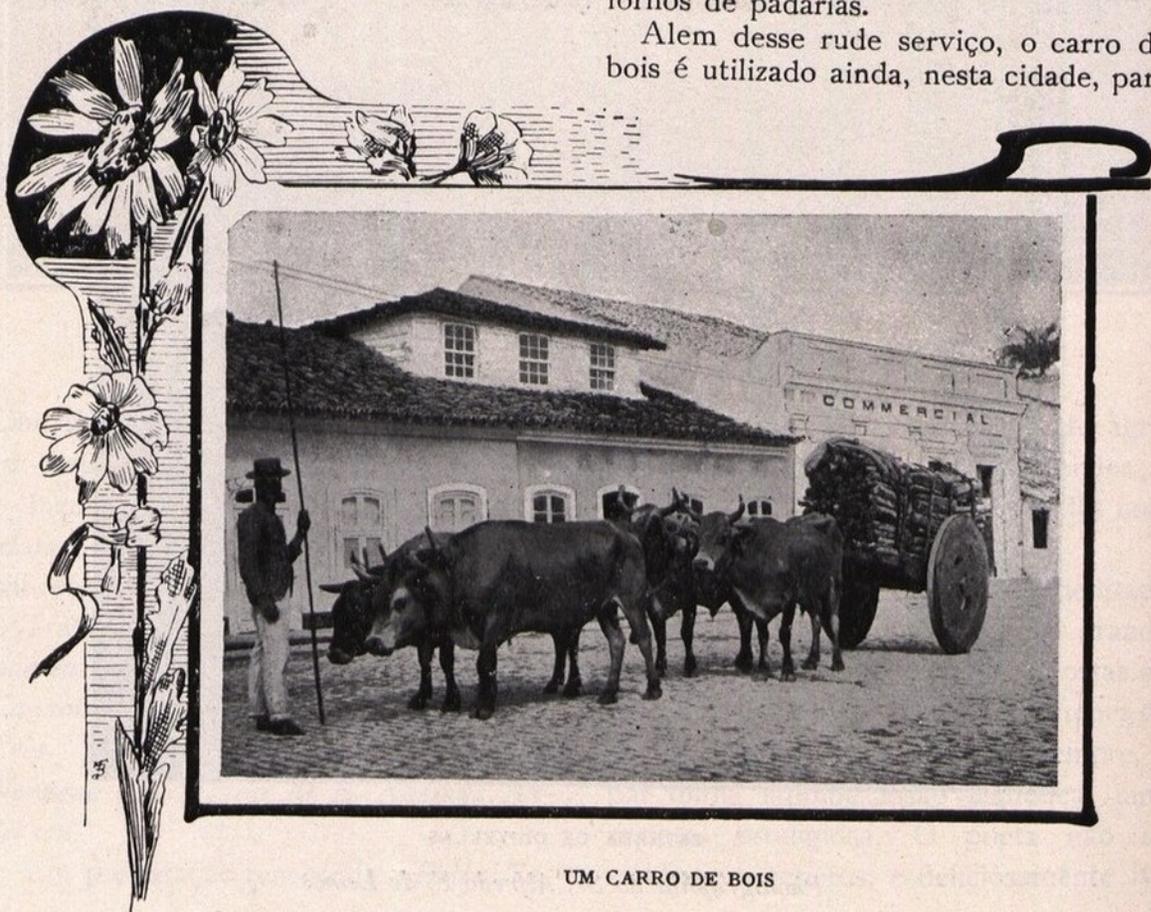
UM CARRO DE BOIS

MACEIÓ, capital do Estado das Alagoas, é uma cidade quasi moderna: é illuminada a luz electrica, tem estradas de ferro, cafés, bilhares, fabricas de tecidos, collegios, seminario episcopal, etc.

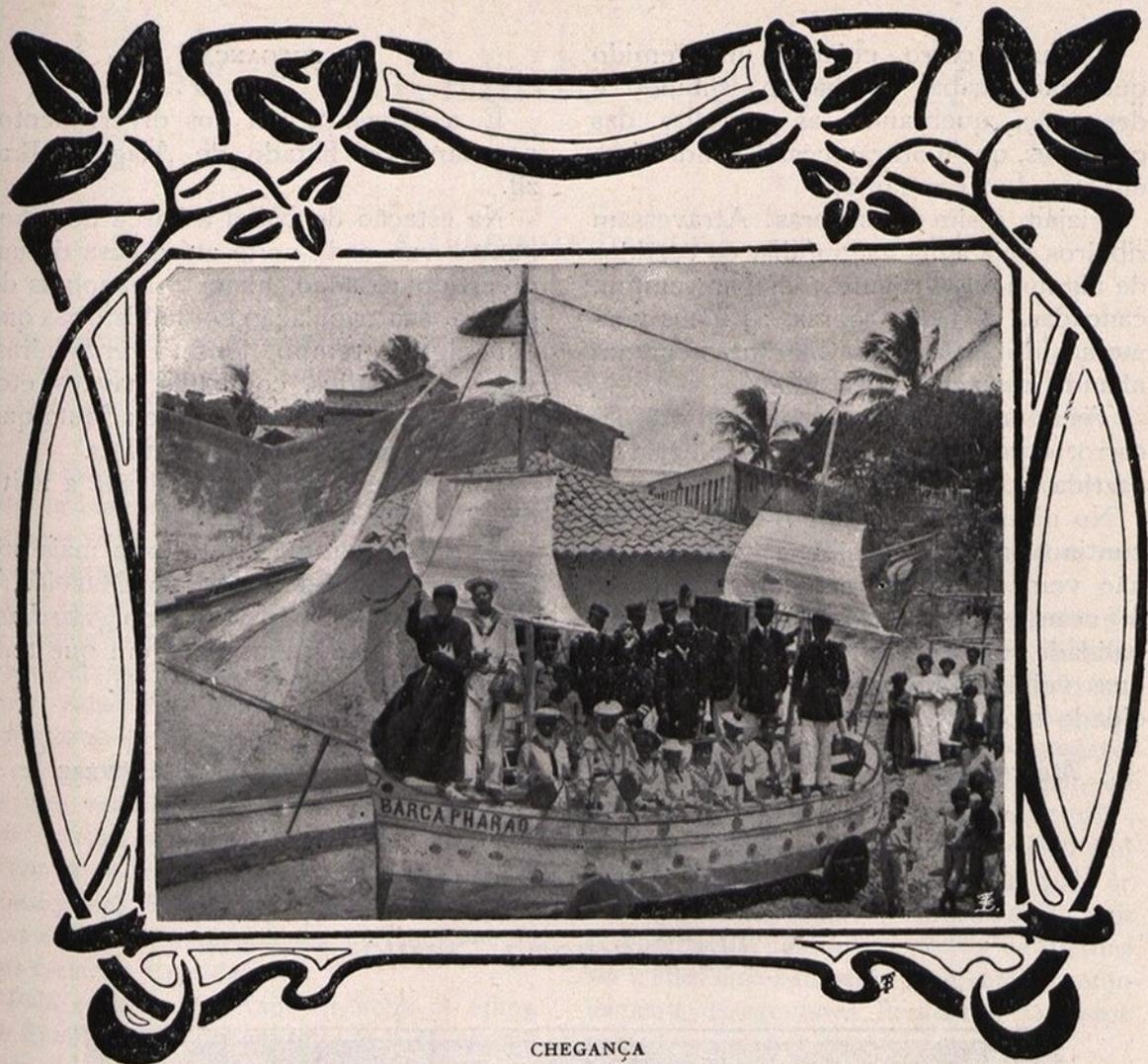
Esse progresso, porém, não impede que o velho carro de bois ainda transite pelas nossas ruas, calçadas de parallelepipedos, atravessadas por linhas telephonicas e telegraphicas, vias ferreas, e vehiculos menos attestadores de decadencia ou infancia.

O carro que ahi se vê transporta uma *carrada* de lenha grossa, destinada aos fôrnos de padarias.

Alem desse rude serviço, o carro de bois é utilizado ainda, nesta cidade, para



UM CARRO DE BOIS



CHEGANÇA

conduzir famílias aos logares distantes, na estação do Natal.

Imaginemos uma d'essas interessantes viagens.

É pela madrugada a hora da partida.

A porta dos que vão passar o dia de Natal fóra da cidade, está o carro de bois.

Galantes raparigas empunham harmonicas, pandeiros, *ganzá*, etc.

Talvez não saiba o leitor que coisa seja um *ganzá*...

É simplesmente um tubo de folha de flandres com algumas pedrinhas dentro...

Serve para animar a nossa dança popular, o *côco* ou *samba*.

Difficil seria descrever um *côco* verdadeiramente alagoano, mas não é aqui o seu lugar.

À frente do carro vae uma caixa de provisões para o dia: a panella de mão de vacca, sarapatel, lombos cheios, fri-

tadas de camarões, o nosso indispensavel *sururú*, e a não menos indispensavel quantidade de vinho, cerveja, aguardente fina, bem azuladinha...

Os cajús, as melancias, jacas e outras fructas encontram-se pelo caminho.

O pão quentinho é comprado á ultima hora, quando o primeiro alvor do dia apressa a partida.

Moças, creanças, as mamãs e as titias arrumam se no carro de bois, como sardinhas em lata.

Um toldo de esteiras de peri-peri abriga-as do sol.

Os rapazes e o chefe da caravana cavalgam ao lado, em animaes que até á vespera não sabiam que gôsto havia em supportar uma sella.

Não faz mal; o tempo é de festa e a festa não é bôa sem esses disparates que fazem rir.

Partiu o carro, chiando um gemido que não acaba, tombando, subindo e descendo, quebrando as costellas das creaturas, que n'outra occasiã chorariam em vez de rir e cantar.

Viajam assim duas horas! Atravessam ribeiros cuja agua vae molhar os vestidos de alguma das viajantes; chegam emfim, cançadas, as faces rubras, as mãos vermelhas de *palmas* que bateram acompanhando as cantigas de *côco*.

Teem que voltar ainda no mesmo carro, e voltam sem a mesma alegria da partida...

No dia seguinte o pobre carro de bois continua a carregar lenha grossa, mas não vem chiando o seu lamento que é o encanto do carreiro, porque a municipalidade não permite que se juntem duas velharias tão velhas dentro de uma cidade tão nova.

Maceió-Brazil.

CHEGANÇA

É a *chegança* um dos divertimentos populares do Estado de Alagoas, Brazil.

Na estação do Natal a barca dos *chegantes* vae cada noite até a casa de um divertido cidadão, executa manobras de guerra, sua tripulação conta historias que em algum tempo foram verdadeiras, como naufragios, combates navaes, etc. e acabada a festa vem a ceia lauta que o visitado offerece aos *chegantes*.

Dura esse divertimento desde a noite de Natal até ao dia de Reis.

A barca que ahi se vê foi a mais notavel do Natal de 1905, em Maceió. A figura que está á prôa é a do *guardião*, mostrando o cornimboque em que tem o seu rapé; o outro, é o *ração*.

L. LAVFNERE.



Na Semana Santa



Cliché Lima

A' Porta dos Martyres — O Concurso dos Devotos

Se a mocidade soubesse...

VI

A AVESINHA CASEIRA

Os aposentos da marechala eram no andar terreo do palacio, e Sidonia julgou que a sorte a favorecia quando, ao chegar lá, o porteiro lhe disse que a illustre dama acabava de entrar. Ainda mais contente ficou ao ser recebida por ella de braços abertos e arrulhantes palavras de boas vindas.

— Muito bem, *ma belle enfant!* Tenho ás vezes uns presentimentos!... Já a esperava. O grande javardo de seu tio, o chanceller, e a serigaita da mulher... Conheci-a á primeira vista: cabecinha de arveloa, genio de vespa e coração de ferro. Não era logar proprio para a menina aquella casa. A minha filha precisa de uma verdadeira amiga, e por isso fez bem em vir ter comigo, fez muito bem!—Acenou affirmativamente com a cabeça, fazendo com que a pluma da ave do paraizo, que lhe enfeitava a touca de gaze, adejasse por sobre os finos caracoés alvos de neve.

Pela segunda vez n'aquella noite os olhos de Sidonia luctavam contra a invasão das lagrimas; d'esta vez, porém, eram prantos de allivio e gratidão. A marechala deu-lhe uma pancadinha no hombro e inclinou-se para beijal-a: tinha em volta de si um delicado ambiente de pós de Parma e do ambar que aromatisava as rendas.

— E' muito bom, querida filha—murmurou ella— ter na côrte uma pessoa de amisade, alquem que possa guiar-nos atravez d'estas paragens. *Ma petite*, vamos fazer grandes coisas, afianço-lhe. Mas por emquanto não lhe digo mais nada. Não tarda a nossa ceiasinha. Que comeu hoje, *ma belle enfant?*

Tocou uma campainha de prata e appareceu uma gentil *soubrette*, que fitou atrevidamente na visitante os olhos negros de azeviche.

— Bettine, *ma fille*— disse a meliflua dama— leva... *Mademoiselle* para o meu toucador e arranja-lhe o penteado, antes da ceia.— E voltando-se para Sidonia segredou-lhe amavelmente:— Precisa tornar-se ainda mais bonita, porque tenho um convidado.

— *Par ici, mademoiselle*— disse Bettine rapidamente.

Quando já iam entrando n'um gabinete que rescendia a violetas, e cujas tapeçarias eram da côr das violetas, ouviram a marechala dizer, com os mesmos tons assucarados:

— Bettine, ha de voltar aqui. Tenho um bilhetinho para mandar, *ma fille*.

— Sim, minha senhora— respondeu a creada franceza e fechou a porta.

Sidonia olhou em volta de si, e attentou depois na cara antipathica da *soubrette*. Pareceu-lhe que debaixo dos pés se lhe abria um abysmo, no proprio logar onde esperava encontrar terreno firme. Tinham-lhe ferido desagradavelmente o ouvido a palavra *mademoiselle* e o tom emphatico com que a senhora edosa a pronunciara. A referencia ao convidado tambem lhe causara uma certa suspeita, que a ordem relativa ao bilhete accentuara ainda mais. E observando os olhos pretos de Bettine, via n'elles uma expressão petulante e profundamente desagradavel. Perguntou com aspezeza:

— Quem é que a sua ama espera para a ceia?

A creada encolheu os hombros e respondeu familiarmente.

— Ao pé de *Madame la Maréchale* ninguem se aborrece. E então os seus *petits soupers fins* são o que ha de mais delicioso e discreto. Faça-se tão bonita quanto possivel, *Mademoiselle*, e tudo lhe correrá ás mil maravilhas. *Allons!* Tire-me essa horrivel capa... Prompto! Não se quer sentar?... Oh! *Que Mademoiselle est bien faite! Mais coiffée...* Queira desculpar... o seu penteado é quasi anti-diluviano!

Foi quando Sidonia percebeu em que armadilha se deixara cahir. E, com a nitidez da sua convicção, viu tambem o que tinha que fazer. Sentou-se, como a franceza lhe dissera, e sem proferir palavra foi fazendo um exame minucioso do quarto, emquanto a aia da marechala lhe ia arranjando o penteado. Porta só havia aquella por onde tinham entrado; aos lados do toucador rasgavam-se grandes janellas, tapadas com cortinas espessas.

— Ora veja como ficou tanto melhor, *Made-*

moiselle! — exclamou Bettine, recuando um pouco para admirar bem a sua obra.

Sidonia reflectiu anciosamente no que acabava de pensar. Uma palavra, um olhar, um indicio de fraqueza frustrariam promptamente o seu plano, á pressa imaginado. Para além d'esta possibilidade surgiam os horrores para que nem podia olhar, para que nunca olharia. Pois, no peor dos casos, ainda havia um refugio. As palavras do rabequista: «O lenitivo de uma alma pura e ativa... o que chega a ser alegria» acudiam-lhe de quando em quando ao espirito, como um echo da sua musica, e davam-lhe energia e allivio.

— Oh! Como está linda, *Mademoiselle!* — exclamou Bettine novamente, e d'esta vez com sincero enthusiasmo. — Despede verdadeiras chammas o seu olhar, e não ha carmim que possa egualar a côr das suas faces!

— Bettine! — chamou do quarto proximo a voz argentina da marechala. Sidonia, entrando no seu papel, com o instincto de quem se vê sem defesa, sorriu alegremente para a francezita, como a dizer-lhe que fosse ter com a patroa.

— Espero que *Mademoiselle*, quando estiver no galarim, não se esquecerá de que fui eu que a enfeitei — insinuou a creada da marechala.

— Não me esqueço, fique descansada — respondeu Sidonia, por entre dentes.

Mal viu a porta fechada, agarrou no puxador. Felizmente, a marechala gostava dos gonzos discretos e por isso a noivasinha pode abrir a porta cerca de uma pollegada, para escutar o que diziam as duas. Não lhe tremiam as mãos: sofreu a respiração para que nem o ruge-ruge da seda pudesse atraícoala.

Os espiritos fortes exaltam-se nas grandes situações.

Segredavam no quarto contiguo. O ouvido da herdeira de Wellenshausen educara-se nas clareiras da floresta, cheias dos sons quasi imperceptiveis das vidas minusculas. Apanhou palavra aqui, palavra ali:

— O bilhete... nas mãos de Sua Magestade... Percebeste bem?

— *Mais oui, madame!*

Bettine ia-se afastando, mas n'esta occasião a marechala disse qualquer coisa, em voz ainda mais baixa, que Sidonia não pode ouvir e que a resposta de Bettine não esclareceu. A resposta foi esta, acompanhada por um frouxo de riso: «Ai! Não, minha senhora. Creia que

se engana. Não nos assustamos tão facilmente!»

Uma risadinha meliflua commentou o dito da creada.

— Em todo o caso, já está na gaiola a pombinha — tornou a marechala, ainda a rir.

Era mais do que bastante. Sidonia fechou a porta com suavidade. Descobriu um ferrolho, que se moveu promptamente debaixo dos seus dedos. Estava n'um phrenesi de pressa. A capa sobre o vestido de côr pallida, e o capuz sobre o elegante penteado, obra de Bettine!... E agora para a janella! Quem fecha na gaiola uma avesinha, deve ter a precaução de verificar se as vergas estão em bom estado, porque a coitada tem azas, e o coração palpita-lhe pela liberdade, pelo companheiro, pelo ninho. Os aposentos da marechala eram no *rez-de-chaussée*, mas ainda que fossem no andar mais alto, aquella janella não deixaria de ser para a donzella o caminho da evasão.

Oh! Que impressão deliciosa a que lhe produziu, batendo-lhe no rosto, aquelle ar fresco e puro, em substituição da atmosphaera quente e desagradavel, que se respirava dentro do quarto! Pelo socego e iragrança, pela terra molle que sentiu debaixo dos pés quando sahiu para o exterior, conheceu que estava no jardim do palacio. Noite escura e chuvosa. Ao longe os candieiros da entrada do parque lançavam clarões vacillantes.

Não fazia a menor ideia da direcção que devia tomar, mas a intenção da sua alma era incapaz de desvios, como o vôo da ave que volta ao ninho. Havia só um refugio para ella, um logar só: os braços do esposo. Era claro o seu caminho: ia ter com Estevam, e, depois d'isso, mais nada lhe importaria no mundo.

Deitou a correr em direitura das luzes do portão. D'ali a instantes, já tinha encharcados e atolados em lama os sapatos de baile; as saias estreitas pegavam-se-lhe ás meias de seda; tropeçou em moitas de verdura rentes ao chão e esteve quasi a cahir. Já não podia correr. Tinha de avançar ás apalpadellas. Os olhos foram-se-lhe habituando á escuridão. Vislumbrou a claridade de uma alameda, pelo meio das renques de arvores; por ali se encaminhou para as luzes. N'aquelle chão mais firme já podia andar mais depressa, se arregaçasse um pouco as saias que lhe prendiam os movimentos. O portão estava aberto. Nem sequer havia sentinella na guarita, que desse rebate da fuga de Sidonia. De dentro do cubiculo do

porteiro vinha o barulho de cantigas, de risadas e de copos. Tal amo, tal creadagem.

A rua por onde tomou era calçada e estava quasi ás escuras. Tinha pouquissimas casas, todas do lado opposto ao muro do parque. A parte que subia parecia ir dar ao campo, e á cidade a que descia. Quasi sem reflectir, tomou por esta, apertando mais as dobras da capa contra os fatos chocalheiros, e puxando o capuz para a cara. Agora tinha de caminhar mais devagar, se bem que obater dos pulsos lhe desse ideia dos passos de perseguidores implacaveis, e o seu desejo irresistivel fosse correr deante d'elles quanto pudesse. Atravez do escuro parque, trazia sobre si como que um pesadelo, mas a passagem pela cidade era mil vezes mais terrivel.

Olhou para traz, para a escura solidão, buscando amparo.

Continuou a andar sem vacillações, firmemente, pelos labyrinthos das ruas sordidas: parando aqui, a perguntar o caminho a alguma matrona, e obtendo umas vezes respostas delicadas, mas sendo outras vezes repellida, como se fosse mulher despresivel, ou motejada, em vista do seu luxo lamacento. N'uma occasião cercou-a um bando de estudantes, rindo e bai-

lando; um dirigiu-lhe graçolas em francez mascavado e outro agarrou-a pela cintura. Estava meio morta de medo, mas enfureceu-se e cobrou animo para castigar o insolente em bom e energico dialecto da Thuringia, dizendo-lhe que era indigno de um verdadeiro alemão insultar assim uma mulher indefeza.

Todos se afastaram immediatamente, vexados e respeitosos, e ella continuou a andar com resolução, se bem que o coração lhe batesse com tanta força no peito, que ameaçava suffocal-a.

Mais adiante um homem de cara escura e grosseira, e com argolas de ouro nas orelhas, acompanhou-a passo a passo, ao longo de uma rua. Foi o momento de maior angustia de toda aquella aventureosa jornada. Na sombra de um portico, viu, porém, luzir a alabarda de um vigia nocturno; foi para elle deliberadamente e, na boa lingua materna, commum a ambos, disse-lhe a cruel afflicção em que estava e pediu-lhe que a guiasse até á *Aigle Impérial*.

O homem escutou-a calado, fitando os olhinhos sagazes no rosto de Sidonia, que ella fizera instinctivamente sahir um pouco do capuz, como para reforçar com este argumento as suas palavras.



AQUELLA JANELLA NÃO DEIXARIA DE SER O CAMINHO DA EVASÃO

Então, soltando uma imprecação contra os estrangeiros, agarrou-lhe na mão, como se estivesse tratando com uma creança.

E como creança ella o acompanhou cheia de alegria, escutando, com um sentimento vago de conforto, as palavras que o homem resmungava em dialecto thuringiano mais grosseiro, prophetisando a libertação da honrada Westphalia, a queda dos tyrannos pygmeus e a aproximação do tempo afortunado, em que as mulheres decentes poderiam passear pelas ruas de Cassel sem se arrisarem a ouvir insultos, e em que os allemães genuinos reentrariam na posse do que era seu.

*

— Sou a condessa de Kilmansegg — disse Sidonia ao creado, que se lhe dirigiu, quando entrou na *Aigle Impérial*.

Pouco se lhe importando já que a reconhecessem, deitou o capuz para traz da linda cabeça desgrenhada.

O creado olhou para ella com espanto, ao ver *Mamzell* a Baroneza.—A burgravina não lhe dera outro titulo.—Mas o olhar da recémchegada era imperioso, de modo que, sem dizer palavra, o serviçal tomou a deanteira e levou-a, pelo pateo e ao longo das escuras escadas, até ao quarto do segundo andar. Ia bater á porta, mas a condessa despediu-o, dizendo-lhe:

— Pode ir-se embora. Eu mesma me annuncio.

No quarto estava o fogão acceso e havia luz, mas como Sidonia não viu ninguem, cuidou que o coração se lhe tornava tão deserto como o quarto — um vacuo doloroso. Fechou a porta e sentou-se profundamente desanimada. Passado algum tempo, foi invadindo-a uma sensação de agazalho, um calor physico e moral, que a retemperava.

Viu espalhadas em volta de si varias coisas pertencentes a Estevam. Deixou de temer que não voltasse! O vago aroma da alfazema, de que elle tanto gostava, trouxe-o de subito e vividamente á presença de Sidonia. Desatou a chorar, coitadita! Já não podia mais. Quando encostou os pés á porcellana aquecida do fogão, era como se mil pontas de agulhas estivessem a espicaçar-lh'os. Quebrantada de espirito, avassallada pelo enternecimento, haveria para ella consolação mais doce que o triumpho, n'esta hora em que se rendia a sua ausencia de mulher? Parecia que aquellas lagri-

mas doloridas tinham apagado inteiramente a lembrança dos motejos e ameaças de Betty, e das suppostas culpas de Estevam. Ha momentos em que a alma vê alem dos factos.

O calor foi actuando n'aquelle corpinho exausto. Sentiu-se levada para longe, embalada em sonhos vagos, para acordar logo depois com o coração a pulsar desordenadamente no peito, opprimido pelas reminiscencias das passadas angustias.

N'um d'estes sonhos, imaginou que o burgrave, Betty, d'Albignac e Jeronymo lhe tinham descoberto a pista, e que a levavam outra vez para o palacio real. Quando acordou, conheceu que estava sózinha, mas não se libertou completamente do pavoroso terror do pesado. . . A astuciosa Betty sabia certamente onde deviam procural-a e o homem que estava lá em baixo tinha-a reconhecido. . . Não servia de nada fechar a porta, porque o burgrave, mettendo-lhe os hombros, arrombal-a-hia de prompto, ainda que o obstaculo fosse muito mais solido. E Estevam pôdia voltar e não vir a saber. . . Ergueu-se, toda tremula, do lugar onde estava sentada e olhou em redor de si.

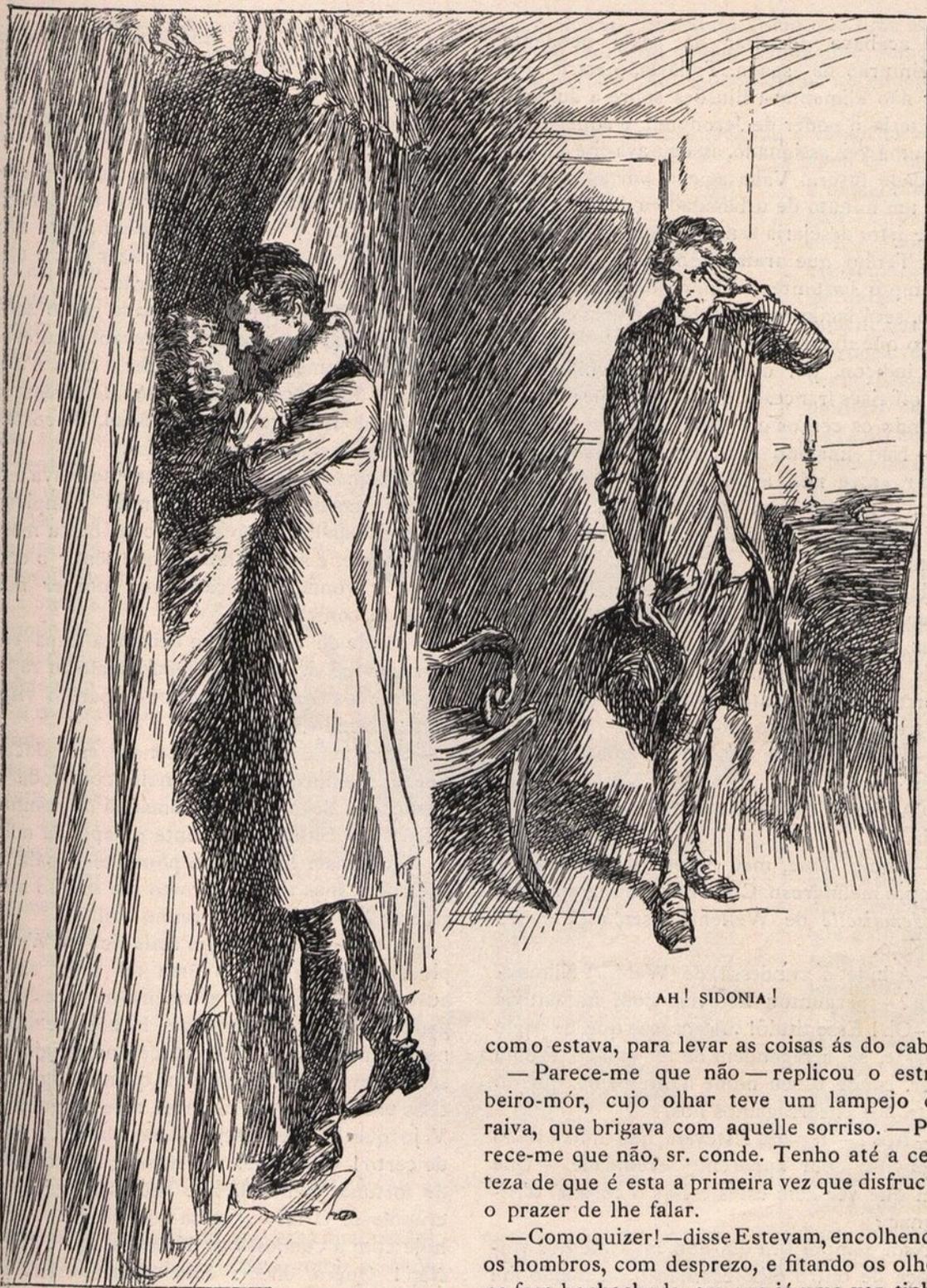
N'isto surgiu-lhe no espirito uma ideia extravagante e infantil: o grande leito allemão da alcova era todo cercado de grandes cortinados de damasco de seda amarello. Podia então acoitar-se áquelle abrigo convidativo e correr os cortinados. Ficaria ali tão abrigada como a avesinha dentro do ninho occulto na folhagem. . . Era um quarto dentro de outro quarto. E escondida poderia espiar o marido, quando elle voltasse.

*

Estevam subiu as escadas vagarosamente. Durante duas horas, exasperado pelo ruido dos folguedos longinquos, medira a passo o vestibulo do palacio do rei, á espera da resposta da carta que escrevera ao burgrave, reclamando sua mulher. Afinal tinha escapado de ser preso, graças a um official de bom genio, cujo coração sympathisou com aquelle moço e gentil estrangeiro, de bolsa facil em abrir-se e rosto onde se estampava a afflicção.

Voltou profundamente triste para a *Aigle Impériale*. Talvez o rabequista se tivesse lembrado de ir lá procural-o! Encontrou, porém, a aguardal-o no *salon* publico uma personagem muito diferente, que matava o tempo beberricando copitos de cognac.

Era d'Albignac, monteiro e estribeiro-mór



AH! SIDONIA!

do rei Jeronymo. Mal viu Estevam, levantou-se e cumprimentou-o com uma grande cordealidade, pronunciando rapidamente o nome e o titulo austriaco do conde, e annunciando o seu com affabilidade exaggerada.

— Já nos tinhamos encontrado — retrucou Estevam asperamente, muito bem disposto,

como estava, para levar as coisas ás do cabo.

— Parece-me que não — replicou o estribeiro-mór, cujo olhar teve um lampejo de raiva, que brigava com aquelle sorriso. — Parece-me que não, sr. conde. Tenho até a certeza de que é esta a primeira vez que disfructo o prazer de lhe falar.

— Como quizer! — disse Estevam, encolhendo os hombros, com desprezo, e fitando os olhos na face bochechuda, em que já uma vez tinha assentado a mão. — Afinal de contas era o senhor que tinha mais forte razão para se lembrar. — E acrescentou com arrogancia britannica: — Diga o que quer.

O sorriso de d'Albignac sahiu-lhe contrafeito, por entre os dentes amarellados. Os dedos contrahiram-se de repelão sobre um papel

que acabava de tirar da pasta pendente do cinturão da espada. Todavia, o estribeiro-mór não alimentava illusões sobre a duração que teria o poder de Jeronymo, e aquelle papel, uma vez assignado, assegurava-lhe a prosperidade futura. Valia a pena, portanto, mostrar um minuto de urbanidade a quem, se não fosse isto, desejaria esmagar debaixo dos pés.

— Tenho que tratar com o sr. conde um assumpto bastante melindroso, mas que, espero, será facilmente resolvido n'uma conversação que tivermos a sós.

E indicou, por uma olhadela significativa, uns officiaes francezes, que estavam perto d'ali, jogando os centos e o gamão.

— Não imagino que assumpto se possa tratar entre nós, a não ser um. Em todo o caso, venha ao meu quarto. O que desde já lhe prometto é que será prompta a minha resposta.

Mal disse isto, encaminhou-se para a escada, tenuemente alumada, e subiu com d'Albignac atraz de si. Encaminhou-se para o seu quarto, onde entrou em primeiro lugar, pois um cachorro de semelhante laia não tinha direito a ser tratado de outro modo.

— Feche a porta e vamos ao que tem para dizer.

D'Albignac conseguiu outra vez dominar a furia.

— Como disse, meu caro senhor, é um assumpto melindroso. Creio que não ignora que *Mademoiselle* de Wellenshausen está agóra no paço.

— Allude á condessa de Waldorf-Kilmansegg? — perguntou Estevam com intimativa.

— Oh! Esse titulo!... Bem sabe que, de parte a parte, se arrependem de ter casado. Ponha o sr. conde o seu nome n'este papel, que do resto nos encarregamos nós.

— Nós? — repetiu Estevam, que tinha estado a ouvil-o com apparente serenidade. — Que tem que ver com estas coisas o coronel d'Albignac?

Nem sempre tira um homem a melhor vingança de outro esbofeteando-o ou dando-lhe uma cutilada. Na resposta que deu d'Albignac, ficaram perfeitamente saldadas as contas antigas que havia entre ambos.

— O rei — disse elle — o meu rei, Sua Magestade o rei Jeronymo interessa-se muito pela nobre fidalga.

Foi como se a capa estivesse a estrangular o moço austriaco. Arrancou-a de si e desca-

hiu dois passos para traz, a fim de atiral-a para cima do leito. Precisava de ter livres os braços.

A voz desagradavel do outro continuava a ouvir-se:

— E' desejo do meu soberano que a joven herdeira de Wellenshausen despose um fidalgo da sua côrte, e a escolha recahiu n'este seu humilde servo. Posso tambem dizer que a encantadora menina está de accordo...

Confusamente, atravez da zoadá que o sangue lhe fazia nos ouvidos, Estevam escutava. Por um movimento machinal, fez a capa n'um molho e descerrou os cortinados de damasco, mas quedou-se atonito, silencioso, de costas viradas para o seu atormentador.

D'Albignac esfregava as mãos e sofrea um risinho mordaz. Era gôso mais completo que retribuir-lhe a bofetada com outra mais retumbante, e até melhor do que sentir o aço cortar á vontade na carne ou morder nos ossos do contrario...

O conde de Kilmansegg deixou a capa escorregar-lhe das mãos e, tendo fechado rapidamente os cortinados, voltou-se para o visitante; dizendo-lhe:

— Se o coronel quizer deixar-me esse documento, examinal-o-hei esta noite com toda a attenção e devovel-o-hei ámanhá de manhã.

Recebeu cerimoniosamente o papel da mão de d'Albignac. Estava um pouco mais pallido que antes, mas tinha no rosto um sorriso singular e nos olhos um estranho brilho.

— E trata-se da herdeira mais rica da Westphalia! Sempre teem uma tal prôa estes austriacos! — pensou o estribeiro-mór, resfolegando alliviado. — Felizmente, bastou-me tocar no assumpto para... — Accrescentou, dirigindo-se a Estevam: — Não imagina quanto folgo por tel-o encontrado tão razoavel, meu amiguinho. Vêjo que... que deseja o meu bem... Pois de certo! Os tempos vão maus e um soldado de fortuna, como eu, não pode ser muito escrupuloso. O rei... valha-nos Deus!... ceia hoje com a condessa de Kilmansegg... Não! Não! Quero dizer: com *mademoiselle* de Wellenshausen!

Alargou-se n'um sorriso momentaneo o rosto do conde.

— Que riso amarello! — disse consigo mesmo d'Albignac.

— À *demain*, coronel, mas não antes do meio dia.

Estevam disse estas palavras com voz sere-

na, quasi carinhosa. Avançou depois a passos ligeiros para o estribeiro-mór, bateu-lhe ao de leve no hombro, e apontou para a porta.

Os dois encararam-se fixamente, surgindo com impeto os impulsos bestiaes no alentado corno do serviço de Jernymo Bonaparte. Havia, porém, no olhar de Estevam um *quid* imperscrutavel, uma animação, uma quasi alegria que entibiarão o outro. Julgou que Estevam se lhe avantajava, e muito, no modo frio de encarar os acontecimentos, e recuou fazendo uma desastrada mesura, mas sem saber manejar a ironia. As suas grandes botas resoaram pela escada abaixo.

Estevam abriu com cautela os cortinados e ficou debruçado a examinar o vulto adormecido.

A avesinha tinha vindo para casa finalmente! Extenuada de canção, estava, como creança que era, immersa em somno tão profundo, que nem a bulha feita por d'Albignac lhe causara o minimo incommodo. Tinha os delicados braços abertos para um lado e outro, e as mãos levemente contrahidas, n'uma attitude de immensa prostração. Atravez dos labios semi-abertos, respirava placidamente.

O doirado cabello espargia-se em enovel-

ladas madeixas, formando como que uma aureola em redor do pallido semblante. Nunca se manifestara tão exuberantemente aquella mocidade.

Mas como parecia fatigada e exhausta no meio de toda a placidez do seu repouso!... Ainda estavam sujas de lama as saias de setim, que deixavam ver um pequenino pé descalço, com a meia de seda manchada de lodo e... de sangue!

A sua querida mulher!

Que difficeis caminhos não trilhara para chegar até ali!... Se escapara a' algum abysmo mais escuro e profundo e mais terrivel que o do castello de Wellenshausen?...

Lentamente, sem saber o que fazia, Estevam cahiu de joelhos ao pé d'ella, tendo ainda fechado na



ERA UMA MELODIA DE AMOR, DE ADEUS, DE PARTIDA

mão, inconscientemente, o papel que lhe dera d'Albignac. Percorria-lhe todo o ser uma onda de amor, um esto de ternura protectora.

A sua querida mulher!

Ainda na rua o vigia nocturno não tinha acabado a cantilena da meia noite, quando se sentiu uma pancada secca na porta do quarto. E logo o vulto do rabequista Hans appareceu deante de Estevam, que se ergueu e dirigiu para elle.

Parou um instante, apesar de vir em urgente missão, para admirar, á luz que havia no quarto, o rosto do mancebo.

Nunca imaginara que tão pura alegria pudesse contrapôr-se á enorme desolação que arrastava pelo mundo. Foi sem a minima surpresa que viu assomar por entre os cortinados a face rosada de Sidonia : já tinha conhecido pelos olhos de Estevam que estavam juntas finalmente as creanças que amava.

—Estevam ! — disse Sidonia.

— Ah ! Sidonia !... gritou Estevam.

Correu para a noiva, e, sem se importarem com a presença de Hans, abraçaram-se doidamente. Por entre elles cahiu para o chão o papel, com que havia de annullar-se o casamento.

— Vamos, filhos ! — disse a rir o musico ambulante, mas com os olhos arrasados de lagrimas, o que ninguem ainda lhe tinha visto. — Para isso terão tempo de sobra, depois ; agora precisam aviar-se ! Vamos ! Vamos ! Tenho lá em baixo uma carruagem á sua espera. Ria comigo, menina Sidonia, ria comigo ! E' nem mais nem menos que a carruagem da burgravina ! Podera ! As esposas alle-mãs não podem escapar tão facilmente aos maridos, ainda que seja na côrte de Jeronymo ! Betty de Wellenshausen não viajará esta noite, fugida ao seu senhor ! Nem o fará nunca, talvez ! Uma berlinda e quatro bons cavallos de posta podiam lá desaproveitar-se !... Depressa, meus filhos, que não se pode perder um minuto. Afianço-lhes que antes do amanhecer cahe sobre a cidade um grande temporal !

Sidonia não tinha que fazer grandes preparativos. Poz a capa, e do fundo do capuz o seu lindo rostosinho voltou-se para o rabequista.

— Para onde vamos ? — perguntou.

— Para onde ? — repetiu o vagabundo, com uma toada na voz semelhante a um echo da sua musica. — Pois para onde havemos de ir senão para a floresta, para o verde seio que tão discretamente e sem perigo ha de acalentar esse amor ? Para a casa escondida no meio do arvoredo, aonde, uma vez, levei certo rapaz que se esquecia da primavera da vida e que se perdera no caminho. Foi assim que encontrou uma e outra coisa.

*
* *

O rabequista subiu para a almofada e os cavallos romperam a trote largo. Encostada

ao hombro do marido, Sidonia cahiu de novo n'uma meia somnolencia, acalentada pelo gotejar da chuva lá fora, pelo monotono balanço do carro, pelas pancadas rhythmicas das ferraduras dos cavallos contra os caminhos embrandecidos. Passaram pela estalagem dos Tres Caminhos, e já estavam cingidos pelo amplexo do cerrado arvoredo, quando ella estremeceu de repente e soltou um grito abafado.

— O que é isto ?

Um bramido surdo ainda lhe soava aos ouvidos.

— São tiros de artilharia — respondeu-lhe Estevam.—E' o fim do reinado de Jeronymo !

Ao pôr do sol chegaram á casa da floresta, onde a sua presença causou grande espanto e alegria. Depois da excellente ceia, que lhes foi servida na sala, em cujo tecto sobresahiam as longas traves, sentaram-se ao pé da grande lareira. E quando não riam nem falavam, a paz da floresta vinha cingir os dois amantes, conforme lhes tinha prophetisado o rabequista Hans. Que tarde bemdita !

Com os clarões avermelhados a bailarem-lhe no rosto, o musico apparentava uma extraordinaria serenidade.

— Ha de viver sempre connosco, meu querido Geiger-Hans ! — dizia-lhe Sidonia de instante a instante. E de cada vez que lhe ouvia isto, o musico sorria, como se estivesse de accordo.

*
* *

Ao raiar da portentosa madrugada na floresta, acordou Estevam no dia seguinte, e embora no coração tivesse tanta alegria como a de um passarinho na primavera, ainda pesava sobre elle um sentimento de perturbação e anciedade, que parecia tel-o penetrado durante os sonhos d'aquella noite.

A janella ficara aberta, para entrar o luar, que tinha ido beijal-os ; mas a mysteriosa alvorada proseguia longe d'ali, velada como noiva do Oriente. Tenues vapores acinzentados pendiam, como cortinas, por deante da janella aberta.

Estevam sentou-se na cama.

Os pulsos batiam-lhe apressados. Apurou o ouvido : sentiu o rumorejar das folhas, o gotejar do orvalho, o chilrear dos passaros que iam despertando... e por fim uns accordes tão apagados, que parecia fluctuarem n'um sonho. A melodia tornou-se mais distincta,

posto que continuassem a tocar-a muito á surdina; ergueu-se depois, lamentosa, alegre e triste ao mesmo tempo: um segredo e um chamamento. E com ella vinha um rythmo como de quem ia caminhando: melodia de amor, de adeus, de partida. Enfraqueceu e sumiu-se mais uma vez nos murmúrios do arvoredo. Foi silencio por fim, mas ainda parecia cantar.

Repentina magoa trespassou o coração de Estevam. Conheceu que o rabequista Hans o tinha deixado para sempre.

*
* *

O musico vae andando ao longo do bosque sombrio e humido.

Já esvoaça no ar o cheiro do primeiro lume, que accende a próvida tia Friedel, e

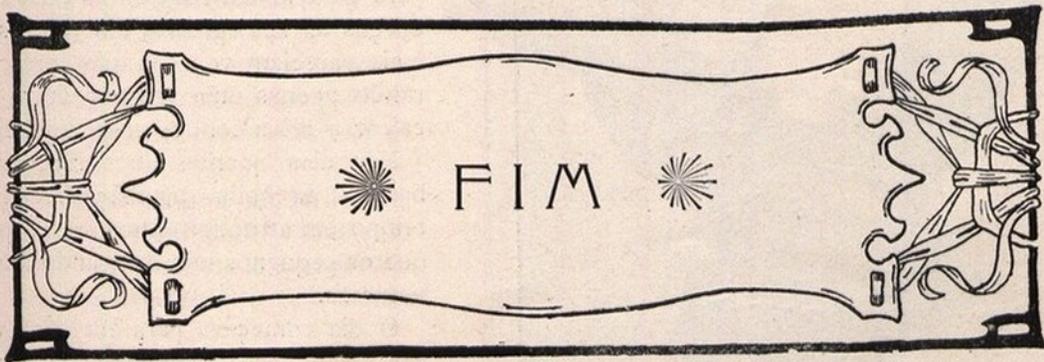
vem lisonjear o olfacto de Hans, lembrando-lhe a lareira; elle, porém, tinha voltado as costas resolutamente á casa da floresta e á ventura juvenil que ali se abrigava. Estava acabada a sua obra. Devia, portanto, continuar a vida errante, porque era a solidão tudo o que Deus podia conceder-lhe na terra; a solidão e o movimento incessante, para adormecer a dôr que lhe retalhava o coração. Sentia-se muito velho e cansado. Tinha a face livida e severa, quando a voltou para a longa estrada.

A clareira da floresta rasgou-se de improviso para deante d'elle, e a terra começou a baixar em direcção á planície, toda banhada em luz de oiro.

O sol vinha nascendo com brilho tamanho que parecia prometter um dia eterno.

(Traduzido do inglez por Maximiliano de Azevedo).

AGNES E EGERTON CASTLE.



Historia de um veado



DURANTE O PRIMEIRO ANNO, OS CHIFRES DE UM CORÇO SÃO APENAS DUAS PROTUBERANCIAS NO ALTO DA CABEÇA, AS QUAES VÃO CRESCENDO DE ANNO PARA ANNO.



NASCEU este veado n'uma magnifica tapada de um fidalgo riquissimo, um logar de delicias onde desde seculos cresciam livremente, entrelaçando os ramos frondosos, arvores robustas e respeitaveis.

Tambem ha que seculos alli vagueavam em doce paz os seus antepassados, em vastos rebanhos que era um gosto ver, das janellas do solar, a pularem por montes e valles, ou agachados e meio occultos entre os fetos enormes, pelo meio dos carvalhos colossaes. Porventura era graças ao instincto que havia herdado, tanto como ás ordens severas de sua mãe, que elle, logo de pequeno, se deixava estar horas esquecidas deitado na sua cama de fetos secos e calçados, quietinho que nem uma estatua.

Logo com poucos dias de vida, o nosso amigo sentiu força nas pernas para galopar em companhia dos outros corços da sua equalha, tão velozes que mais pareciam voar do que correr, parando apenas uma vez por outra para calcar a relva com os cascos delicados.

Nos dias quentes do verão, os rebanhos da velha tapada passavam o tempo em attitude sonhadora, ao passo que os pequenos iam medrando á lei da natureza.

O dia começava para elles por volta das cinco horas da manhã. Preparavahes o guarda um bello almoço de legumes, espalhando-os para que a distribuição se fizesse com a maxima equidade, cousa de meio litro por cabeça, em media.

Depois, desde as nove e meia até ás duas da tarde, descansavam veados e corças, preguiçosamente reclinados á sombra do copado arvoredo, ou, em dias mais abrazadores, no cimo dos outeiros, onde podessem apanhar as mais leves aragens, ruminando e dormindo, de pernas estendidas.

A tarde, das duas ás quatro, era consagrada á pastagem e ao passeio. Um

veado não morde a herva tão rente como as ovelhas ou os cavallos, mas pode alimentar-se n'uma pastagem onde a ovelha morreria de fome. Junto com a herva, o veado atira-se com guloseima ás bolotas.

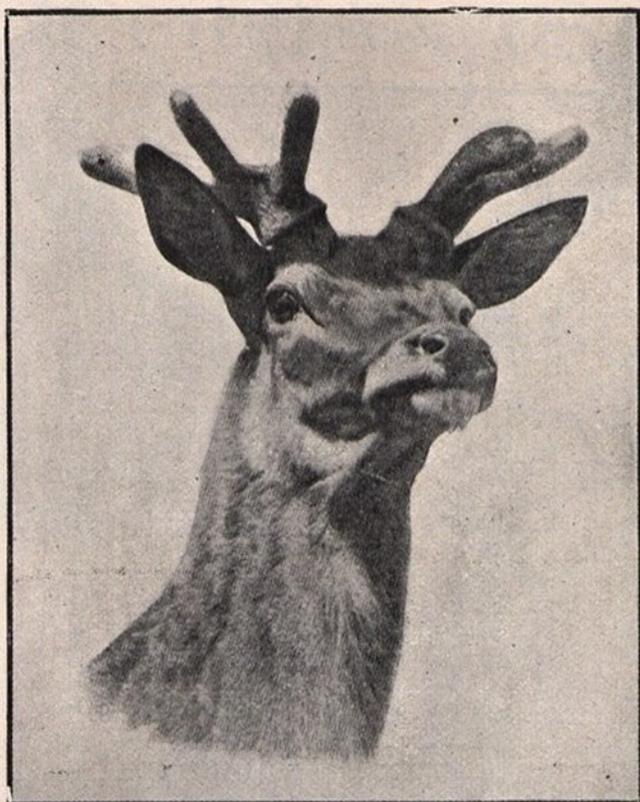
Cerca das quatro horas da tarde havia outro periodo de descanso, de ruminar e reflectir, seguido ás seis por outras duas ou tres horas de actividade, em que os corços cabriolavam á vontade. Apenas cahia a noite, todos os veados, grandes e pequenos, se enroscavam a dormir em cima dos fetos.

E n'este agradavel modo de vida passou o nosso corçosinho os seus annos de infancia, dormindo, brincando e repousando ; até que pelo mez de outubro, com a queda das folhas, uma grande mudança occorreu no espirito da manada.

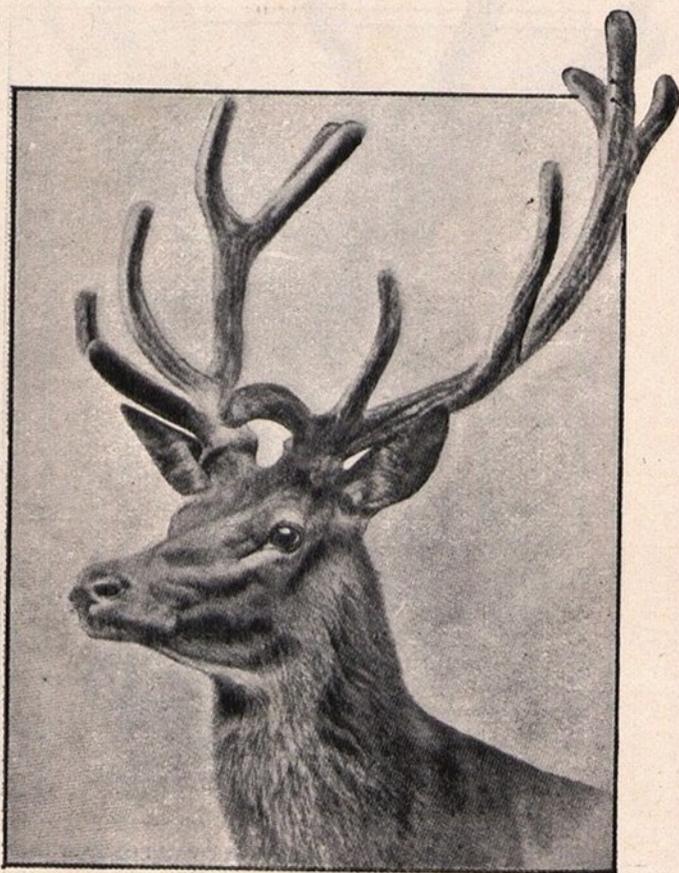
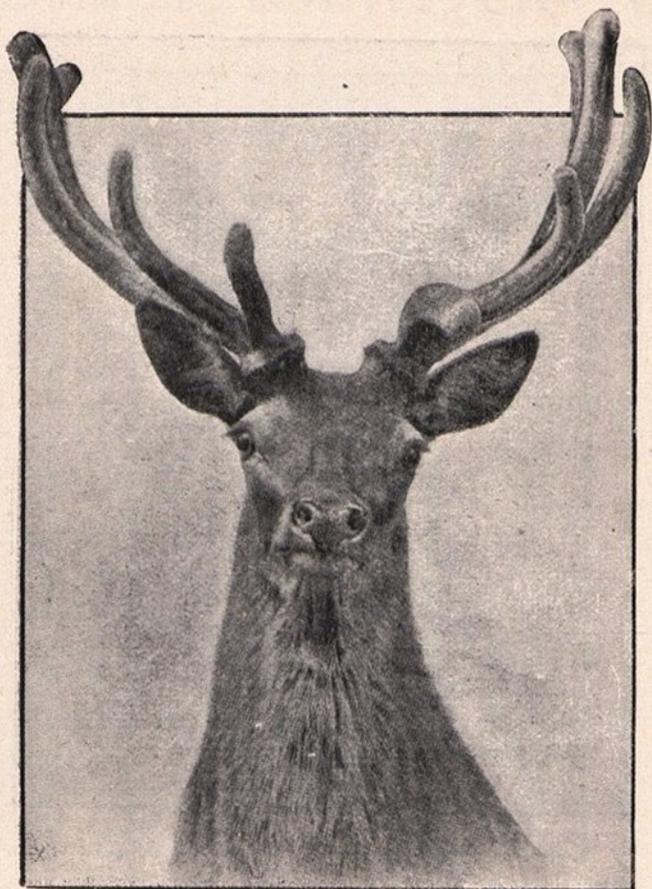
É regra em todas as manadas haver uns poucos de maioraes, que servem de guias aos mais novos e reteem em seu poder quantas corças possam conquistar. Por conseguinte, os veados novos teem por força de esperar annos antes de furtarem uma corça ao harem do maioral, e só por direito de conquista se apossam d'ella. Quando um dos maioraes envelhece, tem que dizer adeus ás glorias da conquista, e é pouco venturoso o seu destino.

O corço tinha muitos annos deante de si para se ir habilitando á situação de maioral ; mas a natureza não perdia tempo em o ir aprestando para as batalhas da vida.

Os esgalhos do veado contam um volume inteiro da sua historia. Todos os verões começa a crescer uma camada, augmentando em tamanho e em numero de pontas, até ficar completa em agosto. O chifre é fabricado pelo sangue que circula livremente dentro de sua cobertura de veludo, ou pelle velosa, e se acaso esse veludo é offendido, o chifre pára de crescer ou cresce deformado. Por volta de agosto, começa a formar-se um lobulo no pé do chifre, interceptando o suprimento do sangue ; e o veludo va cahindo então, e as armas do veado, já duras e limpas, estão promptas para a refrega.



TODOS OS ANNOS VÃO SURGINDO NOVAS PONTAS, E SE NADA LHES TOLHER O CRESCIMENTO REGULAR, OS ESGALHOS FICAM PERFEITAMENTE SYMETRICOS.



QUANDO OS ESGALHOS CHEGAM AO ESTADO PERFEITO, TEEM DOZE PONTAS E DÃO AO ANIMAL UMA APPARENCIA MAJESTOSA E SENHORII..

No anno seguinte, ahi pelo mez de abril, os chifres estão na muda; mas dentro de quinze dias começam de novo a crescer, e a desenvolver-se com maravilhosa rapidez.

Os esgalhos do nosso veado cresceram por feitiço regular; eram finos em forma e tamanho, compridos e limpos. Começou aos dois annos a sua carreira de combates, embora nada ganhasse com o seu esforço mais do que uma tremenda derrota, infligida pelos mais velhos e mais fortes, e um grande desgosto por se não sentir ainda com força bastante para vencer um adversario da sua egualha. Aos tres annos ainda não se podia medir com os maioraes; mas no anno seguinte já cantou victoria.

Suceddeu n'esse anno um dos maioraes chegar a uma crise dolorosa na vida, e dar o primeiro passo no caminho da decrepitude.

Uma bella noite, os seus bramidos e furiosas patadas receberam uma terrivel affronta.

Estava elle ao luar, mergulhado até aos joelhos n'um massiço de fetos, em frente do seu cortejo de corças, a desafiar arrogantemente um bando de veaditos novos.

De repente, destacou-se do bando um d'elles, arrostou com o patriarcha, baixou os esgalhos e investiu para o velho guerreiro como um raio.

Entrechocaram-se os esgalhos. O veado velho recuou. Mais e mais foi recuando até ser impellido para longe das corças espavoridas, até vacillar e cahir sobre os joelhos. Então o juvenil veado deu uns passos á rectaguarda e depois investiu de novo contra o inimigo derribado, uma, e outra, e outra vez, até não ter duvidas sobre a sua definitiva victoria.

E d'essa data em deante, ficou havendo na manada um novo maioral.

Contente de si, triumphante em successivas batalhas, acrescentando de anno para anno o seu cortejo de corças delicadas, lá vive elle na vetusta tapada senhorial, e todos os corços novos o encaram com veneração e temor. La virá dia em que por seu turno envelheça e em que um adversario mais robusto o esbulhe do seu prestigio e do seu rebanho de corças.

LENDAS AÇORIANAS



ERMIDINHA DA SENHORA DO PRANTO EM S. MIGUEL.

A branca ermideirinha da Senhora do Pranto tem todos os annos a sua romaria de devotos, que lá vão piedosamente ofertar-lhe, junto com as suas orações fervorosas, cordeiros e trigo, fructas e flores.

A ermideirinha fica arredada do caminho, lá para baixo, quasi sobre a rocha, distante dos povoados, olhando o mar, sorrindo aos navios que ao longe passam, abençoando os pescadores que todo o dia lidam nas aguas.

Naquelle santo dia da Senhora do Pranto, despovoam-se as quatro freguezias mais proximas da sua rustica ermideirinha. O adro e os campos de em volta estão cheios de gente que ri e canta, ao som da viola, findo o jantar de pão e fructas, sobre a toalha verde da relva. E até que a tarde morra, pelo estreito carreiro que vae dar á ermideirinha, os romeiros continuam a descer n'uma festiva via sacra,—como uma fita ondeante de mil côres estendida sobre o verde claro das seáras.

E a boa velhada parece ter, nesse dia, os olhos cheios daquelle descuidado riso da sua mocidade, vendo as dansas e folgarés da rapaziada, ouvindo a gritaria chilreante das creanças.

*

Senhora do Pranto! Senhora do Pranto!

Vê como os teus filhos riem junto da tua ermideirinha branca, redimidos pelo pranto que choraste!

Olha como essas ingenuas e boas almas confiam em ti e te são gratas! Como vão, cheias de crença no remedio dos seus males, tirar terra da sepultura da tua serva, beber agua da tua fonte, beijar a pedra dessa nascente, onde para sempre ficou gravada a forma do teu divino, pequenino pé! Olha! Senhora do Pranto!

Mas bem pagas tu as offertas das sementeiras e fructas novas, das flores e da cêra, com que os teus filhos vão carinhosamente adornar-te o altar. Dás felicidade aos noivos, tranquillidade aos velhinhos, riso ás creanças, abundancia ás terras... Bem lhes pagas tu!

Por isso eu nunca vi dia de festa tão ingenuamente tocante, tão cheia de riso, tão doirada de crença. Como é linda a tua festa, Senhora do Pranto!

O caminheiro que passa na estrada, e vê lá em baixo a tua ermideirinha, fica a scismar porque não seria ella construida á beira do caminho e perto do povoado. Tenho mais pena, Senhora do Pranto, da ignorancia do caminheiro, que não sabe a linda historia da tua ermideirinha, do que do mendigo que passou um dia com fome, sem alcançar uma migalha de pão...

Tu sustentarás o mendigo, Senhora do Pranto, e pode muito bem ser que o pobre caminheiro nunca tenha a felicidade de ouvir a maravilha do teu poder.

Abençoa a minha penna, Senhora do Pranto, que eu vou escrever a historia assombrosa da tua ermideirinha, para que todos a saibam;

e ao verem-na de longe, levados pelas velas dalgum navio, sobre as aguas do mar, ou de passagem pela estrada verdejante, se descubram e rezem uma Ave-Maria, porque foi grande o teu poder, como é grande a tua misericórdia.

Abençoa a minha penna, Senhora do Pranto, que eu vou escrever a historia assombrosa da tua ermida.

Olha! Sabes tu? Ainda ha pouco, contando-a eu a um Doutor, tal como a ouvi no tempo santo em que era tambem teu romeiro — ai! ha quantos annos, Senhora do Pranto! — elle disse-me, a sorrir, que essa historia não passava duma lenda...

Vê tu, minha boa Senhora, como são incredulos e vaidosos os sabios! Perdoa-lhes, perdoa-lhes, Senhora do Pranto, que a tua bondade é bem maior do que os nossos peccados!

*

Peccadores! Escutae!

Quando morei, pequeno, numa das aldeias visinhas da rustica ermida, que lá em baixo se ergue sobre a rocha, eu fui tambem romeiro da Senhora do Pranto.

Peccadores, como eu! Poisae aqui os vossos olhos, lêde a grandiosa historia daquella ermida rustica!

Escutae!

*

A uns quinhentos metros da costa, olhando-se da ermida para o mar, vê-se emergir das aguas um grande rochedo, em forma de cratera, que umas vezes as vagas revoltas açoitam com furia, que outras vezes as mansas ondas suavemente beijam.

Foi ha muitos annos, por um dia de inverno. Proximo do rochedo, deitára as suas redes um barco de pescadores, que um desabrido temporal accometteu de surpresa.

No horror das vagas alterosas, da cerração espessa, do vento que bramia, todos os esforços dos pobres marinheiros foram inuteis. O batel estava raso de agua, rotas as velas, quebrados os remos... E então, esses quatro homens que se viam morrer mesquinhamente, deixando ao desamparo viúvas e orphãos, com o rosto em pranto e as mãos em cruz imploraram o auxilio do ceu. Uma ultima vaga lhes quebrou a ultima esperan-

ça. O barco tinha sido arremessado de encontro ao recife, despedaçando-se. Envolto nas ondas, sem forças para lutar, iam-se já afundando os miseros naufragos...

Foi então que uma linda Senhora appareceu sobre o rochedo, envolta numa auréola de luz, e estendeu o seu divino braço para os pescadores, que subitamente se viram sobre aquellas pedras, onde o mar não ousou chegar-lhes, emquanto lá por cima, pela beira da rocha, mulheres e homens choravam afflictamente.

Passada a tormenta, um outro barco os tomou e restituiu, sãos e salvos, ao carinho das esposas, dos paes e dos filhos, a quem contaram, maravilhados, o prodigioso milagre da Virgem!

*

Escutae, peccadores! Ainda a historia não findou.

Em memoria d'este signal da bondade e do poder de Nossa Senhora, a quem chamaram do Pranto, pelas muitas lagrimas que em tristes olhos seccára, quizeram os povos daquelles sitios edificar-lhe uma ermida, humilde como elles, mas rica da fé das suas almas.

E foi cá em cima, á beira do caminho, que se lhe abriram os alicerces e se preparou a pedra. Mas quando toda ella estava apparelhada para a construcção da ermida, uma bella manhã, indo os operarios continuar a sua obra, não viram a pedra, que tinha sido levada, não se sabia por quem, durante a noite, para a beira da rocha...

Os operarios pasmaram de assombro, e todo o povo ali correu, a presenciar o mysterioso caso.

A pedra foi novamente conduzida para a beira da estrada, mas no dia seguinte amneheceu outra vez sobre a rocha!

Que milagre era, pois, aquelle?...

E foram os espiritos rusticos dos naufragos que tiveram a revellação de que era a Senhora quem a transportava de noite lá para baixo, porque queria a sua ermida dominando o mar, para olhar pela segurança dos que andavam sobre as suas aguas.

Ali deixaram a pedra, que não mais se moveu; e sobre a rocha alta foi construida a ermida da Senhora do Pranto, de quem eu fui tambem romeiro.

*

Mas escutae ainda, peccadores como eu.

Durante a fabrica da ermidinha, como ficasse longe a agua para amassar o barro, demorado se tornava o trabalho dos operarios. Houve então uma pobre mulher, velhinha e fraca, que fez promessa de todos os dias a acarretar do povoado, para não retardar o fim da obra piedosa.

Assim o fez, até que as forças de todo lhe faltaram; e cahindo de joelhos junto da ermidinha, cujas paredes começavam a erguer-se, supplicou á Santa que não a desamparasse.

E ali mesmo, ante os olhos maravilhados da pobre creatura, uma fonte começou nesse instante jorrando as suas aguas!

Está hoje a nascente envolta numa garrida gruta, feita pelas mãos piedosas dos camponeses: e uma das pedras, que resguardam o trasvazamento da agua, tem gravada a forma dum pequenino pé, que dizem ser o da linda Senhora, que ali foi beber.

Ficou a velhinha, durante a vida, sendo a guardadora da branca ermida. Hoje, as cinzas do seu corpo estão sepultadas lá dentro, sob o chão terreo da igreja, terra de abençoados milagres.

*

Peccadores! Eis a mystica e perfumada historia, a que muitos de vós chamarão lenda.

Eu, por mim, verdadeira a creio, porque muitos velinhos ma contaram, chorando, no tempo santo em que eu era tambem romeiro — ai! que ainda o fosse! — da linda Senhora do Pranto.

*

Senhora do Pranto! Senhora do Pranto!

Na tua festa tens fructas maduras, cordeiros brancos, sementeiras novas, lumes e flores, que te vão offertar as crentes e ingenuas

Lisboa, 1905.

almas dos teus romeiros. Mas generosamente pagas tu essas offerendas, Senhora do Pranto!

Têm uma santa morte os velinhos que levam para casa um punhado de terra da sepultura da tua seiva—e a sepultura está sem-



RETABULO DO ALTAR MÓR
NA ERMIDINHA DA SENHORA DO PRANTO
(S. MIGUEL)

pre rasa!—vivem ditosos os noivos que bebem da agua da tua fonte; ha sempre riso nos labios das creanças que beijam a pedra onde poisou o teu divino pé, e nunca mais houve um naufragio nas aguas do mar que a tua ermidinha vigia!

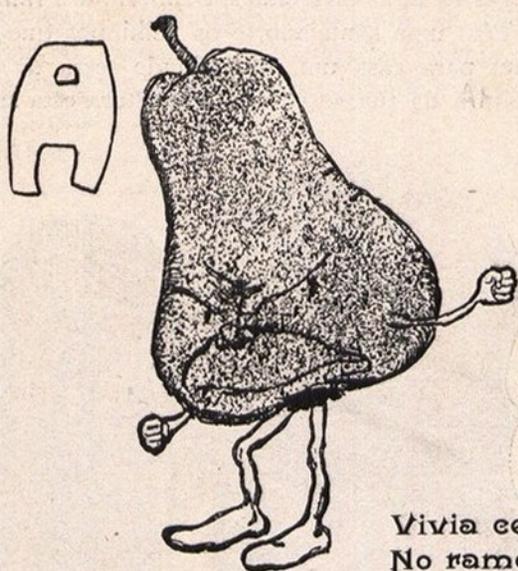
Senhora do Pranto! Senhora do Pranto! Repara no pranto de meus olhos! Olha que eu tambem fui teu romeiro!

Ai! quem o fôsse ainda, Senhora do Pranto!

RAPOSO DE OLIVEIRA.



Os Serões dos Bébés



PERA VINGATIVA

Vivia certa Perinha
No ramo da mãe Pereira,
Mais feliz que uma rainha,
Mais occulta que uma freira.

Assim mesmo foi bispada
Cá de baixo p'la Rosita,
Que disse para a creada:
«Ai! Que pera tão bonita!»



Foi logo apanhada a pobre,
Verde ainda, muito dura.
Se a Rosita a não descobre
Chegava a molle e madura.

Como não lhe mette dente
A lambaz da pequenota,
Deita-a surrateiramente
Para um fraseo de compota.

A Pera, ao cahir na calda,
Jura vingança cruel,
Pois toda em raiva se escalda,
Tão azeda como fel.

Se a tiraram pequenina
De junto de sua mãe!
Do sol, do ar, da campina,
Que saudades ella tem!



Dias depois figurava
Ao jantar, na compoteira,
E o appetite despertava
Da Rosita lambareira.

Ninguém mais... Está sósinha...
Atreveu-se... uma corrida!...
E n'um segundo já tinha
A rija fructa engulida.



Mal no estomago se apanha,
Diz a Perinha, contente:
«Chorarás a tua manha
Na cama, que é parte quente!»

Vae deitar-se a pequenita,
Sentindo já muitas dores.
Como ella rebola e grita
Debaixo dos cobertores!

Rosna a Perinha judia:
«Se verde não me comeras,
Nenhum mal te succedia.
Tens ainda pão p'ra peras!»

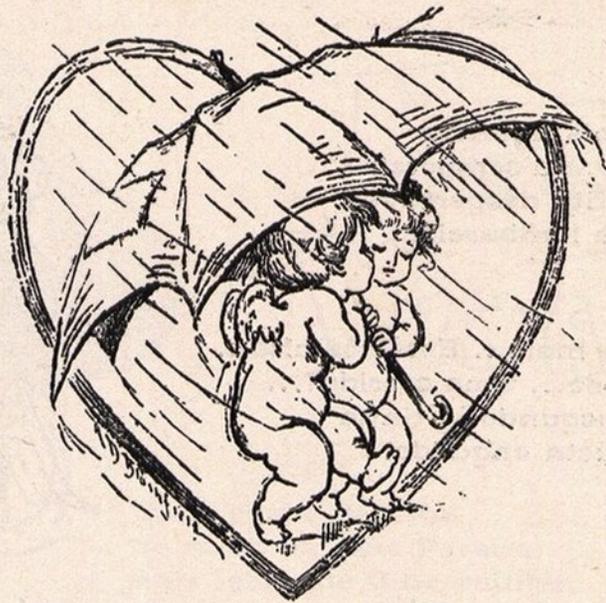
E teve, pois soffreu dores
Tres semanas successivas...
Meu Deus, livrae-nos de amores
E de peras vingativas!



Zelio.



CHUVADAS DE MAIO



UM DOS AMORSINHOS, AO OUTRO — *Casos ha em que uma aberta vem fóra de proposito entre os mortaes, não é assim, ó collega?*

O LEQUE

*Diz tristeza e alegria,
Desdem, capricho, paixão,
Bondade, melancolia,
O leque na sua mão!*

*Há pouco (noite sombria,
O' meu pobre coração! . . .)
Foi um punhal d'ironia
O leque na sua mão!*

*Su enlevado dizia
Versos cheios d'emoção;
E quanto de mim se ria
O leque na sua mão!*

*Mas ao ver quanto eu soffria,
Tomou-se de compaixão
E quasi perdão pedia
O leque na sua mão!*

*N'um theatro, ainda outro dia,
Bem commovente era a acção!
Que d'agitado tremia
O leque na sua mão!*

*De longe attento seguia
Toda aquella vibração,
E quanto comprehendia
O leque na sua mão!*

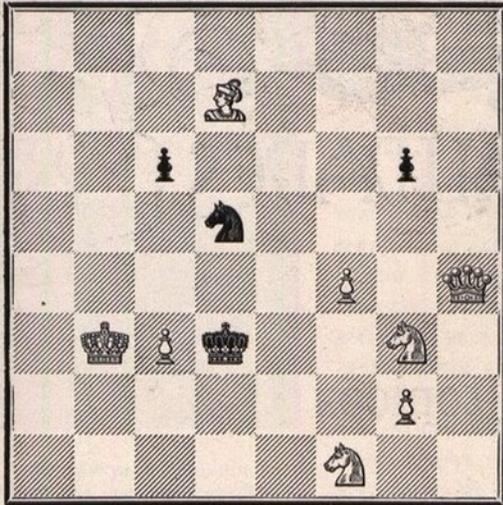
*Despreza, mata, inebria,
Dá o castigo e o perdão,
 Ama e detesta a poesia
O leque na sua mão!*

*Que estranha soberania
Que poder de seducção!
Parece feitizaria
O leque na sua mão!*

SECÇÃO DE XADREZ por BALDAQUE DA SILVA

N.º 1. Problema directo

Pretas 4

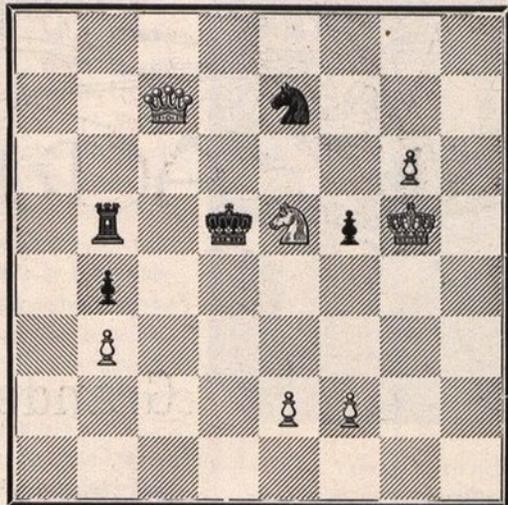


Branças 8

As brancas dão mate em 2 lances.

N.º 2. Problema directo

Pretas 5

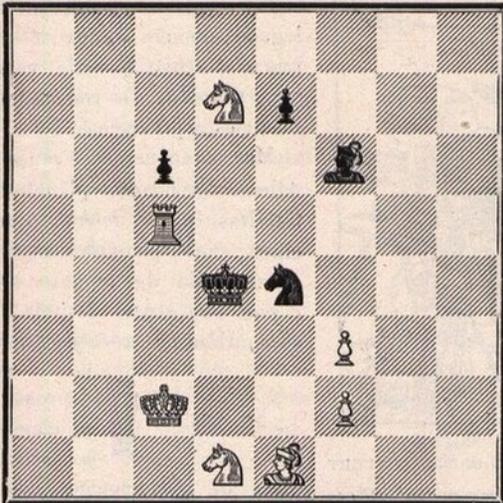


Branças 7

As brancas dão mate em 3 lances.

N.º 3. Problema symbolico. S (Serões)

Pretas 5

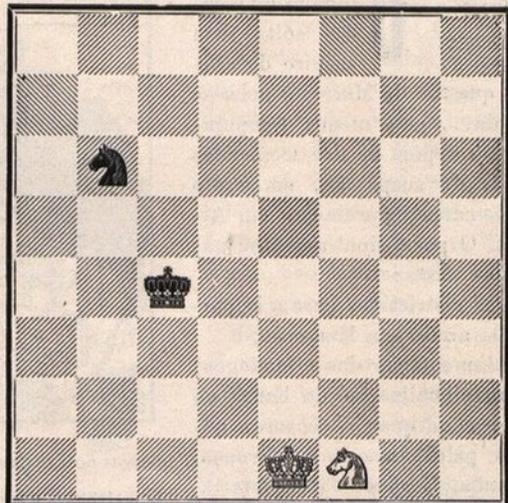


Branças 7

As brancas dão mate em 2 lances.

N.º 4. Problema retrogrado

Pretas 2

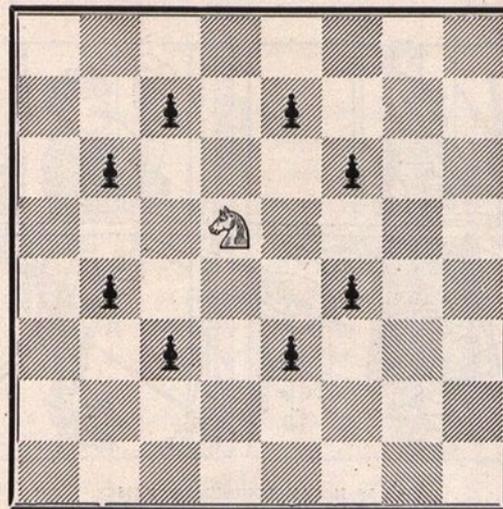


Branças 2

1 As brancas jogam. — 2 As pretas desfazem a jogada anterior. — 3 As brancas dão mate.

Serão publicados os nomes dos resolutores de todos os problemas de cada numero. Tanto na resolução dos problemas como na indicação das partidas, empregaremos a *notação algebrica*, na qual as *columnas* são representadas pelas primeiras oito letras do alfabeto, e as *fileiras* pelos algarismos

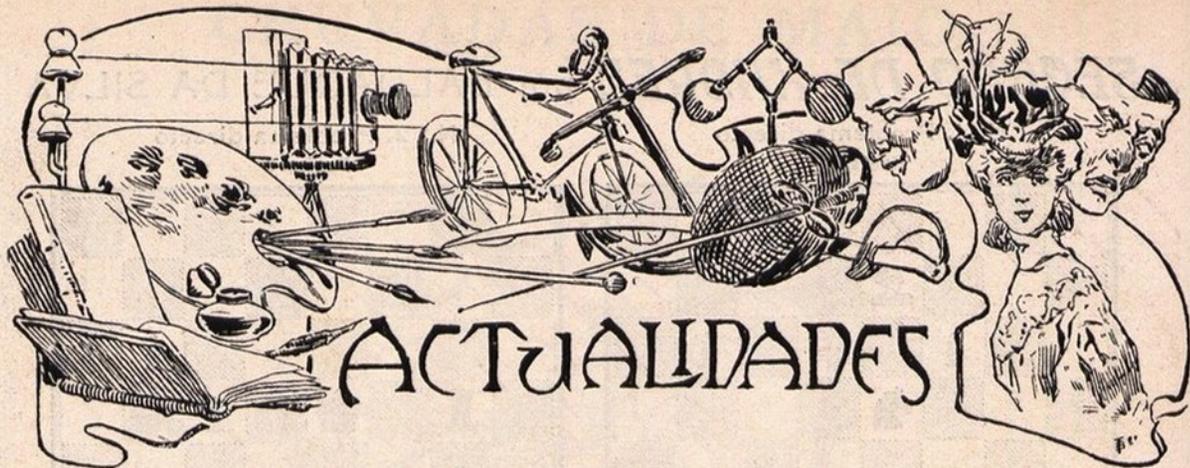
8
7
6
5
4
3
2
1



a b c d e f g h

de 1 a 8. As letras que designam as *peças* do xadrez. são: R — Rei; D — Dama; T — Torre; B — Bispo; C — Cavallo; P — Pião.

Adoptando esta notação, teremos que os oito movimentos possíveis do C collocado em d 5 são: Cb4, b6, c3, c7, e3, e7, f4, f6.



Grandes topicos

O Pesadelo de Marrocos **O** mundo civilizado solta um suspiro de alívio. A questão de Marrocos acha-se resolvida... pelo menos temporariamente, depois de dez tremendas semanas de suspensão, enquanto os diplomatas tagarelavam em Algéiras. O pacto final assentou nas seguintes bases:

Regras restrictivas para a importação de armas em Marrocos;

Regulamentação das alfandegas;

Internacionalisação do banco do Estado, com quatro censores nomeados pelos bancos da França, Alemanha, Hespanha e Inglaterra, sendo o capital distribuido por forma que a França tenha tres quintões, ao passo que as outras potencias terão um;

Organisação da policia, com instructores nomeados pela França e pela Hespanha, officiaes das duas nações em Tanger e Casabranca, predominio da França em Mogador, Safim, Mazagão e Rabat, predominio da Hespanha em Tetuan e Larache;

Pacto cincoos annos em vigor a datar da ratificação.



DEPOIS DO LANÇAMENTO DO DREADNIGHT
O KAISER, olhando para o navio! — *Dois masts! Pois eu hei de ter doze!*

Do "Daily Mirror"

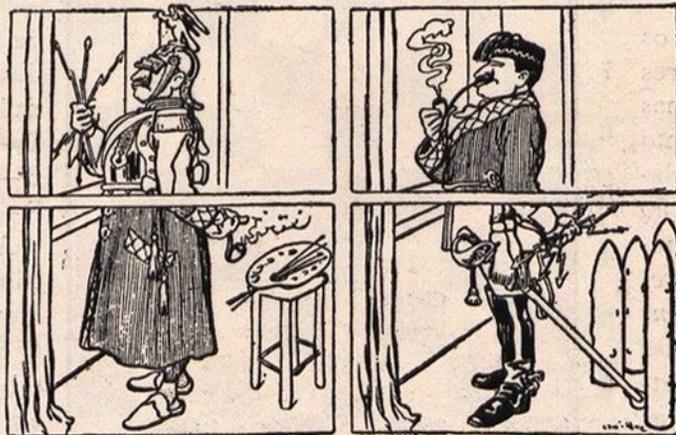
Ao reunir-se a conferencia, o delegado allemão Radowitz declarou que n'ella não haveria vencedores nem vencidos. Os resultados justificam esta previsão.

Mas como nem a França nem a Alemanha ficaram plenamente satisfeitas, é de receiar que estes cinco annos proximos representem o intervallo de repouso *emquanto o pau vae e vem*. Depois veremos se continuarão a *folgar as costas*.

Na Russia

Vão proseguindo as eleições para a Duma, no meio de perturbações constantes. Não admira. Não é facil que o povo russo manifeste grande entusiasmo por um parlamento que não passará

de uma simples caricatura da assembléa nacional que lhe fôra promettida. O recente manifesto do Czar deitou por terra todas as esperanças. O conselho de Estado terá direitos eguaes aos da Duma. Os seus membros nomeados formarão uma maioria permanente, e o conselho terá direito de veto sobre as resoluções de Camara Baixa



AS METAMORPHOSES DO KAISER
Do "Figaro"



A ALLEMANHA A CAMINHO DA CONFERENCIA DA PAZ, PARTINDO DA CONFERENCIA DE MARROCOS.

*Uma viagemzinha nada facil!
Do "Lustige Blätter"*

Os ministros são apenas responsáveis perante a corôa. A' Duma não é permitido receber petições ou deputações, nem discutir o principio autocratico, e os seus membros devem assignar uma declaração de lealdade ao Czar como autocrata.

Uma comedia cujo desenlace poderá ser medonhamente tragico como muitas das peripecias já decorridas.

Mas apesar de todas as pressões e todas as violencias, o partido constitucional democratico tem triumphado em quasi todos os centros cultos do Imperio. O elemento reaccionista só pode contar com os rudes eleitores do campo, que ainda



COMO ACABARÁ ISTO?
Com tanta força se fuma em Algeciras o cachimbo da paz que ha risco de uma explosão geral.
Do "Wahre Jacob"

assim lhe darão porventura uma maioria esmagadora.

Na Hungria **D**UVIDOSA prosegue a situação na Hungria. O partido húngaro, enormemente forte, exigia a desnacionalização do exercito. Os chefes não queriam tomar conta do governo enquanto o imperador não acedesse a esta exigencia, e este recusava-se terminantemente. Devia-se proceder a novas eleições, para substituir o parlamento dissolvido; mas o partido nacionalista alcançaria nova victoria, e tudo ficaria como d'antes.

Á ultima hora, parece ter-se transigido de parte a parte. Formou-se um ministerio de concentração, em que entraram os elementos de opposição, e parece que as cousas estão sanadas temporariamente.



A INGLATERRA E A ITALIA EM ALGECIRAS

INGLATERRA — *Sempre te quiz bem, pequena. Chegou agora o enseio de mostrares a tua gratidão.*

Do "Pasquino,"

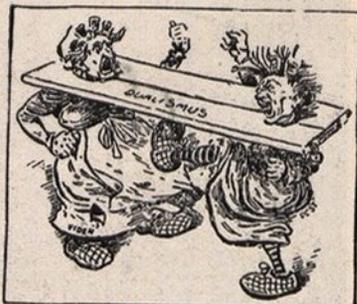
A serie **A**PÓS o desastre de Courrières, teve o seu quinhão de calamidades a Italia, tantas vezes experimentada por terríveis phenomenos sismicos e vulcanicos. O Vesuvio abriu as fauces, exigindo a sua ração periodica de povoações. Ficaram destruidos o Observatorio e o caminho de ferro funicular, e foi cercada pela lava a aldeia de Bosco Trecase. As aldeias circumvisinhas foram abandonadas, e o panico extendeu-se até mesmo a Napoles.



UMA TAREFA DIFFICIL!
*Aguentem bem as aduelas!
Mais tarde concertaremos o tonel.*
Do "Kladderadatsch"

Esta erupção teve uma repercussão formidavel. A florescente cidade de S. Francisco da California foi destruida quasi completamente por um horroroso terremoto, seguido de um incendio, como a nossa Lisboa no seculo XVIII. Foram menos de certo as victimas, porque numa cidade moderna, com largas avenidas e recursos superiores de salvamento, são naturalmente attenuados os perigos pessoases.

Mas os prejuizos materiaes foram enormes, elevando-se a centenas de milhões de dollares. O governo dos Estados Unidos votou importantes subsidios para acudir às victimas da catastrophe, e de todos os pontos do globo acorrem socorros e testemunhos de sympathia, n'este alento de confraternização humana, que é felizmente caracteristico do seculo XX.



A ASSOCIAÇÃO AUSTRO-HUNGARA SEGUNDO A VEM OS BOHEMIOS.

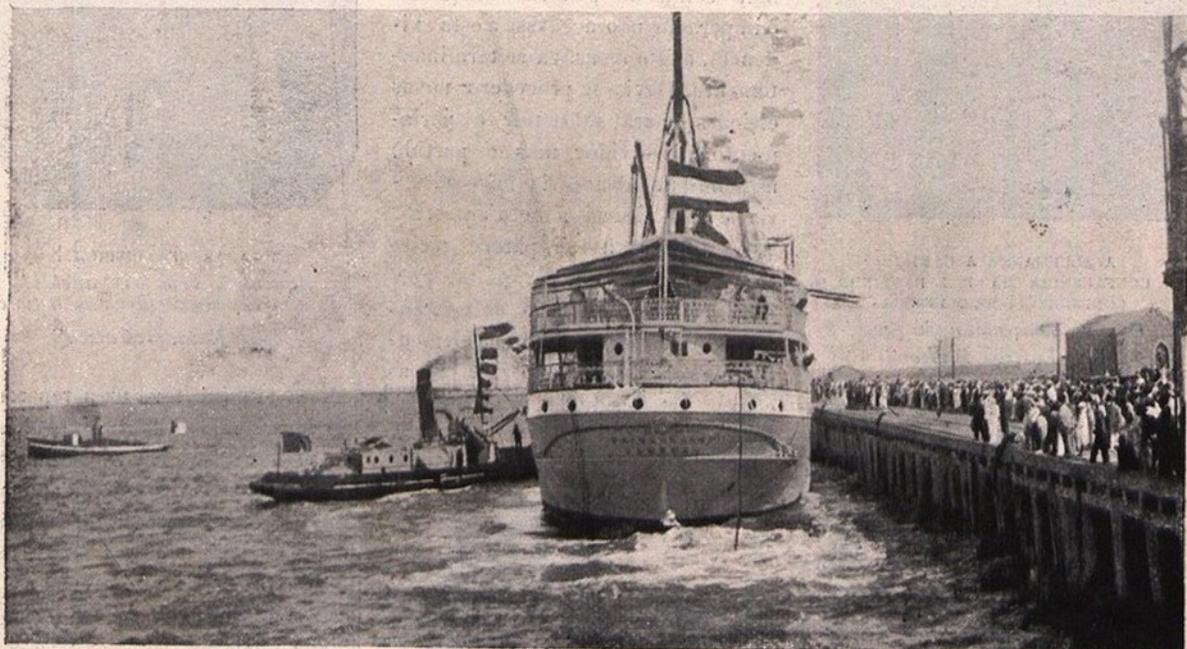
Do "Humoristische Listy"

Príncipes ingleses em colonias portuguezas da Africa do Sul, Suas Altezas os duques de Connaught, irmão e cunhada do Rei de Inglaterra, dignaram-se visitar alguns dos mais importantes pontos da nossa provincia de Moçambique. Estiveram em

Lourenço Marques e na Beira, e em ambas essas cidades foram recebidos com as honras devidas á sua alta categoria e com a sympathia natural a portuguezes quando se trata de festejar representantes d'esse grande paiz, tão estreitamente aliado a Portugal.

Como recordação d'essa visita,

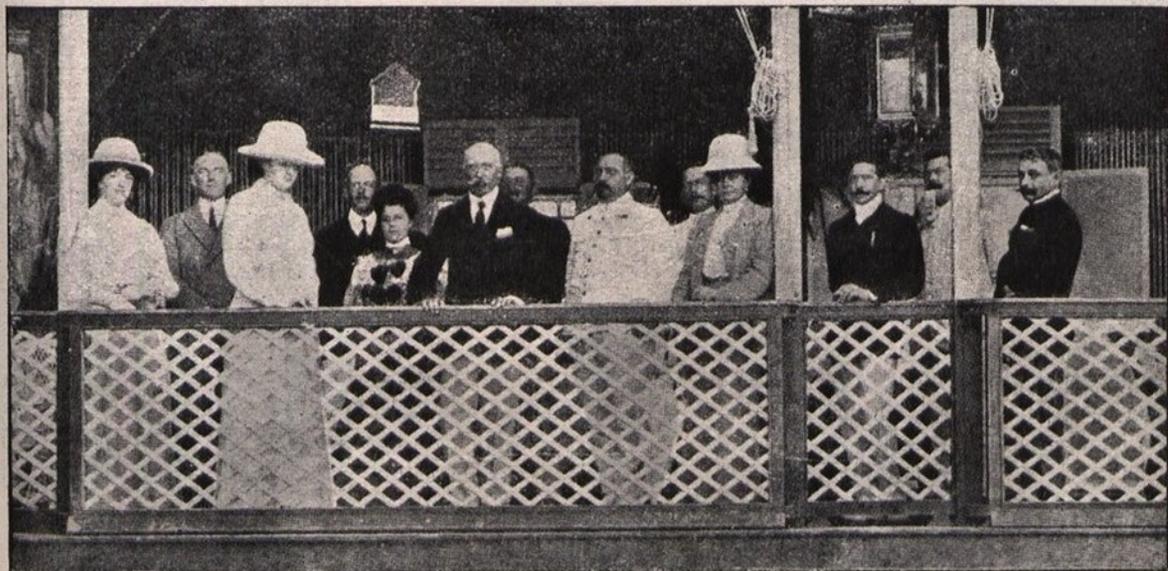
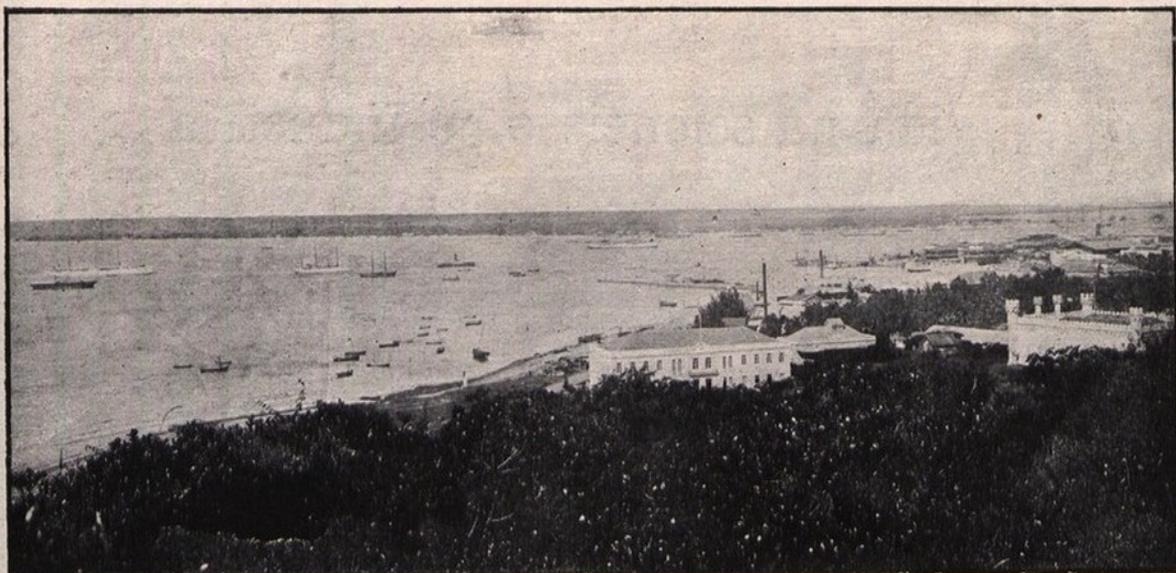
memoravel para a historia das nossas extensas e ricas possessões da Africa Oriental, recebemos uma serie de interessantes photographias que muitos inceramente agradecemos, e algumas das quaes publicamos com grande regosijo, sentindo ser nos impossivel desde já a reproducção de todas ellas.



O VAPOR «Prinz Regent», CONDUZINDO OS DUQUES DE CONNAUGHT, ATRACADO Á PONTE-CAES DE LOURENÇO MARQUES — DESEMBARQUE DE SUAS ALTEZAS



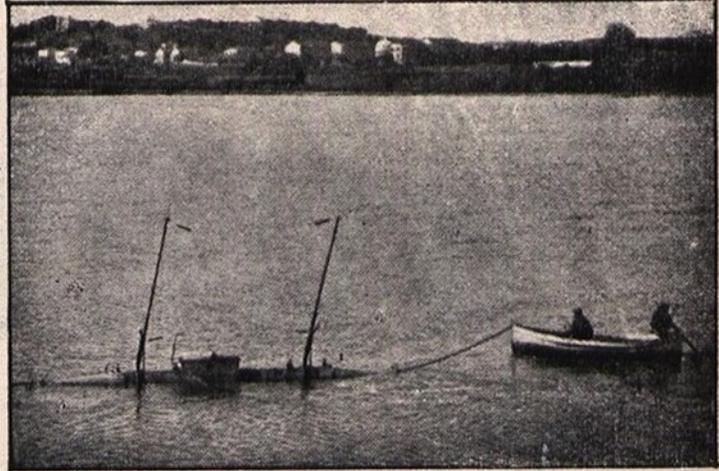
REVISTA DOS PRETOS DO COMMANDO MILITAR DE ZAVALLA, POR OCCASIÃO DAS FESTAS EM HONRA DOS DUQUES DE CONNAUGHT



I. VISTA DE UMA PARTE BAIXA DA CIDADE DE LOURENÇO MARQUES E DA BAHIA. — II. PARTIDA PARA O PALACIO DA PONTE VERMELHA APÓS A RECEPÇÃO. — III. OS DUQUES DE CONNAUGHT NA BEIRA

Vida na sciencia e na industria

Propulsor portatil de barcos **C**ONSISTE este novo invento n'um motor e um propulsor, ambos os quaes se podem fixar em poucos momentos a qualquer embarcação miuda, transformando-a n'um barco automovel. Actua ao mesmo tempo como propulsor e como leme, e pode dar uma velocidade de 5 a 10 milhas a uma embarcação contendo cinco ou seis pessoas. O motor de maiores dimensões, desenvolvendo a força de 2 1/2 cavallos, peza apenas pouco mais de 40 kilogrammas.



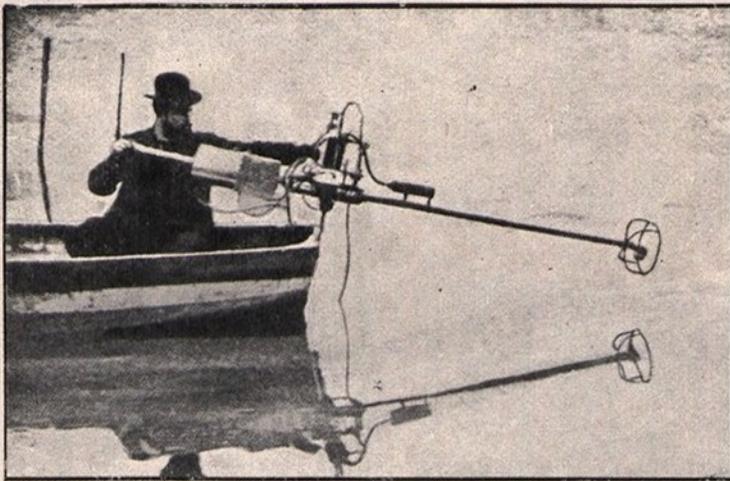
NOVO TORPEDO COM APLICAÇÃO DO TELEKINO

Novo torpedo com applicação do Telekino **E**XPERIMENTOU-SE ultimamente em Antibes um novo torpedo que aproveita eficazmente o aparelho a que no nosso numero 7 nos referimos, inventado pelo engenheiro hespanhol Torres

Sonda electrica de metaes **C**ONSTA esta nova sonda de um aparelho de indução de forma especial, ligado ao telephone para indicar a pre-

primario é continua e rapidamente interrompido enquanto o fio não está proximo de nenhum metal ou material magnetico, não se ouve som algum no telephone, visto que todas as influencias inductivas são eguaes e oppostas: mas no caso contrario, o equilibrio é perturbado e ouve-se um som no telephone.

Pode-se usar com vantagem esta



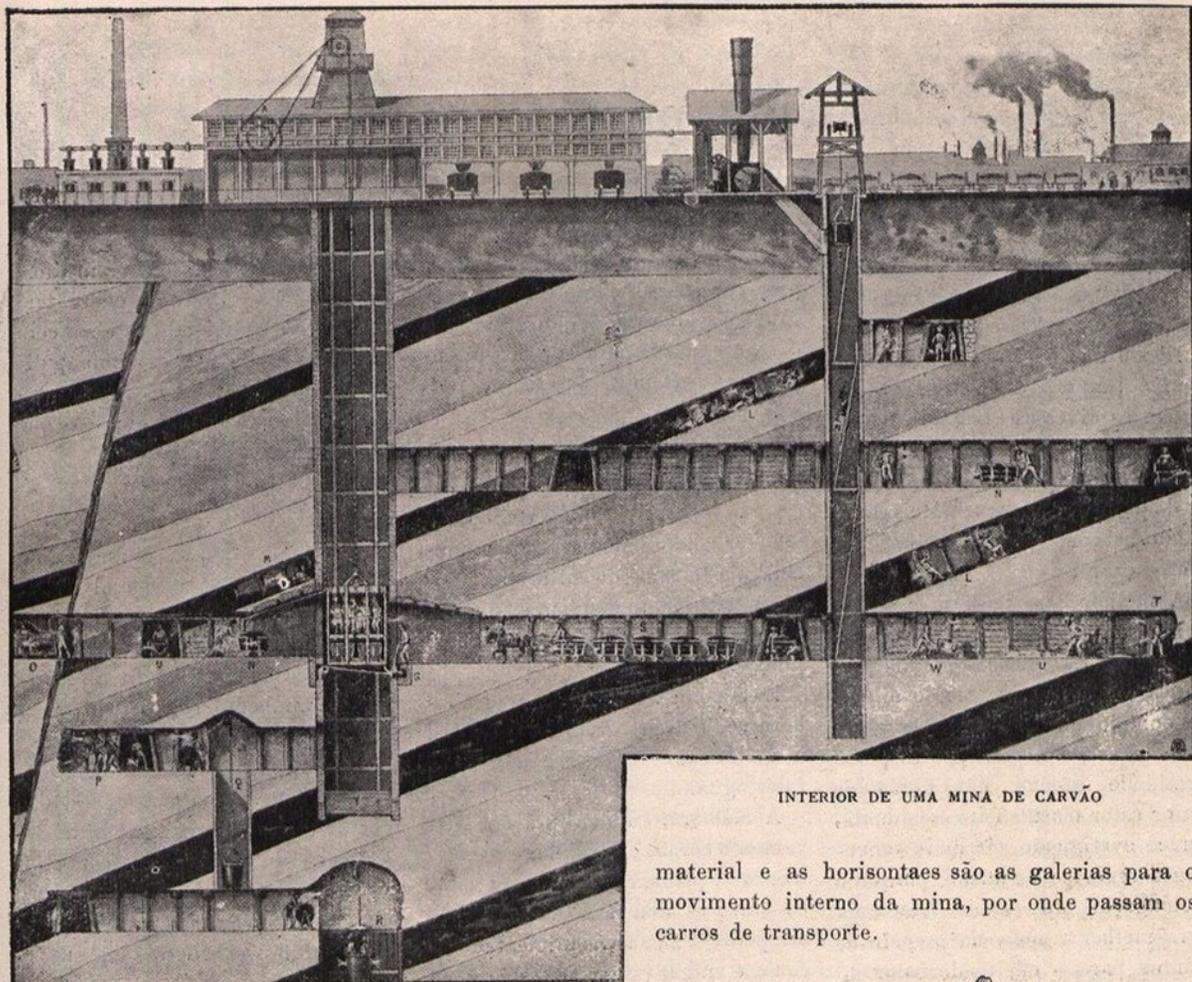
PROPULSOR PORTATIL DE BARCOS

Quevedo. É guiado pelas ondas Hertzianas (telegraphia sem fios), e pode por conseguinte dar-se lhe a direcção de terra ou d'um navio sem intervenção de quaesquer ligações materiaes, no sentido commum de palavra. Os mastros é que recebem a corrente de governo.

sença de metaes. Este appareho consiste n'um fio primario de arame grosso ligado a uma bateria e a um rapido interruptor automaticó. O fio secundario é de arame fino, disposto exactamente em angulo recto com o outro, e ligado ao telephone. Se o circuito



SONDA ELECTRICA DE METAES



INTERIOR DE UMA MINA DE CARVÃO

material e as horisontaes são as galerias para o movimento interno da mina, por onde passam os carros de transporte.

sonda no fundo do mar, ao longo de costas escarpadas, em poços e perfurações, e em terrenos abundantes de metaes que não estejam muito profundos, passando simplesmente com ella por sobre ou perto d'estas superficies.

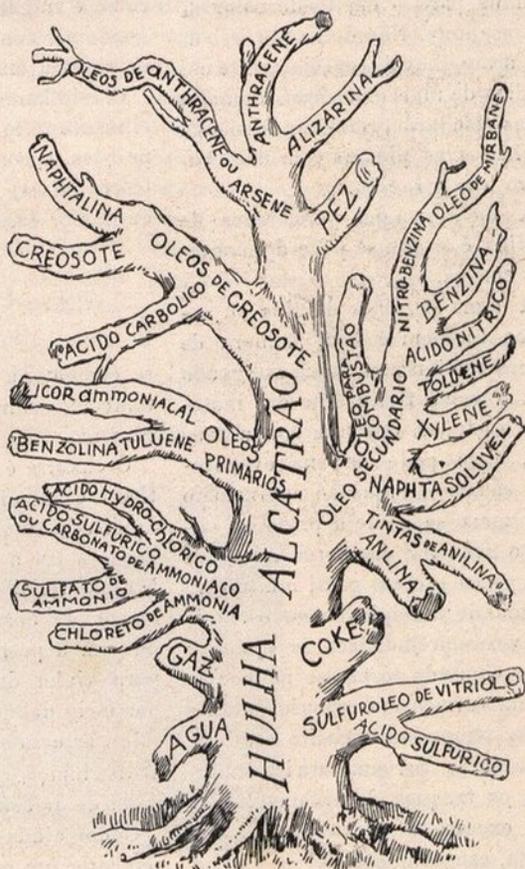
Minas de carvão **A** recente e tremenda catastrophe de Courrières, o mais mortifero desastre de minas de que resa a historia, dá uma palpitante actualidade ás duas illustrações que apresentamos. A primeira d'ellas é uma arvore schematica, por onde se afere a riqueza extraordinaria do carvão mineral, mostrando todos os productos que directa e indirectamente d'elle se extraem. Eis a explicação dos sacrificios que a industria humana se vê forçada a exigir dos mineiros, em vista da larga compensação do capital empregado.

A outra mostra claramente o interior de uma mina de carvão, esse

mundo subterraneo onde vivem milhares de operarios, na imminencia de perigos horriveis, como esse que produziu o tragico desenlace de Courrières em que mais de mil homens foram victimados.

As raias negras obliquas representam os veios ou filões de carvão exploravel, comprehendidos entre camadas de schistos e terras hulfiferas. A's vezes são bruscaamente cortados ou desviados por accidentes geologicos, como se vê á esquerda da figura.

As aberturas verticaes são os poços de entrada e sahida do pessoal e do



PRODUCTOS DA HULHA

Vida nos campos

MAIO

Jardins

ESTAMOS no mez especial das flores.

N'este mez vigia-se pela boa ordem e limpeza de terras em que vivem as diversas plantas, sachando-as para augmentar o effeito da acção do sol e do ar, desafrontando-as de plantas nocivas e inuteis, e regando-as com toda a regularidade e attenção.

A melhor hora para se proceder ás regas é aquella, em que a evaporação rapida da agua não venha prejudicar a sua acção. Sendo alguns de opinião que durante o calor se deve regar de manhã, para que a humidade atenuie nas horas de maior calor o seu effeito escaldante, parece averiguado ser mais conveniente regar-se de tarde, porque a prolongação do estado fresco da terra melhor resistencia prepara ás plantas para o effeito do calor do dia seguinte. Não deixa por isso de ser aconselhavel, especialmente nos jardins de mais exposição, alem das regas pela tarde, refrescar de manhã o chão e as plantas com um chuveiro leve e rapido.

A melhor agua para regas de jardins é a que se póde aproveitar das chuvas.

A agua corrente de rios ou regatos tambem é boa, embora de menos confiança. A agua estagnada tem o valor fertilizante das materias organicas que traz em suspensão, mas pode na sua evaporação causar doenças ao apaixonado que mais se demora preso ao encanto seductor das flores. As aguas dos poços são em geral muito carregadas de principios calcareos, muitas vizes prejudiciaes ás plantas: pode comtudo tornar-se melhor se a demorarmos em repouso durante algum tempo em deposito bem exposta ao ar. Servem para isto muito bem os tanques de ornamentação.

O excesso de agua prejudica a planta, especialmente se o terreno

não tem a permeabilidade necessaria para regeitar esse excesso. Em vaso convem deitar no fundo areia, pedras ou matto para evitar a retenção de aguas junto ás raizes.

Horta

A' maneira que o calor vae apertando, se

vão tornando mais necessarias tambem n'este ramo de cultura as regas dos talhões tanto de plantação nova, como já em plena produção de hortaliças.

É este o mez de se plantarem aboboras, cujo desenvolvimento tão facil e interessante se torna onde não falte agua,

A abobora, cuja cultura é relativamente barata e facilima, é um alimento de primeira ordem para todos os animaes domesticos. Longe de ser pobre a sua acção alimentadora, como é vulgar julgar-se, está averiguado por analyses ser de uma grande riqueza em elemento nutritivo.

O retalhamento da abobora é facilmente feito á faca, para pequenas porções, e com machinas especiaes (corta-raizes) para o seu consumo em maior escala.

Vinha

Nas vinhas começa a enxofração dos cachos para se combater a apparição do oídium, tambem conhecido pelo nome de *cinzeiro*.

O enxofre é o remedio mais pratico e economico para este mal, e é applicado, bem pulverisado, sacudindo sobre a videira pequenos tubos de folha de tampa perfurada, saccos de borracha, ou folles com ou sem deposito de folha, e ainda para vinha de maior importancia por meio de aparelho que disposto sobre as costas do operario permite a distribuição perfeita com a agulheta de ar comprimido.

Como ainda se torna necessario combater um outro mal que flagela

a cepa por esse tempo, e o remedio a empregar é o sulfato de cobre, tem a industria combinado este sal com o enxofre para que se possam applicar ao mesmo tempo os dois productos n'um só trabalho; é o que chamam enxofres cupricos.

Campo

VAE caminhando o desenvolvimentto dos trigos

para a sua completa maturação.

Se as circumstancias foram favoraveis, tambem se desenvolveu a herva nas terras destinadas a pastos, ou nos prados, e o lavrador trata de a cortar para com ella alimentar o gado de mangedoura.

O corte da herva faz-se com foices, gadanhas ou machinas tiradas por animaes segundo a quantidade de trabalho a executar, ou a applicação a dar á herva.

Pode esta ser cortada á foice se é necessario trazer para a arribana apenas o bastante para o consumo de cada dia; quando porem se quer fazer um corte mais abundante para arrecadar, o processo é diferente.

Cortada a herva fica no chão exposta ao ar e acção do sol para que evaporada a agua que contem, possa ser mudada sem perigo de fermentação. Não deve porem ficar ali abandonada, pois que, sendo a evaporação da agua produzida pela acção de elementos que veem de cima, torna-se esse effeito mais moroso ou nullo nas camadas inferiores em contacto com a terra mais ou menos humida. É preciso virar a herva para a sua perfeita preparação. Servem para esse effeito as forquilhas para o trabalho normal, ou machinas especiaes chamadas *penadeiras* puxadas por animaes.

Transformada assim a herva em feno, pode ser conservada indefinidamente e constitue uma rica alimentação para toda a qualidade de gado estabulado.

Era para desejar que os nossos lavradores prestassem a sua attenção á cultura racional da herva e sua preparação, porque não tem comparação a sua utilidade alimentar com a da palha de trigo cuja applicação para este fim só se justifica como aproveitamento de um residuo nas debulhas a pé de gado, e que o habito leva a exigir como producto imprescindivel nas modernas debulhas á machina.

Nos paizes em que reina mais humidade, torna-se moroso e muitas vezes mesmo impossivel seccar convenientemente a herva, e então é

esta arrecudada antes da completa evaporação da agua que contem. Para evitar então a fermentação natural que se estabeleceria, torna-se necessario defendel-a da acção do oxygenio do ar e para isso tem de ficar bem comprimida e coberta. Chama-se a este processo *ensilagem* e está muito em uso especialmente na America, Inglaterra e outros paizes, começando já ultimamente a ser empregado entre nós, não que nós não possuíssemos um clima mais favoravel á preparação da herva, mas por ser esse meio de conservação mais pratico e economico.

As nossas terras de pastagem, se não teem as vantagens que o estudo alcançou poderem obter-se, como qualidades mais resistentes ao calor, vegetação sufficiente para repetidos córtes, teem o encanto, para nós sufficiente, de ser espontanea a sua produção, e essa matisada de lindas papoulas de um veru elho vivissimo, e das poeticas boninas e malmequeres que tantas revelações fornecem aos apaixonados e apaixonadas, sempre desejosos de levantar uma pontinha ao veo que lhes encobre o futuro da vida.

Vida no sport

Jogos olympicos em Athenas

Sob a presidencia do Principe Real da Grecia, realisa-se em Athenas, de 22 de abril a 2 de maio, a mais importante serie de Jogos Olympicos desde a revivescencia d'este exercicio classico, a qual data de alguns annos.

Todas as nações civilizadas foram convidadas para se fazerem representar pelos individuos mais distinctos no *sport* athletico. Mas um tal acontecimento tem, alem da sua importancia profissional, um alcance social que não se póde negar, pela solidariedade internacional a que serve de estimulo.

Realizam-se os Jogos Olympicos Internacionais no Stadion Panatheniano. Os concursos são variadissimos, incluindo corridas pedestres, corridas de cestos, tiros de diversas especies, entre elles o disco, a pedra e a arma de fogo, lucta athletica, *lawn-tennis*, *football*, natação, mergulhagem, remos, e até a arte do bicyclo, muito popular entre os gregos.

Só é permittida a entrada de amadores, designando-se sob esta classificação todos os individuos que nunca

competiram para um premio em dinheiro, nem accitarem remuneração pelos seus exercicios, nem sejam atletas profissionais, permittindo-se-lhes comtudo o receber indemnisação pelas suas despezas de viagem.

Entrementes, ha desde já grande affluencia para exercicios preparatorios no Stadion, o qual foi organizado por Lycurgo na primeira metade do quarto seculo A. C. Tem cerca de 200 metros de comprimento por 43 de largo e pode accomodar 40:000 espectadores.

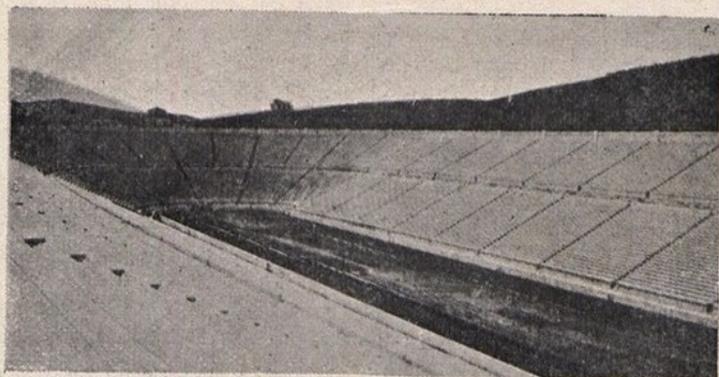
Automoveis electricos

EXPERIMENTOU-SE ultimamente, sob os auspicios do Automobile Club de França, um vehiculo de motor electrico, construido pelo conhecido estabelecimento dos Vedrines, de Neuilly. É um cab de tres logares, provido de

acumuladores Agathos com capacidade de 250-ampére-hora, e pesando 700 kilos. O cab andou 62 milhas e meia de uma assentada, com a velocidade media de 21 milhas por hora. É este um grande progresso sobre os carros electricos até hoje usados, nos quaes o limite para os acumuladores não passa geralmente de 30 milhas. Esta capacidade dupla de distancia acrescentará sem duvida a utilidade pratica d'este vantajoso meio de locomoção. Crescerá a voga dos vehiculos electricos se acaso, como agora se afigura possivel, se poderem usar mais poderosos acumuladores sem augmentarem anormalmente o seu peso.

O Jiu-Jitsu na policia franceza

O exercicio japonnez, ao qual consagramos um artigo especial no nosso numero 4, vae-se generalizando na Europa. Mr. Lépine, commissario chefe da policia franceza, organizou ultimamente um curso de jiu-jitsu para os policias de Paris, afim de que elles estejam adextrados no meio de defeza pessoal, que é actualmente considerado de maior efficacia.



O GRANDE STADION DE ATHENAS

Vida na arte



O ESCULTOR ANATOLE CALMELS

O Escultor Calmels **P**ODE dizer-se que a arte portugueza acaba de perder um dos seus mais insignes cultores na pessoa de Anatole Calmels, porque, embora o artista não fosse portuguez de nascimento, tinham-no nacionalizado dezenas de annos de permanencia entre nós assim como os numerosos trabalhos que deixou no nosso paiz. Avulta entre elles o bello grupo que encima o Arco de Triunpho da Rua Augusta, deixando o seu nome ligado á consagração das glorias de Portugal.

O velho artista, retirado ha annos, pouco trabalhava. A sua ultima obra foram, cremos, as duas cariatides que ladeiam o portal do Palacio Palmella. A sua morte foi muito sentida no mundo da arte, onde todos o veneravam como mestre.

A nova peça de Donnay **R**EPRESENTOU-SE no theatro Francez o drama de Donnay, *Paraitre*, o qual não parecee acrescentar muito á gloria do dramaturgo. Versa sobre a força dissolvente da opulencia

numa familia da alta burguezia. Em consequencia do casamento de uma menina d'essa familia com um millionario, alteram-se para ma todos os austeros costumes do lar. O pae arranja uma amante, a esposa do filho cae nos braços do cunhado millionario, mais talvez por ambição que por amor, finalmente esse perturbador da virtude domestica é morto por um tiro do marido atraído.

Thema de pouca novidade, defendido pelo brilhantismo do dialogo, erriçado de pontas satyricas, e tentando rejuvenescer-se por um acto de sobreposse, como epilogo, depois do natural desenlace.

Fonte monumental **I**NAUGUROU-SE no Rio de Janeiro Jardim da Gloria, no Rio de Janeiro, a fonte monumental que os commerciantes do Porto, srs. Adriano Pinto Ramos & Irmão, offereceram áquella capital.

A precipitação com que era mister realizar a offerta não permitiu que ella fosse trabalho de portuguezes, como desejavam os offerentes, que n'esse intuito se dirigiram ao eminente escultor Teixeira Lopes. Como este artista não podesse encargar-se da execução do monumento, foi elle confiado a um escultor francez, que d'essa missão se desempenhou com intelligencia. Se não produziu uma obra prima, fez pelo menos

um monumento interessante e imponente. O material é magnifico marmore italiano. No alto ergue-se a figura do Amor. Em baixo tres mulheres de bella esculptura saudam essa figura symbolica. A agua despenha-se em tres golphões sobre a larga taça de desenho sobrio e elegante

Celebridades musicaes em Lisboa

Foi Lisboa ultimamente o prazado de umas poucas de celebridades lyricas. Os maestros Leoncavallo, Giordano e abba Perosi honraram neccessivamente a cadeira do maestro de orchestra, regendo obras suas, em que pela novidade se notabilisaram as oratorias do ultimo, *Moyses e Resurreicção de Christo*. O illustre Saint Sâens mostrou no piano e no orgão as suas admiraveis facultades, e per ultimo Paderewski arrebatou o auditorio com a excentricidade, por vezes genial, da sua execução.



FONTE MONUMENTAL NO JARDIM DA GLORIA (RIO DE JANEIRO)